

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE

INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de
Mestre em Arquitetura, especialização em Interiores e
Reabilitação do Edificado

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Professor Doutor João Pernão

JÚRI

PRESIDENTE: Professor Doutor José Cabido

VOGAL: Professora Doutora Bárbara Massapina Vaz

VOGAL: Professor Doutor João Pernão

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA ULisboa, janeiro de 2020



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE

INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

*Architecture is about the understanding of the world
and turning it into a more meaningful and humane place.*

Juhani Pallasma

RESUMO

O presente Projeto Final de Mestrado tem como propósito a criação de um equipamento de cariz cultural e coletivo na freguesia de Marvila.

A área envolvente ao lote a intervir é marcada por uma paisagem de carácter industrial onde ainda é comum avistar grandes chaminés e armazéns. A presença das linhas de comboio – a linha de Cintura e a linha de Sintra, permitiram o contacto de Marvila com a restante cidade de Lisboa, mas fez com que o território se fragmentasse criando duas “Marvilas” distintas: uma “Marvila velha” à beira rio e uma Marvila mais moderna, mas descaracterizada. Ainda é uma área da cidade um pouco esquecida apresentando uma população maioritariamente envelhecida muito propícia ao isolamento social, algo que deve de ser combatido.

A implementação de um Equipamento Cultural pretende dar resposta a alguns destes problemas apresentados que afetam a comunidade da freguesia. Procura ser um espaço que tem como objetivo revitalizar Marvila, funcionando como um ponto de encontro entre variadas culturas e gerações, onde a convivência entre os habitantes de toda a comunidade, troca de conhecimento e vivências são pretendidas - um centro de reunião intergeracional.

O Projeto Final de Mestrado divide-se em duas partes. A primeira de carácter teórico que permitiu adquirir e aprofundar temáticas de forma a desenvolver uma proposta prática mais indicada às necessidades do local e dos seus habitantes, temas esses: Reabilitação, Conservação e Restauro, Perceção do Espaço incidindo sobre a Luz, Cor e Matéria e, também, Património Industrial.

PALAVRAS-CHAVE:

1. Marvila
2. Reabilitação
3. Património Industrial
4. Perceção do Espaço
5. Comunidade

Na componente prática, insere-se o estudo de diversos exemplos práticos da Arquitetura a ter em conta, de modo a alcançar a melhor solução de projeto. Foi também desenvolvida uma análise aprofundada da freguesia de Marvila de modo a perceber as suas mudanças morfológicas e sociais e, de seguida, a descrição detalhada do projeto elaborado com o processo de trabalho anexado.

ABSTRACT

This present Master's Final Project aims to create a cultural and collective equipment in the parish of Marvila.

The surrounding area of the intervening plot is marked by an industrial landscape where it is still common to see large chimneys and warehouses. The presence of the railway line – the Cintura line and the Sintra line, allowed Marvila to connect with the rest of the city of Lisbon, but caused the territory to fragment into two distinguished “Marvilas”: an “old Marvila” by the river side and a more modern but uncharacterized Marvila. It is still a somewhat forgotten area of the city with a mostly aged population very prone to social isolation, something that must be fought.

The implementation of a Cultural Equipment intends to answer some of these problems that affect the parish community. It seeks to become a place that aims to revitalize Marvila, functioning as a meeting point between various cultures and generations, where the coexistence between the inhabitants of the entire community, the exchange of knowledge and life experiences are intended.

The Master's Final Project is divided into two parts. The first of a theoretical nature allowed the acquisition and deepening of themes in order to develop a practical proposal best suited to the need of the place and its inhabitants, themes such as Rehabilitation, Conservation and Restoration, Space Perception focusing on Light, Color and Matter, and Industrial Heritage.

The practical component includes the study of several practical examples of architecture to be considered in order to achieve the best design solution. An in-depth analysis of the parish of Marvila was also developed in order to understand its morphological and

KEY-WORDS:

1. Marvila
2. Rehabilitation
3. Industrial Heritage
4. Perception of Space
5. Community

social changes, and the detailed description of the project elaborated, with the work process attached.

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento ao Professor Doutor João Pernão, pelo apoio, dedicação e pela paciência ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Pelos conhecimentos que me transmitiu e por ter fortalecido o meu gosto pela arquitetura.

A toda a minha família pelo apoio constante, carinho e presença. Em especial aos meus pais e irmãs, pela paciência ao longo destes anos, pelos sacrifícios e pelos valores e educação que me transmitiram.

Ao Danilo, por todos os momentos de alegria, por toda a paciência e por ter sempre acreditado em mim e nas minhas capacidades.

A todos os meus amigos e a todos aqueles que de certo modo ajudaram na concretização deste trabalho. Em especial ao David, Selma, Viviana, Sara, Ana, Carolina, Rodolfo, Proteek e Mourão.

ÍNDICE

RESUMO	ii
ABSTRACT	iv
AGRADECIMENTOS.....	vi
ÍNDICE DE FIGURAS	x
01 INTRODUÇÃO.....	2
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO	4
1.2 QUESTÕES DE PARTIDA	5
1.3 OBJETIVOS	5
1.4 METODOLOGIA.....	6
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	7
02 ESTADO DA ARTE	10
2.1 REABILITAÇÃO, CONSERVAÇÃO E RESTAURO	12
2.2 PERCEÇÃO DO ESPAÇO	20
2.2.1 LUZ.....	21
2.2.2 COR.....	25
2.2.3 MATÉRIA.....	31
2.3 PATRIMÓNIO INDUSTRIAL.....	34
2.4 ADEQUAÇÃO DO PROGRAMA AO LOCAL	38
2.4.1 CASOS DE REFERÊNCIA	42
03 MARVILA.....	52
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	54
3.2 EVOLUÇÃO INDUSTRIAL EM MARVILA	61
04 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	64
4.1 PROPOSTA URBANA	66
4.2 PROGRAMA	68
4.3 DESCRIÇÃO DE PROJETO.....	70
05 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
06 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
07 ANEXOS.....	96
PROCESSO DE TRABALHO.....	98
FOTOGRAFIAS DAS MAQUETES.....	116
DESENHOS TÉCNICOS (PAINÉIS DOCUMENTO PROVISÓRIO) ..	120
DESENHOS TÉCNICOS (PAINÉIS FINAIS)	122

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Estudo da fachada da igreja Santa Maria Novella, Florença por Leon Battista Alberti Fonte: https://www.reddit.com/r/architecture/comments/94rqml/the_geometrical_proportions_of_the_facade_of_the/	13
Figura 2: Igreja de Sainte-Geneviève, pintura de Jérôme Charles Bellicard, 1757. Fonte: https://www.cca.qc.ca/en/articles/issues/9/let-us-assure-you/32749/the-political-life-of-a-building	15
Figura 3: Espectro Eletromagnético Fonte: Infopedia.pt	21
Figura 4: A Luz no espaço Arquitetónico. Termas de Vals, Peter Zumthor Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798132/termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra/580fb3d4e58ecef6700008f-termas-de-vals-de-peter-zumthor-nas-lentes-de-fernando-guerra-foto?next_project=no	22
Figura 5: Comportamento da luz no Panteão de Roma por Desgodetz, 1684. Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Disegno-di-Desgodetz-sullilluminazione-naturale-del-Pantheon-Desgodetz-1682_fig3_294580137 .	23
Figura 6: a Cor na Arquitetura Fonte: https://www.archdaily.com/802726/the-paradise-of-color-atelier-alter	26
Figura 7: Fachada do Jardim de Infância Fonte: https://www.archdaily.com/802726/the-paradise-of-color-atelier-alter	27
Figura 8: A Cor em Interiores Fonte: https://www.archdaily.com/802726/the-paradise-of-color-atelier-alte	27
Figura 9: a pedra e os seus múltiplos acabamentos. Peter Zumthor – Museu Kolumba, Colónia. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/877403/museu-kolumba-de-peter-zumthor-pelas-lentes-de-rasmus-hjortshoj/5988c937b22e38dac6000138-museu-kolumba-de-peter-zumthor-pelas-lentes-de-rasmus-hjortshoj-foto?next_project=no	31
Figura 10: A Matéria em consonância com a Luz Capela de Bruder-Klaus, Peter Zumthor Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798788/capela-de-campo-bruder-klaus-de-peter-zumthor-pelas-lentes-de-aldo-amoretti/581389d2e58e9678000313-peter-zumthors-bruder-klaus-field-chapel-through-the-lens-of-aldo-amoretti-photo	32
Figura 11: a Central Tejo Fonte: https://www.fundacaoedp.pt/	35
Figura 12: Fábrica de Tabacos de Xabregas Fonte: http://www.museudelisboa.pt/ - J. Pedrozo (1859)	35
Figura 13: o Theatro antes de ser reabilitado Fonte: http://www.ncrep.pt/view.php?id=14731	43

Figura 14: o Theatro já depois da reabilitação Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/878139/theatro-mimool-arquitectura-and-design-de-interiores	43
Figura 15: a zona de refeições e o bar Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/878139/theatro-mimool-arquitectura-and-design-de-interiores	43
Figura 16: detalhe da fachada Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/878139/theatro-mimool-arquitectura-and-design-de-interiores	44
Figura 17: a Mouradia antes da reabilitação Fonte: http://www.arteria.pt/portfolio/edificiomanifesto_7.html	45
Figura 18: a Mouradia depois do processo de reabilitação Fonte: http://www.arteria.pt/portfolio/edificiomanifesto_7.html	45
Figura 19: a zona da cafetaria Fonte: https://www.timeout.pt/lisboa/pt/coisas-para-fazer/9-aniversario-renovar-a-mouraria	46
Figura 20: a fachada da antiga Escola Fonte: http://latribunadelbergueda.blogspot.com/2015/06/antigues-escoles-de-sant-sadurni-danoia.html	47
Figura 21: a fachada após a reabilitação Fonte: https://www.archdaily.com/906618/sant-sadurni-danoia-cultural-center-and-archive-library-taller-9s-arquitectes	47
Figura 22: o pátio onde se observam os dois corpos em simultâneo sem se tocarem Fonte: https://www.archdaily.com/906618/sant-sadurni-danoia-cultural-center-and-archive-library-taller-9s-arquitectes	47
Figura 23: o pátio onde se observam os dois corpos em simultâneo sem se tocarem Fonte: https://www.archdaily.com/906618/sant-sadurni-danoia-cultural-center-and-archive-library-taller-9s-arquitectes	48
Figura 24: Planta do piso térreo Fonte: https://www.archdaily.com/906618/sant-sadurni-danoia-cultural-center-and-archive-library-taller-9s-arquitectes	48
Figura 25: Esquema volumétrico com a representação dos vazios criados Fonte: https://www.archdaily.com/915851/jordi-and-anna-interior-renovation-hiha-studio	49
Figura 26: O interior da habitação onde é perceptível a amplitude do espaço e os rasgos verticais no piso superior Fonte: https://www.archdaily.com/915851/jordi-and-anna-interior-renovation-hiha-studio	49
Figura 27: esquema lumínico na habitação Fonte: https://www.archdaily.com/915851/jordi-and-anna-interior-renovation-hiha-studio	50

Figura 28: Pormenor da materialidade	
Fonte: https://www.archdaily.com/915851/jordi-and-anna-interior-renovation-hiha-studio	50
Figura 29: Freguesia de Marvila em contexto com o concelho de Lisboa	
Fonte: do autor	54
Figura 30: Mapa dos foros de Marvila em 1752	
Fonte: Matos, J. S. e Paulo, J. F. (1999) Caminho do Oriente: Guia Histórico II, Lisboa. Livros Horizonte	54
Figura 31: Pormenor da Carta das Linhas de Fortificação de Lisboa (1835)	
Fonte: Matos, J. S. e Paulo, J. F. (1999) Caminho do Oriente: Guia Histórico II, Lisboa. Livros Horizonte	55
Figura 32: Marvila, 1911	
Fonte: Silva Pinto	56
Figura 33: Mirante da Quinta do Marquês de Marialva	
Fonte: do autor	56
Figura 34: Interior do Mirante da Quinta do Marquês de Marialva	
Fonte: http://ruinarte.blogspot.com/2010/06/o-mirante-da-quinta-do-marques-de.html	56
Figura 35: Pormenor do interior do Mirante	
Fonte: http://ruinarte.blogspot.com/2010/06/o-mirante-da-quinta-do-marques-de.html	57
Figura 36: Palácio da Mitra visto a partir do Tejo	
Fonte: Estúdios Mário Novais, CML.....	57
Figura 37: Palácio da Mitra	
Fonte: do autor	57
Figura 38: Interior do Palácio da Mitra	
Fonte: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72611/	58
Figura 39: Pormenor da escadaria do Palácio	
Fonte: Matos, J. S. e Paulo, J. F. (1999) Caminho do Oriente: Guia Histórico II, Lisboa: Livros Horizonte, p. 127.	58
Figura 40: Convento de Marvila	
Fonte: José Vicente - http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=610	59
Figura 41: Painel de azulejos numa das fachadas do Convento	
Fonte: José Vicente - http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=610	60
Figura 42: Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca	
Fonte: do autor	61
Figura 43: José Domingos Barreira & C. ^a	
Fonte: do autor	61

Figura 44: a área onde se inseria a Sociedade Nacional de Sabões nos anos 70. Fonte: Folgado, D. e Custódio, J. (1999) Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, p. 130.	62
Figura 45: o conjunto fabril da antiga Fábrica da Cortiça Fonte: Jornal Público/ Rui Gaudêncio	62
Figura 46: Armazéns da antiga Fábrica de Cortiça da Quinta da Mitra Fonte: do autor	62
Figura 47: a Vila Pereira Fonte: do autor	63
Figura 48: o Geomonumento Fonte: do autor	66
Figura 49: as escadas que vencem os dois patamares. Fonte: do autor	66
Figura 50: Proposta Urbana Fonte: elaborado pelo autor.....	67
Figura 51: Alçado Fonte: elaborado pelo autor	70
Figura 52: Estacionamento e a sua organização Fonte: elaborado pelo autor	71
Figura 53: a receção em secção Fonte: elaborado pelo autor	71
Figura 54: Zona da receção do piso 0 Fonte: elaborado pelo autor	72
Figura 55: Localização da receção na planta (piso 0.) Fonte: elaborado pelo autor	72
Figura 56: Localização do restaurante na planta Fonte: elaborador pelo autor	73
Figura 57: Restaurante (piso 0) Fonte: elaborado pelo autor	73
Figura 58: O Auditório (piso1) Fonte: elaborado pelo autor	74
Figura 59: O Auditório em secção Fonte: elaborado pelo autor	75
Figura 60: Galeria (piso 1) Fonte: elaborado pelo autor	75
Figura 61: A Galeria em secção Fonte: elaborado pelo autor	76
Figura 62: Mobília desenhada para a Sala de Leitura Fonte: elaborado pelo autor	76

Figura 63: Sala de Leitura	
Fonte: elaborado pelo autor	76
Figura 64: localização da sala de leitura na planta (pisos 2)	
Fonte: elaborado pelo autor	76
Figura 65: as salas de workshops (pisos 2)	
Fonte: elaborado pelo autor	77
Figura 66: a sala desportiva (pisos 2)	
Fonte: elaborado pelo autor	78
Figura 67: A área administrativa (pisos 0)	
Fonte: elaborado pelo autor	79
Figura 68: área administrativa e gabinetes de apoio (pisos 2)	
Fonte: elaborado pelo autor	79
Figura 69: Localização dos duplexes em planta (pisos 3)	
Fonte: elaborado pelo autor	80
Figura 70: plantas e cortes da habitação tipologia A	
Fonte: elaborado pelo autor	81
Figura 71: Localização em planta das habitações de tipologia B (pisos 3)	
Fonte: elaborado pelo autor	82
Figura 72: Planta e Cortes da habitação de tipologia B	
Fonte: elaborado pelo autor	83
Figura 73: As materialidades da fachada e pavimento	
Fonte: do autor	84
Figura 74: Cor e materialidade	
Fonte: do autor	84
Figura 75: Cores e materialidades da habitação	
Fonte: do autor	85

01 | INTRODUÇÃO

1.1 | CONTEXTUALIZAÇÃO

Marvila, uma freguesia do concelho de Lisboa situada na zona oriente da cidade, é o cenário para este Projeto Final de Mestrado. Inserida numa área da cidade fortemente marcada pela indústria - antigas fábricas e vilas operárias, e com uma população deslocada da restante cidade, foi este o foco no desenvolvimento desta proposta - a (re)integração dos habitantes de Marvila na cidade de Lisboa e um estímulo à vida em comunidade. Apesar de, em Marvila, se ter assistido ao abandono de muitas das fábricas, armazéns, vilas e pátios, nos dias que correm parece que esse abandono se inverteu. Marvila é agora procurada pelos novos artistas que procuram espaços amplos para produzirem os seus trabalhos, mas também por famílias que procuram um lugar na cidade, longe da azáfama. Com todas estas mudanças a acontecer na freguesia notou-se, através da análise urbana da mesma, que falta um elo de ligação entre os novos e os antigos residentes. E é aí que a Arquitetura entra.

Inserido num lote vazio da Rua Capitão Leitão surge a proposta de um edifício de cariz cultural que alia espaços de usufruto para a população em geral e de todas as idades – daí o tema deste Projeto Final de Mestrado ser “Arquitetura para a Comunidade”, mas também direcionado para a habitação temporária devido às lacunas existentes nas grandes metrópoles inseridas nesta temática – sendo que os estudantes e profissionais deslocados são os principais afetados por este problema.

É um edifício que pretende responder às necessidades dos seus usuários tendo como foco o acesso à cultura. Temas como a Luz, a Cor e a Matéria serão imprescindíveis para a criação de espaços de qualidade arquitetónica.

1.2 | QUESTÕES DE PARTIDA

Q. 1 | De que forma pode um equipamento cultural criar uma dinamização e revitalização na freguesia de Marvila?

Q. 2 | De que forma se poderá proporcionar o usufruto do mesmo espaço arquitetónico por parte de diferentes grupos etários?

Q. 3 | Como permitir um melhor acesso à cultura e ao lazer aos residentes de Marvila e possíveis visitantes?

Q.4. | De que forma o uso de diferentes matérias, cores e fontes lumínicas, podem permitir uma alteração emocional e comportamental do utilizador?

Q. 5 | De que forma poderá a nova proposta arquitetónica integrar-se perante o edificado envolvente?

1.3 | OBJETIVOS

O. 1 | Averiguar e perceber as necessidades dos habitantes de Marvila perante a cultura e novos espaços de lazer.

O. 2 | Promover a intergeracionalidade entre os usuários do equipamento, de modo a que se desenvolvam atividades que englobem todas as idades e todos os grupos sociais.

O. 3 | Perceber as vantagens e a correta implementação da Luz, Cor e Matéria em prol dos usuários e possíveis residentes deste edifício.

O.4 | Criar espaços “de todos e para todos” com a cultura e o desporto como âncora.

O.5 | Desenvolver soluções de carácter urbano de forma a melhorar as acessibilidades da área, fortalecendo a sua ligação

ao Rio Tejo, mas também com a Rua de Marvila, que se insere numa cota superior à da Rua Capitão Leitão.

1.4 | METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, decidiu-se separá-lo em três fases.

A primeira fase é de carácter teórico, onde se começou por fazer uma seleção da bibliografia para o estudo dos diferentes temas a aprofundar neste Projeto Final de Mestrado: Património Industrial, Percepção do Espaço através da Luz, Cor e Matéria, Reabilitação, Conservação e Restauro e Equipamento Cultural. De seguida foi feita uma pesquisa alargada envolvendo os diferentes espaços a serem desenhados e as suas necessidades, em que se desenvolveram os casos de referência.

A segunda fase é marcada pelo desenvolvimento da componente prática, isto é, o desenvolvimento dos primeiros esboços, ideias e maquetes de estudo, atendendo aos objetivos iniciais para este projeto, com especial atenção à materialidade, à cor e à luz mais apropriadas para cada espaço arquitetónico. Foram feitas várias visitas ao local para perceber as necessidades deste e dos seus habitantes.

Na terceira e última fase foram unidas as duas fases anteriores, chegando ao produto final – aos desenhos técnicos, modelos digitais tridimensionais e maquetes com maior detalhe.

1.5 | ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho encontra-se dividido em 5 capítulos, sendo eles: Introdução, Estado da Arte, análise do local – Marvila, Proposta e as Considerações Finais.

No capítulo da Introdução é onde se pretende perceber as problemáticas do projeto. Aprofundando as questões de partida e os objetivos deste trabalho final de Mestrado, para que numa fase seguinte se obtenham as soluções adequadas. A metodologia – os métodos colocados em prática para a realização deste Projeto Final de Mestrado, assim como a estrutura do trabalho, também são temas abordados neste capítulo.

Passando ao capítulo do Estado da Arte, aí serão abordados temas com grande importância para a realização da componente prática do projeto, mas também para o entendimento da arquitetura, sendo eles: Reabilitação, Conservação e Restauro, a Perceção do Espaço – onde iremos abordar a Luz, Cor e Matéria, e o Equipamento Cultural e Coletivo onde estarão inseridos os casos de referência que apoiam a componente prática do projeto.

No capítulo seguinte, Marvila, abordar-se-á a freguesia onde se encontra o lote a intervir – será feita uma análise histórica do local, uma análise mais atual com as principais mudanças ocorrentes na área e a uma análise de cariz social.

O quarto capítulo será o capítulo para a abordagem da Proposta de projeto, incluindo a Proposta Urbana, o Programa e a descrição do projeto prático.

O sexto e último capítulo é reservado para as Considerações Finais, de forma a perceber se os objetivos iniciais e as questões de partida foram cumpridos e alcançados. Finalizando com a

bibliografia e *webgrafia* consultadas, e com os respectivos anexos com todo o processo de trabalho.

02 | ESTADO DA ARTE

2.1 | REABILITAÇÃO, CONSERVAÇÃO E RESTAURO

A Arquitetura nos emancipa do abraço do presente e nos permite experimentar o fluxo lento e benéfico do tempo. As edificações e cidades são instrumentos e museus do tempo. Elas nos permitem ver e entender o passar da história e participar em ciclos temporais que ultrapassam as nossas vidas individuais.

Juhani Pallasmaa (2011)

Pode-se afirmar que Reabilitação, Conservação e Restauro, são conceitos relativamente recentes na história da humanidade. Quando aplicados de forma correta na arquitetura, ou mesmo nas belas-artes, permitem às gerações do presente e do futuro reviver, de certo modo, o passado.¹

Para melhor se compreender estes três campos da Arquitetura, o melhor é conhecer-se a sua evolução no tempo. Começando pela transição da Antiguidade Clássica para a Idade Média, assiste-se a uma alteração do paradigma de uso dos edifícios destas épocas. As agitações sociais, políticas e económicas recorrentes na época obrigaram à reutilização de edifícios para fins Militares e/ou religiosos devido às suas características arquitetónicas.²

Na viragem para o período do *Quattrocento* surge um interesse pelas obras e edifícios do passado, incidindo nos vestígios pertencentes à época da Antiguidade Clássica, sendo a cidade de Roma o cenário principal. Estes mesmos edifícios começam a ser valorizados, considerados *“testemunhos da realidade de um passado que se consumou”*³.

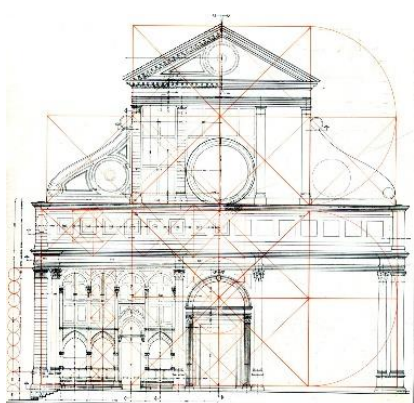


Figura 1: Estudo da fachada da igreja Santa Maria Novella, Florença por Leon Battista Alberti

Os Humanistas e Artistas da época debateram-se com ideais muito particulares em relação às obras da Antiguidade. Os Artistas *“formam o olhar”* dos Humanistas, *“ensinando-lhes a ver com outros olhos”*⁴. Em contrapartida, os Humanistas *“revelam aos arquitetos e aos escultores a perspetiva histórica e a riqueza da humanita greco-romana”*. Leon Battista Alberti (1404 - 1472) representou um importante papel na consolidação e estudo destes vestígios, *“testemunhos da história romana”*⁵. Foi um pioneiro no que diz respeito à arte de reabilitar e conservar. Uma das suas principais obras literárias foi o *De Re*

¹ Choay, F., (2001). *A Alegoria do Património*. São Paulo: Editora UNESP, p. 26.

² Aguiar, J., Appleton, J. & Reis Cabrita, A. (2002). *Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais*. Lisboa: LNEC, Pp. 5.

³ Choay, F., (2001). *A Alegoria do Património*. São Paulo: Editora UNESP, p. 45.

⁴ Idem, p. 49

⁵ Idem, p. 50

Aedificatori (publicado em 1486), considerado o primeiro Tratado da arquitetura dos tempos modernos onde se encontram expressos diversos temas, divididos por dez capítulos, relativos ao desenho arquitetónico, às regras de construção, à ornamentação e ao restauro. Apesar de a referida obra ter sido baseada numa outra de Vitrúvio (80 a 15 a.C.), *De Architectura*, Alberti procurou interpretá-la e criticá-la de forma a enriquecer os estudos sobre a arquitetura.

Alberti também propõe a conservação do monumento no seu estilo primitivo, a procura da simbiose entre o estilo antigo e as linguagens contemporâneas, e ainda, a ocultação ou recobrimento da estrutura antiga do edifício sob uma nova membrana, uma nova fachada.⁶ Propostas essas inseridas numa nova mentalidade fortemente ligada à conservação de edifícios. O arquiteto é encarregue pelo Papa Nicolau V de proceder ao levantamento topográfico da cidade de Roma, e também de *“conservar e colocar em destaque os grandes monumentos da Antiguidade”*.⁷

A Revolução Francesa foi um período de grande instabilidade política e social, o que provocou, não só na sociedade francesa da época, mas também um pouco por toda a Europa, alterações nas ideologias e crenças das sociedades. Dá-se uma quebra na esfera religiosa, entre o crente e a igreja, levando à extinção de várias ordens religiosas e, consequentemente, o abandono dos edifícios utilizados por essas mesmas ordens. Assim, os edifícios foram incluídos no Património do Estado e reutilizados com um fim público, como hospitais, escolas, universidades e quartéis.⁸

⁶ Aguiar, J., (2002). *Cor e cidade histórica – Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. Porto: FAUP Publicações, p. 35.

⁷ Choay, F., (2001). *A Alegoria do Património*. São Paulo: Editora UNESP, p. 55.

⁸ Aguiar, J., Appleton, J. & Reis Cabrita, A. (2002). *Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais*. Lisboa: LNEC, p. 6.



Figura 2: Igreja de Sainte-Geneviève, pintura de Jérôme Charles Bellicard, 1757.

Quatremère de Quincy, um ilustre historiador, ao assistir a este abandono precoce das igrejas cristãs, questionou-se qual seria o melhor fim para algumas delas. Propôs que a Igreja de Sainte-Geneviève se transformasse no “Panteão francês” e, após algumas intervenções e um projeto de reconstrução, a Abadia de Sainte-Geneviève passou a denominar-se de Panteão, sendo hoje um monumento para homenagear as grandes personalidades da história da França.⁹

Outra das consequências da Revolução Francesa foram os atos de vandalismo e de destruição levados a cabo em toda a Europa. Contudo, estas formas de destruição anteciparam a proteção e conservação dos monumentos históricos. Em 1830 é criado o cargo de inspetor-geral de Monumentos Históricos, atribuído a Lodovic Vitet (1802-1873), sucedido por Prosper Mérimée (1803-1870), tendo como finalidade elaborar um inventário de monumentos históricos e o estudo de soluções para a sua preservação e reabilitação. Mais tarde, em 1837, é criada a primeira *Commission des Monuments Historiques* que visava a classificação e proteção de edifícios com interesse para a sociedade.

Numa análise cronológica destes três conceitos percebemos que a Revolução Francesa foi a principal “catapulta” para que os historiadores da época entendessem o carácter insubstituível de muitos edifícios e, consequentemente, os apelidassem de edifícios históricos. No entanto, a chegada da Revolução Industrial também provocou fortes alterações na mentalidade das sociedades na Europa. Surgem pensamentos distintos em França e na Grã-Bretanha, e consequentemente uma nova visão perante os monumentos e a sua conservação. E eis que se dá a “consagração do monumento histórico”¹⁰, levando ao

⁹ Choay, F., (2001). A Alegoria do Património. São Paulo: Editora UNESP, p. 105.

¹⁰ Idem, p. 137

surgimento de uma nova disciplina à qual os Ingleses chamarão de *Conservação* e, sobretudo, os Italianos e Franceses chamarão de *Restauro*.

Começando por Inglaterra, um país e uma sociedade que apesar de ter sido o berço da Revolução Industrial e o apogeu da modernidade, o que poderia ter posto as tradições e os valores daquele país em causa, manteve-se fortemente ligado aos “*testemunhos culturais do passado*”¹¹ e nasce uma nova consciência pelo monumento histórico. John Ruskin (1819-1900) surge como o principal defensor de uma doutrina anti-intervencionista, isto é, a salvaguarda dos monumentos históricos do passado, mas sem qualquer tipo de intervenção ou restauro radical, sendo que “*as marcas do tempo faziam parte da essência do monumento*”¹². No seu livro *The Seven Lamps of Architecture*, mais precisamente no capítulo *Lamp of Memory*, Ruskin acrescenta ainda “*We have no right whatever to touch them. They are not ours. They belong partly to those who built them, and partly to all the generations of mankind who are to follow us.*”¹³ Esta teoria defendida por John Ruskin ficou conhecida como Restauro Romântico.

Em França, o olhar perante o monumento histórico e a sua conservação era muito diferente. Viollet-Le-Duc (1814-1879), cujos ideais relativos à conservação e restauro dos monumentos se opunham aos ideais de John Ruskin, defendia um outro tipo de restauro – o restauro estilístico, dividido em duas metodologias. Uma em que há uma procura contínua pela “*traça original*” do edifício e outra concentra-se na “*reconstrução mimética (...) de uma ancestralidade já desaparecida*” A sua ilustre definição de restauro, que se manteve “*como a doutrina*

¹¹ Aguiar, J., (2002). *Cor e Cidade Histórica – Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. Porto: FAUP Publicações, p. 38.

¹² Idem, p. 43.

¹³ “Não temos qualquer direito de lhes tocar (aos monumentos). Eles não são nossos. Eles pertencem em parte àqueles que os construíram, e em parte a todas as gerações da Humanidade que ainda virão.” (Tradução do autor). Ruskin, J., (1849). *The Seven Lamps of Architecture*. Nova Iorque: John Wiley, p.163.

de restauro oficial de diversos países muito para além dos começos do século XX”¹⁴. afirmava que “*Restaurer un édifice, ce n’est pas l’entretenir, le réparer ou le refaire, c’est le rétablir dans un état complet qui peut n’avoir jamais existé à un moment donné*”.¹⁵ Entenda-se que na época os principais edifícios degradados eram de estilo Gótico, levando a uma reafirmação deste estilo arquitetónico um pouco por toda a Europa, tendo a doutrina de Viollet-Le-Duc persistido.

Em Itália surgiu Camillo Boito (1836-1914) com novas teorias relativas ao restauro. Apoiado nas ideologias tanto de John Ruskin como de Viollet-Le-Duc, Boito sugere intervenções distintas para monumentos de diferentes estilos e idades, propõe assim três tipos de intervenção – o restauro arqueológico, que se destina aos monumentos da Antiguidade, deve ter em conta a exatidão científica e, em caso de intervenção, considera-se a massa e o volume do monumento; o restauro “pitoresco” destina-se a monumentos góticos centrando-se no esqueleto do edifício, “*deixando a carne (estatuária e decoração) em deterioração*”¹⁶; e, por fim, o restauro arquitetónico que engloba os monumentos Clássicos e Barrocos e tem em conta o edifício na sua totalidade. As novas interpretações da definição de Restauro e Conservação por parte de Camillo Boito, foram apresentadas no III Congresso de Arquitetura e Engenheiros Civis em Roma no ano de 1883. Aqui é dado um novo e importante passo perante as teorias da Conservação, de forma a “*assegurar a preservação dos valores históricos, espirituais e estéticos dos edifícios, mas permitindo*

¹⁴ Aguiar, J., Appleton, J. & Reis Cabrita, A. (2002). *Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais*. Lisboa: LNEC. p. 7.

¹⁵ “Restaurar um edifício, não é entreter-se, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo a um estado completo que possa nunca ter existido num dado momento.” (Tradução do autor) Viollet-le-Duc, E., (1875). *Dictionnaire Raisoné de l’ Architecture Française du XI au XVI Siècle*, Tomo 8. Paris: Morel Éditeurs, p.14.

¹⁶ Choay, F., (2001). *A Alegoria do Património*. São Paulo: Editora UNESP, p. 166.

*também abrir lugar à reutilização contemporânea do monumento”.*¹⁷

Mais tarde, em 1931 foi realizada uma conferência promovida pelo Conselho Internacional dos Museus em Atenas, com o intuito de se discutir as manobras de conservação e restauro perante o património arquitetónico. Desta conferência resultou uma Carta – a Carta de Atenas.

Em 1964, é realizado em Veneza o II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Este Congresso foi organizado pela UNESCO e contou com a participação de 61 países, onde foi fundado o *ICOMOS – International Council of Monuments and Sites*. Deste Congresso resulta, também, a redação da *Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios*. A *Carta de Veneza* constituiu um importante referencial na forma de entender o património arquitetónico, ampliando a sua definição, assim como os trabalhos de restauro e de conservação para sítios históricos.

¹⁷ Aguiar, J., (2002). *Cor e Cidade Histórica – Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. Porto: FAUP Publicações, p. 47.

2.2 | PERCEÇÃO DO ESPAÇO

Na arquitetura, são vários os elementos que nos permitem analisar, perceber e sentir a qualidade de um dado espaço, a sua atmosfera, são eles a Luz, a Cor e a Matéria. Quando aliados e postos em prática corretamente, permitem que o Homem sinta verdadeiramente a razão e a importância da arquitetura e dos seus elementos para a sua vida.

Neste capítulo pretende-se perceber estes três elementos, individualmente, e como funcionam e se relacionam, no todo, em prol da percepção dos espaços na arquitetura.

A luz é ação, a cor é reação, e a matéria é o meio em que se produz esta troca de energia.¹⁸

¹⁸ Pernão, J. (2012). *A cor como forma do espaço definida no tempo: princípios estéticos e metodológicos para o estudo e aplicação da cor em Arquitetura e nas Artes*. Tese de doutoramento, especialidade em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, p. 44.

2.2.1 | LUZ

Para a Ciência, a luz é uma “simples” onda eletromagnética com um determinado comprimento, amplitude e frequência. Desde a Antiguidade Clássica que se especulava acerca da origem da luz mas já se considerando que esta era composta por partículas, e até ao século XVII ainda se considerava que a luz se deslocava em linha reta. Ainda em meados do século XVII, graças a Hooke e Huygens, a luz adquiriu um carácter ondulatório. Isaac Newton, defendia que a luz era constituída por partículas corpusculares, desenvolvendo diversos estudos sobre os fenómenos luminosos e a relação com a cor. Apesar da sua teoria corpuscular não ter sido bem aceite, Newton presenteou a experiência da decomposição da luz. Com o uso de um prisma polido, atravessado por um raio de luz branca, observou-se um espectro de sete cores, o vermelho, o laranja, o amarelo, o verde, o azul, o anil e o violeta.¹⁹



Figura 3: Espectro Eletromagnético

As variações do comprimento de onda da luz irradiada correspondem a diferentes níveis de radiações eletromagnéticas que se prolongam desde as ondas de frequência mais baixa – as ondas de raio, até às de maior frequência – os raios cósmicos. A meio do espectro eletromagnético encontra-se a radiação de luz visível, ou seja, visível pelo olho humano num determinado comprimento de onda – entre os 370 nanómetros (o violeta) e os 750 nanómetros (o vermelho), como podemos observar na figura 3.

¹⁹ Pereira, J. (2002). *Acerca da Natureza da Luz*. Lisboa: Instituto Superior Técnico. p. 2.

Já na segunda metade do século XIX, é que se dá a plena aceitação da teoria ondulatória, tendo sido Maxwell o grande impulsionador. Mais tarde, Max Planck defende que a luz, para além de ser distribuída por campos elétricos e magnéticos, estaria também concentrada em quantidades de energia denominada *quantum*.

Mas na arquitetura e, consequentemente na criação de espaços e atmosferas, a luz é uma das personagens principais, se não a protagonista na arte de criar arquitetura, esta *“deve estar presente na mente do arquiteto desde o primeiro traço do lápis no esquisso, desde os primeiros rabiscos”*, Zumthor ainda acrescentou: *“Esta ideia acompanha a obra desde o início.”*²⁰

Rasmussen refere na sua obra *Arquitetura Vivenciada* que *“o arquiteto pode fixar dimensões de sólidos e cavidades, pode estabelecer a orientação do seu edifício, especificar os materiais e o modo como estes serão tratados; (...) Ele só não pode controlar a luz do dia. Ela altera-se da manhã para a tarde, de dia para dia, em intensidade e cor.”*²¹ A luz do dia, como Rasmussen referiu, altera-se do amanhecer ao anoitecer, altera-se consoante as condições climáticas – caso o céu esteja nublado, chuvoso ou limpo. Todos estes fatores externos ao arquiteto provocam leituras distintas do espaço arquitetónico por parte do utilizador – *“A luz é de importância decisiva para sentirmos a arquitetura.”*²²

Campo Baeza apresenta-nos na sua obra *Ideia Construída*, a Luz perante a Arquitetura de três formas distintas: a Luz Horizontal, aquela que perfura o plano vertical, a parede; a Luz Diagonal em que os raios atravessam o plano vertical e o horizontal; e por fim, a Luz Vertical em que a iluminação é feita através de aberturas no plano horizontal superior – o Panteão de Roma é o maior e

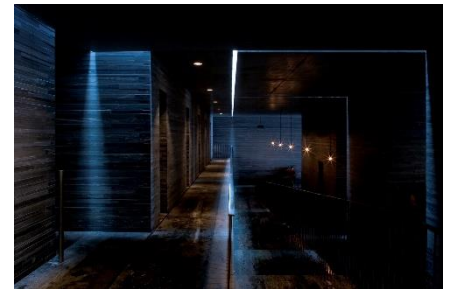


Figura 4: A Luz no espaço Arquitetónico.
Termas de Vals, Peter Zumthor

²⁰ Zumthor, P. (2006). *Atmosferas*. Amadora: Editorial Gustavo Gili, p. 61

²¹ Rasmussen, S. E. (2002). *Arquitetura Vivenciada*. São Paulo: Martins Fontes, p. 193.

²² Idem, p. 193.

mais antigo exemplo de um espaço fechado com uma única abertura circular no seu topo. Aqui, a Luz entra excecionalmente para o interior do espaço arquitetónico através de um óculo existente no topo do edifício, sendo ela finamente difusa quando o sol não penetra a cúpula.²³

Baeza acrescenta ainda dois tipos de Luz em função da sua qualidade: a Luz Difusa – é uma luz que se caracteriza pela sua homogeneidade e suavidade; e a Luz Sólida que surge de um ponto específico evidenciando os contrastes de luz e sombra, o Panteão de Roma é um forte exemplo do comportamento destas duas qualidades de Luz ao longo do dia – nas horas de incidência solar que entra diretamente pelo óculo, encontramos uma Luz Sólida, forte, e ao amanhecer e entardecer é uma luz suave que se espalha por todo o interior da Igreja (figura 5).

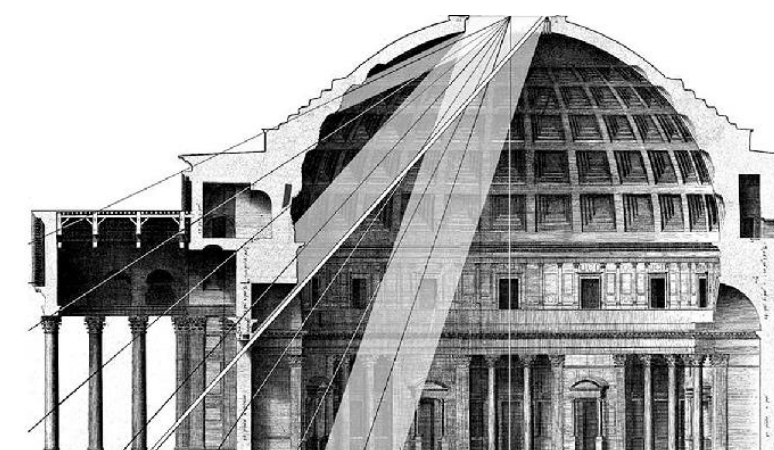


Figura 5: Comportamento da luz no Panteão de Roma por Desgodetz, 1684.

Conseguir entender a luz, o seu comportamento, a sua intensidade e a forma como influencia o ambiente arquitetónico é muito importante para a criação da Arquitetura, *“quando o arquiteto descobre, finalmente, que a Luz é o tema central da Arquitetura, então começa a entender algo, começa a ser um verdadeiro arquiteto.”*²⁴

²³ Rasmussen, S. E. (2002). *Arquitetura Vivenciada*. São Paulo: Martins Fontes, p. 201.

²⁴ Baeza, A. C., (2018). *A ideia Construída*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, p. 17.

A Luz é o que nos permite ver o mundo ao nosso redor, é o que nos permite, através de estímulos visuais, criar uma imagem no nosso cérebro, sendo que esses estímulos visuais são, para nós, caracterizados pelas cores.²⁵

²⁵ Pernão, J. N. (2005). *Interpretação da Realidade como Variação da Cor pela Luz no Espaço e no Tempo*. Lisboa. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, p. 94.

2.2.2 | COR

Como Frank Mahnke referiu na sua obra *Color, Environment and Human Response*: “Color exists only in our brain”²⁶; e acrescenta ainda: “Color is actually the result of different wavelengths of light stimulating certain parts of the brain. The experience of color depends on the intensity of light, the way it is reflected from a surface, and the color surrounding objects”²⁷. É no nosso cérebro, como Mahnke indica, que se processa a decodificação da cor. Fatores como a fonte de luz, a sua intensidade ou a superfície pela qual a cor é refletida, influenciam essa leitura da cor por parte do nosso cérebro. Assim, percebemos que a existência da cor está relacionada com a presença da Luz. Sem Luz, não existe Cor.

Durante o dia, o Sol é a nossa fonte de luz, e esta sofre alterações consoante a rotação da Terra em torno do Sol, dessa forma a nossa perceção dos espaços arquitetónicos também se altera. Citando João Pernão, “If the light changes, the colours of the surfaces will change, and our perception of that space will be different”.²⁸ Isto significa que a intensidade da luz solar e o ângulo com que esta incide sobre os objetos muda ao longo do dia, criando uma “infinidade de cores”. Por exemplo, quando escolhemos uma cor para pintar um determinado espaço arquitetónico – as superfícies desse espaço ficarão todas pintadas da mesma cor, à qual chamamos de Cor Inerente. Mas, quando um corpo luminoso, quer ele seja natural ou artificial, atua neste espaço, a cor das superfícies tenderá a mudar consoante o corpo luminoso – a esta chamamos de Cor

²⁶ A cor existe apenas no nosso cérebro. (tradução da autora) Mahnke, F. H., (1996). *Color, Environment and Human Response*. Nova Iorque John Wiley & Sons, Inc, p. 95.

²⁷ A cor resulta da variação de diferentes comprimentos de onda da luz estimulando certas partes do cérebro. A experiência da cor depende da intensidade da luz, da forma como esta é refletida da superfície e da cor dos objetos em redor. (tradução da autora) Idem, p. 95.

²⁸ Se a luz muda, as cores das superfícies também mudarão e, assim, a nossa perceção do espaço será diferente. (tradução da autora) Pernão, J. (2017). *Light and colour in the process of teaching architectural design. Colour Design: Theories and Applications*, p. 400.

Percecionada. Estas variações da cor que as superfícies dos objetos apresentam, constituem a *“abordagem da cor como forma do espaço, uma vez que é através dela que percebemos a posição espacial das superfícies, a direção da luz, as sombras, os volumes, a sua distância, o seu tamanho, etc.”*²⁹

Mas para além da luz que compõe e permite ver a cor, esta é, também, definida por três propriedades – a Matiz, a Saturação e a Luminosidade. A Matiz é a qualidade que permite a distinção das cores. As tonalidades de cores, ou matizes, que o observador mais facilmente distingue são aquelas que estão presentes no espectro da “luz visível”, como podemos observar na figura 3, sendo elas o vermelho, o laranja, o amarelo, o verde, o azul e o violeta. Percebemos assim que a Matiz é influenciada pelo comprimento de onda. A Saturação está relacionada com a pureza da cor, ou seja, quanto mais *viva* a cor aparentar, maior o seu nível de saturação. E por último, a Luminosidade é a qualidade que permite diferenciar os tons mais escuros dos mais



Figura 6: a Cor na Arquitetura

²⁹ Pernão, J. (2012). *A cor como forma do espaço definida no tempo: princípios estéticos e metodológicos para o estudo e aplicação da cor em Arquitetura e nas Artes*. Tese de doutoramento, especialidade em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, p. 81.

claros. Na prática, a Luminosidade entende-se pela quantidade de luz refletida por uma dada superfície.³⁰

A Cor não é apenas aquilo que nos permite ver e diferenciar as superfícies dos objetos. A Cor consegue também influenciar a maneira como o utilizador se sente num determinado espaço, sendo que, na Arquitetura é utilizada de forma a criar ambientes que irão melhorar a saúde física e, consequentemente o bem-estar dos seus utilizadores.³¹



Figura 7: Fachada do Jardim de Infância



Figura 8: A Cor em Interiores

Mahnke refere na sua obra *Color, Environment and Human Response* investigações realizadas com o intuito de perceber as consequências, tanto positivas como negativas, das cores em determinados ambientes para o seu utilizador. Uma das primeiras investigações foi levada a cabo por Stefanescu-Goanza, no ano de 1912, de forma a perceber a relação com o Vermelho, chegando a três fortes símbolos: o calor, o fogo e o sangue. O Vermelho é, também, a cor do amor, da vida, da paixão e força. Em contrapartida, surgem algumas impressões menos positivas como a agressividade, a raiva e mesmo a violência. Esta cor não passou despercebida em muitos acontecimentos marcantes ao longo da história da humanidade, desde eventos políticos – enfatizando o comunismo, os religiosos, como a morte de Cristo, militares – como é exemplo as legiões de Romanos que usavam o vermelho nas suas bandeiras em conquista da Europa.³² Em Portugal, a Revolução de 25 de Abril ficou marcada pelo cravo, flor essa vermelha.

O Laranja é, também, uma cor quente obtida através da junção do Vermelho com o Amarelo, mas tem associações diferentes consoante a sua saturação. O laranja vivo associa-se a algo entusiasmante e estimulante, já o laranja claro é associado a algo

³⁰ Mahnke, F. H. (1996). *Color, Environment and Human Response*. Nova Iorque. John Wiley & Sons, Inc, p. 85.

³¹ Idem, p. 59.

³² Idem, p. 61.

animado. Além disso, é uma cor muito ligada à natureza devido à associação com as folhas que caem das árvores no outono.³³

O Amarelo é a cor mais feliz sendo associada à alegria, à animação, à sabedoria e esperança, muito devido ao facto da sua associação ao Sol. Quando se apresenta em tons mais fortes, mais saturados remete para algo egocêntrico.³⁴

O Verde é uma cor que, no geral, associamos à Natureza e ao crescimento vigoroso desta – a cor da vida. Advém da junção do Amarelo com o Azul e é uma cor que se associa à tranquilidade, à calma e à frescura. Mas, acaba por ter um lado contraditório pois o Verde é uma cor que está também associada ao bolor que aparece nos alimentos, à doença e à morte nos Humanos.

Segue-se o Azul, uma cor que remete ao vasto oceano e ao céu, é por isso uma cor pacificadora, com efeitos relaxantes, transmite também segurança, calma, conforto e de contemplação. No sentido oposto é associada ao medo, depressão e frio. É considerada uma cor nobre, transmitindo honra e elegância, e é utilizada nas fitas dos medalhados.³⁵

O Roxo surge da combinação de duas cores que são física e psicologicamente opostas – o Vermelho e o Azul. É uma cor associada a algo majestoso, ilustre e exclusivo. Pelo lado negativo aparenta a solidão e a tristeza. O tom mais claro do roxo e mais próximo do Vermelho, torna-se sensual, sedutora e secreta, mas também tem um lado mais doce e íntimo.³⁶

O Branco é a cor da paz, da luz, da esperança, da espiritualidade e da inocência. Em oposição à cor Preto, o Branco é visto como o Bom, já o Preto representa o Mau. Apesar do Branco ter tantos aspetos positivos, quando se realizam testes psicodiagnósticos e testes de preferência de cor o Branco raramente é uma cor

³³ Idem, p. 62.

³⁴ Idem, p. 63.

³⁵ Idem, p. 64.

³⁶ Idem, p. 64.

escolhida em comparação com as restantes cores. Em contrapartida, é uma cor que surge muito nos interiores dos edifícios, mas em edifícios de saúde, o Branco é uma cor que não deve de constar porque não transmite qualquer emoção ou efeito psicoterapêutico.³⁷

O Preto, como já foi referido, é uma cor associada ao Mal, ao sinistro, à escuridão da noite, ao medo do desconhecido, ao luto e à morte.

Por último, o Cinzento que é considerado bipolar por se uma cor que se encontra entre o Claro e o Escuro, representado como uma cor sem energia, sem vontade própria. É apreciada como uma cor conservadora, calma e silenciosa, mas, também, sombria, entediante e passiva. Após a Revolução Industrial, esta cor passou a estar associada também a esta à arquitetura da época, às estruturas de betão e de metal de mãos dadas com o modernismo.

Nas primeiras formas de arquitetura, o Homem usava aquilo que tinha ao seu dispor, o que a Natureza lhe dava: *“as paredes da sua habitação podiam ser de lama endurecida e compacta (...) ou de pedras recolhidas por perto. A esses acrescentava galhos, palha e vime”*³⁸. A sua habitação era como se fundisse com a Natureza, como que a continuação desta. Assim as cores das habitações eram parte da paisagem, *“se houver pedra amarela na localidade, o mais provável é que as casas sejam amarelas, construídas com essa pedra”*³⁹. Mais tarde, as técnicas de fazer e extrair materiais evoluíram e começaram a surgir novas cores, tendo o homem percebido que *“ao cozer o barro, obtemos tijolos vermelhos e amarelos (...). Ao revestir a madeira com uma camada de piche, conseguimos um negro retinto.”*⁴⁰

³⁷ Idem, p. 65.

³⁸ Rasmussen, S. E. (2002) *Arquitetura Vivenciada*. São Paulo: Martins Fontes, p. 223.

³⁹ Idem, p. 224.

⁴⁰ Idem, p. 224.

No caso das cores a utilizar em ambientes interiores, Mahnke refere a importância da assertividade na escolha das cores para determinados ambientes. Por exemplo, no caso de um teto bastante elevado, devemos de usar cores escuras ou com uma tonalidade forte de forma a que este pareça mais baixo e assim tornar o ambiente mais acolhedor. No caso de tetos baixos, a solução é inversa, devemos de utilizar cores e tons claros.⁴¹

Agora é possível entender a cor e como ela se manifesta na nossa vida e principalmente na arquitetura, que consequências tem caso seja mal aplicada e como podemos melhorar os espaços em função da cor e da luz.

⁴¹ Mahnke, F. H. (1996). *Color, Environment and Human Response*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, Inc, p. 73.

2.2.3 | MATÉRIA

Após um estudo mais aprofundado dos temas Luz e Cor, percebemos que a Matéria é intrínseca a estes dois temas. Sem Luz, não existiria Cor nem Matéria, e a Matéria está sempre ligada à cor, pois a própria Matéria tem Cor.

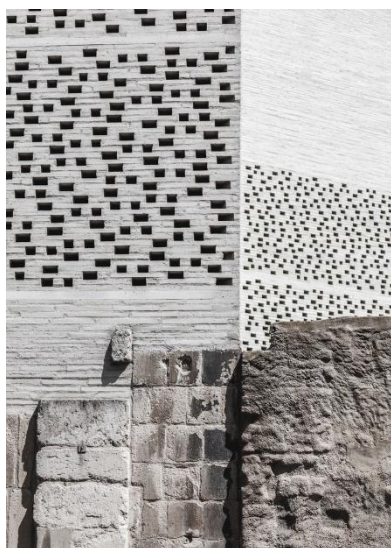


Figura 9: a pedra e os seus múltiplos acabamentos.
Peter Zumthor – Museu Kolumba, Colónia.

Inicialmente, o Homem contruía as suas habitações consoante o que a Natureza lhe dava, como já foi referido. Os primeiros materiais sólidos eram a pedra e a madeira, sendo que o tijolo veio depois. Com os avanços tecnológicos recorrentes, é possível obter novos materiais (os chamados materiais artificiais) e novos acabamentos tanto para os artificiais como para os naturais: *“imaginem uma pedra que podem serrar, limar, furar, cortar e polir, e ela será sempre diferente. (...) Apenas um material e já tem mil possibilidades”*⁴².

Tanto no caso da pedra como no da madeira, percebemos que ambas têm uma textura intrínseca, no caso da pedra essa textura é moldada consoante a forma como é extraída e depois trabalhada, podendo ser: *“escacilhada, serrada, escovada, bujardada (pico grosso, médio e fino), acabada a jato de areia, flamejada, amaciada e polida”*.⁴³ A madeira apresenta-se com os seus característicos nós e veios que, em muitos dos casos ainda os podemos sentir através do tato.

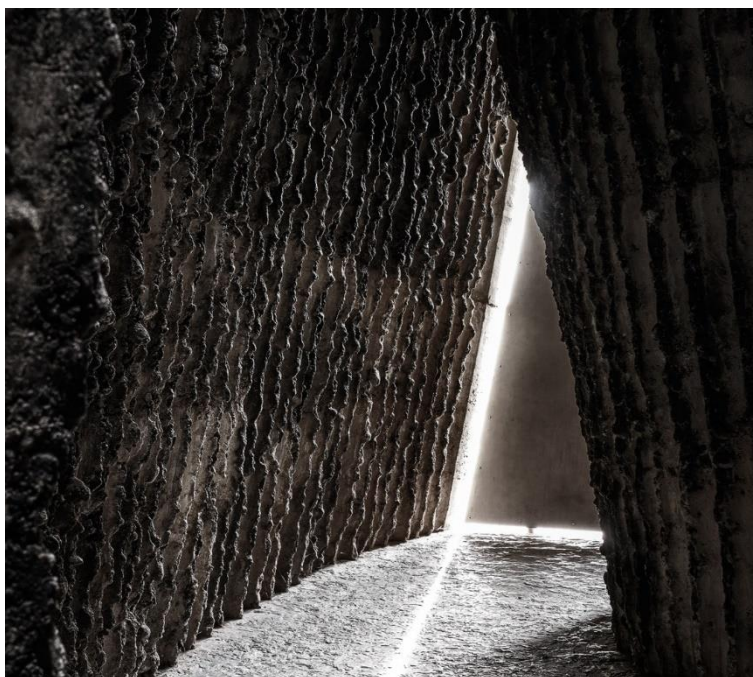
*“A pele lê a textura, o peso, a densidade e a temperatura da matéria.”*⁴⁴

⁴² Zumthor, P. (2006) *Atmosferas*. Amadora: Editorial Gustavo Gili, p. 25.

⁴³ Pernão, J. (2012), *A cor como forma do espaço definida no tempo: princípios estéticos e metodológicos para o estudo e aplicação da cor em Arquitetura e nas Artes*. Tese de doutoramento, especialidade em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, p. 133.

⁴⁴ Pallasmaa, J. (2011) *Os olhos da pele*. Bookman: Porto Alegre. p. 53.

“A textura é por definição etimológica o “tecido” da superfície”⁴⁵, sendo que tem “uma característica fundamental: a sua variação com a distância”⁴⁶. No capítulo anterior, Cor, abordámos a Cor Inerente e Percecionada das superfícies. Recapitulando, a Cor Inerente é “uma propriedade estática pertencente à estrutura física dos corpos”⁴⁷ e a Cor Percecionada ou Aparente é a cor interpretada “por nós em determinada situação de espaço/tempo”⁴⁸. Isto é, a textura, devido às suas propriedades físicas intrínsecas, pode apresentar uma composição geométrica em escalas diversas desde a micro até à macro escala. Mas, dependendo da distância do observador, a textura apresentar-se-á como uma única cor ou diversas cores, consoante a escala da sua superfície. A cor aparente da textura irá, também, variar em função da rugosidade desta – no caso de uma maior rugosidade, a cor apresenta-se mais clara.⁴⁹



*Figura 10: A Matéria em consonância com a Luz
Capela de Bruder-Klaus, Peter Zumthor*

⁴⁵ Pernão, J. N. (2005). *Interpretação da Realidade como Variação da Cor pela Luz no Espaço e no Tempo*. Lisboa. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, p. 123.

⁴⁶ Idem, p.123.

⁴⁷ Idem, p. 124.

⁴⁸ Idem, p. 124.

⁴⁹ Idem, p. 124.

Por outro lado, temos o Brilho que pode ser entendido como uma forma de textura, sendo um *“dos extremos desta característica, pela anulação das irregularidades das superfícies”*.⁵⁰ O Brilho é caracterizado por essa inexistência de rugosidades da matéria, e a sua cor ou cores são percebidas pelo ângulo de incidência da luz e a distância e ângulo de observação da superfície por parte do observador. Obtendo assim uma variação do aspeto da superfície quase que constante, *“dando a estes objetos a sua leitura efêmera característica”*⁵¹.

*“O tato nos conecta com o tempo e a tradição: por meio das impressões do toque, apertamos as mãos de incontáveis gerações.”*⁵²

⁵⁰ Idem, p. 125.

⁵¹ Idem, p. 125.

⁵² Pallasmaa, J. (2011) *Os olhos da pele*. Bookman: Porto Alegre. p. 53.

2.3 | PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

“O património industrial é parte integrante de Lisboa, tanto como os testemunhos de qualquer outra época, pelo que merece um tratamento idêntico.”⁵³

O Património Industrial nasce como uma consequência da Revolução Industrial, sendo que essa industrialização se propagou por diversos pontos geográficos do mundo em fases distintas. O *boom* da Revolução Industrial deu-se no Reino Unido em finais do século XVIII, e com ele há fortes alterações na produção – diminuição da produção artesanal dando lugar às máquinas; na deslocação entre cidades – com a invenção da máquina a vapor de James Watt (1736 - 1819), e consequentemente da locomotiva; na arquitetura foram também diversas as alterações, principalmente de carácter urbano e na materialidade. Esta alteração nos meios de produção em que se diminuiu a produção artesanal, permitindo o crescimento do trabalho das maquinarias, sendo que as máquinas a vapor representaram um forte papel nesta mudança a nível de produção influenciado a economia mundial.

A industrialização em Portugal aconteceu num período mais tardio, sendo que teve início entre 1870 e 1913, dependendo da zona do país, sendo que em algumas regiões, esse fenómeno industrial foi mais precoce do que noutras. Essa industrialização teve como base a implementação da malha ferroviária por todo o país, apoiando o desenvolvimento comercial e industrial. Em 1853 iniciam-se as obras das primeiras ligações ferroviárias, e 3 anos depois, é inaugurado o primeiro troço, entre Lisboa e o Carregado.

⁵³ Matos, J. S. (1999). *Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 5

O Rio Tejo sempre foi, e continua a ser, um importante meio de trocas comerciais, as embarcações “*traziam as importações da cidade e, depois no regresso, levavam as exportações de Lisboa, muitas vezes com produtos oriundos do Mediterrâneo, do Atlântico, do Índico, do Norte da Europa*”⁵⁴. Nos finais do século XVIII, já existiam alguns edifícios de carácter industrial ao longo da Lisboa Oriental – a Fundição de Canhões, a Fábrica de Tabacos de Xabregas, a Fundição de Cima e a Real Fábrica do Sabão, situada em Marvila.⁵⁵ Na zona mais ocidental de Lisboa, entre o Cais do Sodré, Belém e Pedrouços, e já no século XIX também se denotou um forte crescimento industrial: a Fábrica de Gás de Belém, a Central Tejo, a Fábrica de Gás da Boavista, a Fábrica Nacional de Cordoaria e a Fábrica das Gaivotas. Dá-se, assim, a expansão de várias fábricas ao longo do Rio Tejo.



Figura 11: a Central Tejo



Figura 12: Fábrica de Tabacos de Xabregas

No século XX, o mundo é confrontado com duas Guerras Mundiais, e ambas tiveram um grande impacto com novos progressos na indústria e tecnologia, mas o rasto de destruição deixado foi de tal forma que começou a suscitar uma preocupação acrescida pela preservação do património. Surgiu então a Carta de Atenas em 1931, e mais tarde, em 1964, a Carta de Veneza. Mais recentemente, em 2003, tomou lugar em Nizhny Tagil, Rússia, a Assembleia Geral do TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial), onde ficaram estabelecidos os valores, a importância e a preservação do Património Industrial.

Em Portugal vivia-se um clima de instabilidade após a Revolução dos Cravos. As fábricas começaram a parar, outras a envelhecer e começámos a entrar num período de desindustrialização. As grandes chaminés de onde outrora saía fumo, os fornos e as oficinas, a grande maioria deixou de trabalhar. A vasta área entre

⁵⁴ Folgado, D. e Custódio, J. (1999) *Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 15.

⁵⁵ Idem, p. 14.

Santa Apolónia e Braço de Prata já não tinha a mesma importância a nível industrial como outras zonas de Lisboa recentemente modernizadas. O abandono e envelhecimento destes edifícios industriais era notável.

Só num período mais recente, década de 80, é que se começou a adquirir uma atitude de preocupação e proteção em relação ao património industrial nacional. Este, agora património enquadra-se em diversas áreas produtivas como a cerâmica, têxtil, vidreira, química, metalúrgica, entre outras, englobando vestígios de teor arquitetónico como edifícios, oficinas, armazéns, maquinaria, fábricas, centros de produção e utilização energética, meios de transporte, entre outras infraestruturas.⁵⁶

⁵⁶ TICCIIH, *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial*, (2003).

2.4 | ADEQUAÇÃO DO PROGRAMA AO LOCAL

Esta temática surge envolta pelas carências culturais, sociais e arquitetónicas da freguesia de Marvila. A necessidade de um equipamento que possa receber pessoas de diferentes culturas, escalões sociais, desde os habitantes da freguesia e visitantes e, também, desde “miúdos a graúdos”. Sintetizando, criar um espaço multifacetado em que a multiculturalidade e a intergeracionalidade sejam o principal foco.

A decisão de projetar um equipamento de cariz cultural e coletivo partiu, inicialmente, devido ao estudo urbano da freguesia. Percebeu-se que o lote a intervir apresenta-se numa situação de isolamento, assim como os restantes quarteirões e demais habitantes que se encontram naquela que é apelidada de “Marvila Velha”, a Marvila à beira do Rio Tejo. A carência de equipamentos de apoio e para usufruto da população naquela área é notável, assim como os acessos já debilitados que permitem a ligação à cota superior desta zona de Marvila, a Este da linha férrea.

Assim, pretende-se colmatar algumas destas carências, permitindo uma maior dinamização da freguesia e interação entre os seus habitantes, com a implementação de um edifício que responda às diversas necessidades sociais e culturais daquela vizinhança.

Após algumas visitas ao local e diversas pesquisas de forma a conhecer melhor a área, percebeu-se a abundância de associações e empresas com muito potencial de forma a dinamizar a população social e culturalmente. Muitas destas associações não têm espaços indicados para a prática das suas atividades, espaços demasiado pequenos ou sem condições. Assim, com a proposta deste Equipamento Cultural, as empresas terão a oportunidade de dar a conhecer aquilo que fazem à

restante população, através de workshops ou de atividades lúdicas.

Começando pela ACULMA, Associação para o Desenvolvimento Cultural e Social de Marvila, situada no Bairro dos Alfinetes, em frente à Escola Básica de Marvila (do lado Este da linha férrea depois de percorrermos a Azinhaga dos Alfinetes) que alia diversas atividades de cariz educativo, social e cultural. Esta Associação também tem integrada a Banda Filarmónica e o Rancho Folclórico, onde o ensino de instrumentos musicais e de dança são fomentados.

A ACOF - Associação Cultural O Fado, situada no Bairro das Amendoeiras, funciona como escola de fado, associação fundada a 21 de dezembro de 1999 e tem um novo espaço na Freguesia de Marvila inaugurado a 7 de fevereiro de 2018. A instituição tem uma escola de guitarra portuguesa e viola de fado e está associada a grandes vozes do Fado português, trabalhando em prol da promoção e divulgação do Fado.

O Complexo Desportivo de Marvila, vulgarmente conhecido pelo Campo da CP, situa-se entre a Azinhaga dos Alfinetes e a linha férrea, e conta com um campo sintético para a prática de Futebol 11, e um campo adjacente para a prática de Andebol, Basquetebol e Futsal. Tem, de momento, uma equipa de futebol 11 na Liga de Futebol amador, mas tem todas as possibilidades de fazer crescer o Clube expandindo a prática desportiva a outras idades, fazendo assim chegar o desporto a todos os habitantes de Marvila.

E ainda existem diversos Monumentos – Conventos, Igrejas, Palácios, ao longo de Marvila e do Beato (alguns deles referidos no capítulo 3 - Marvila) que muitos residentes locais ainda não conhecem e que merecem uma visita. O agendamento de visitas guiadas, integradas em atividades que poderão ter lugar na proposta arquitetónica deste Projeto Final de Mestrado, é uma

mais valia para dar a conhecer este edificado a toda a população e aos demais interessados.

2.4.1 | CASOS DE REFERÊNCIA

Neste capítulo, pretende-se estudar alguns casos de arquitetura que englobem os temas que foram abordados ao longo deste projeto. Tanto a um nível teórico – no sentido de se perceber os objetivos e conquistas dos projetos apresentados – como a nível prático – como a arquitetura influencia o modo de vida de quem a usa, fez-se uma recolha de casos de referência que ajudam a sedimentar os ideais deste Projeto Final de Mestrado.

O principal foco foi a vertente social e comunitária de alguns destes exemplos práticos, isto é, de que forma as soluções utilizadas nestes casos de estudo foram aceites pelas comunidades que as envolvem, mas também a materialidade escolhida, as ambiências proporcionadas e a sua relação com a envolvente de cada caso.

As referências selecionadas foram o Theatro, um antigo teatro no centro da Póvoa de Varzim que, entretanto, sofreu manobras de reabilitação a cargo do atelier MiMool. Segue-se a Mouradia, um edifício de usufruto comunitário situado no bairro da Mouraria com o intuito de integrar os moradores deste característico bairro lisboeta. De seguida, abordar-se-á o Centro Cultural de Sant Sadurni d'Anoia, uma fusão entre uma Escola Modernista do início do século XX e uma extensão de um novo corpo com uma linguagem contemporânea, separados apenas por pequenos pátios, projeto da autoria do atelier Taller 9s arquitectes. E por último, uma reabilitação em Espanha, a cargo dos arquitetos Hiha Studio, onde surgem vazios estrategicamente colocados, demonstrando um cuidado pela iluminação natural, assim como pela ventilação nos diferentes espaços do edifício, uma referência para o desenvolvimento da habitação neste projeto.

THEATRO



Figura 13: o Teatro antes de ser reabilitado

O caso do Teatro, em concreto, consolida uma abordagem social para com o meio onde se insere, sendo um ponto de referência para os seus visitantes, e também pela sua reabilitação onde houve um cuidado acrescido para manter a identidade e memória do edifício.

O edifício remonta o ano de 1910 e situa-se bem no coração da cidade de Póvoa de Varzim. Naquela época era denominado por *Salão Teatro* tendo funcionado como um teatro durante décadas, com um palco, respetivos camarins e todos os elementos necessários para essa atividade. Ao longo dos anos, albergou diversas atividades comerciais, o que levou à sua forte degradação, como podemos observar na figura 13.



Figura 14: o Teatro já depois da reabilitação

Em 2017, o edifício ganha uma nova vida, sendo transformado num espaço multifacetado onde se encontra um restaurante, uma livraria, um *wine bar* e, também, uma galeria de arte.



Figura 15: a zona de refeições e o bar

O Teatro é constituído por uma nave principal dividida em dois pisos, sendo que o piso térreo tem aproximadamente 230m², com uma cobertura de duas águas em estrutura de madeira. No piso térreo, a entrada é marcada pela livraria em conjunto com a cafetaria. No desenvolvimento da nave surge a área de refeições assim como o balcão do bar e a garrafeira, a copa com os respetivos serviços e as instalações sanitárias. O segundo piso, cujo acesso é feito através por um corredor lateral marcado por uma enorme estante, é constituído por dois *mezzanines* em lados opostos do edifício, encontram-se áreas de leitura e de

degustação de vinhos. Nos diferentes espaços interiores não existem quaisquer barreiras físicas, o próprio mobiliário e a materialidade escolhida é que definem esses mesmos espaços. A copa é envolvida por uma chapa ondulada, dando um carácter industrial ao espaço e de distinção em relação aos elementos pré-existentes no edifício. A fachada, de estilo *Art Nouveau*, foi reabilitada, mas manteve toda a estética original. Os seus azulejos e estatuárias também foram submetidos a limpezas, mas sempre com o cuidado de preservar a memória inerente ao Theatro.

A promoção de degustação de vinhos, concertos de jazz ou bossa nova, o lançamento de uma nova obra literária, todas estas atividades em prol da comunidade e da sua união, não somente de Póvoa de Varzim, mas como também do resto do país e visitantes dos 4 cantos do Mundo, estão patentes no Theatro diariamente, são incentivos à cultura, ao conhecimento e ao lazer.



Figura 16: detalhe da fachada

A MOURADIA



Figura 17: a Mouradia antes da reabilitação

A Mouradia é uma casa comunitária situada num dos bairros mais tradicionais de Lisboa, na Mouraria, funcionando como sede da Associação *Renovar a Mouraria*.

Esta associação, criada em 2008, é uma organização sem fins lucrativos. Atua, essencialmente, no bairro da Mouraria com o objetivo de revitalizar este bairro histórico em diversos aspetos – económicos, culturais, turísticos e sociais. No bairro da Mouraria coabitam mais de 50 nacionalidades, o que torna a integração social e o apoio à comunidade fatores importantes a ter presentes na associação, auxiliando-se assim diversas atividades como a aprendizagem da língua portuguesa para os imigrantes e da língua chinesa para os portugueses, apoio ao estudo para os mais novos, consultas de medicina chinesa e ainda apoio jurídico.



Figura 18: a Mouradia depois do processo de reabilitação

O edifício, propriedade da Câmara Municipal de Lisboa arrendado à Associação, situa-se no Beco do Rosendo, nº 8, já demonstrava fortes sinais de degradação e necessitava de uma urgente intervenção. Foi aí que o atelier ARTÉRIA entrou. O Atelier Artéria, fundado pelas arquitetas Ana Jara, Lucinda Correia e Sara Goulart, demonstra uma preocupação acrescida pelos edifícios devolutos que existem por toda a cidade de Lisboa, sendo a Reabilitação a resposta para esta intensa problemática. Este edifício em particular, a sede da Associação *Renovar a Mouraria*, foi o protagonista nesta ação de sensibilização por parte do atelier perante a degradação dos centros históricos e chamaram-lhe *Edifício-Manifesto*.

Antes de se tornar *Edifício-Manifesto*, foi um armazém de colchões na década de 1920, e ainda a sede da Associação Patriótica – onde se organizaram as primeiras reuniões políticas em Portugal, em 1859. Tudo isto representou, para as arquitetas,

um maior desejo em reabilitar este edifício, consolidado assim a sua memória.

A reabilitação deste edifício foi muito pontual, apenas nos pontos mais necessitados do edifício e recorrendo-se a materiais sustentáveis. O programa funcional divide-se em dois espaços polivalentes – um que aposta na pedagogia e formação, fica no piso superior onde se encontram a galeria, estúdio e consultório de apoio à população, o outro espaço, num conceito mais prático é a cafetaria, que se situa no rés-do-chão, onde se pode saborear a gastronomia dos 4 cantos do mundo.

No âmbito do programa Bip-Zip – Bairro de Intervenção Prioritária – Zona de Intervenção Prioritária (programa que visa apoiar projetos e atividades de forma a dinamizar as comunidades locais), e com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa foi possível criar esta casa para usufruto de todos. As noites de fado, tertúlias, os workshops para miúdos e graúdos, aulas de ballet e de guitarra, fazem deste espaço um lugar para todos e de todos, em que os laços entre vizinhos e o bem-estar da comunidade cresçam todos os dias, sendo estes os objetivos aos quais o Projeto Final de Mestrado também deve de responder.



Figura 19: a zona da cafetaria



Figura 20: a fachada da antiga Escola



Figura 21: a fachada após a reabilitação



Figura 22: o pátio onde se observam os dois corpos em simultâneo sem se tocarem

O Centro Cultural Sant Sadurni d'Anoia situa-se no município Sant Sadurni d'Anoia, na região de Barcelona, Espanha. O projeto deste Centro Cultural, autoria do atelier catalão *Taller 9s*, foca-se na reabilitação de uma antiga escola modernista do início do século XX projetada pelo arquiteto Miquel Madorell i Rius, para dar lugar a um centro cultural, uma livraria e um arquivo.

O edifício insere-se num lote retangular rodeado por 3 ruas e uma praça, a Praça Homenatge de la Vellesa. A planta original apresentava-se em forma de U, muito recorrente nas escolas da época, envolvendo um pátio. A entrada para o edifício era feita através da Praça, aspeto esse que os arquitetos decidiram manter na reabilitação.

De forma a albergar o programa pretendido, foi projetado um piso semienterrado, mas que não altera o aspeto exterior da pré-existência, e, também, um novo corpo passando a ocupar o antigo pátio da escola. Assim, o edifício é dividido em 3 níveis – a zona semienterrada contém o arquivo, no piso acima, encontra-se a área da biblioteca que integra também as salas de estudo, salas polivalentes e o pátio, e a pré-existência contém a receção, a sala de conferências e espaços de leitura.

A reabilitação do corpo correspondente à antiga escola foi pensada e executada de forma a respeitar os elementos e a memória desta pré-existência. O novo corpo, apesar de ter sido projetado com uma linguagem contemporânea, foi projetado de maneira a manter a conformidade com a pré-existência – a textura e tonalidade dos materiais, o ritmo dos vãos, o toque do antigo com o novo. A pedra que envolve a pré-existência, estende-se pela fachada do novo corpo criando, assim, uma continuação visual entre o antigo e o novo, existindo apenas,

quando o nosso olhar sobe, um intervalo entre os dois corpos através de um pequeno pátio envidraçado.

No processo do projeto para o novo corpo, houve uma especial atenção pelos fatores ambientais e energéticos do edifício a longo prazo, aí surge a criação de pequenos pátios ao longo da intervenção, pátios esses em que o vidro é o elemento chave permitindo o “transporte” da luz natural pelos pisos do edifício. Os materiais utilizados também surgem neste âmbito – o uso de pavimentos de borracha reciclada, os painéis de metal que envolvem o novo edifício e a cobertura, também da mais recente intervenção, ajardinada.

O atelier viu neste edifício uma oportunidade de dar a conhecer a regeneração e reutilização de edifícios históricos, já sem uso, para a criação de espaços de fruição da comunidade e dos demais visitantes.



Figura 23: o pátio onde se observam os dois corpos em simultâneo sem se tocarem

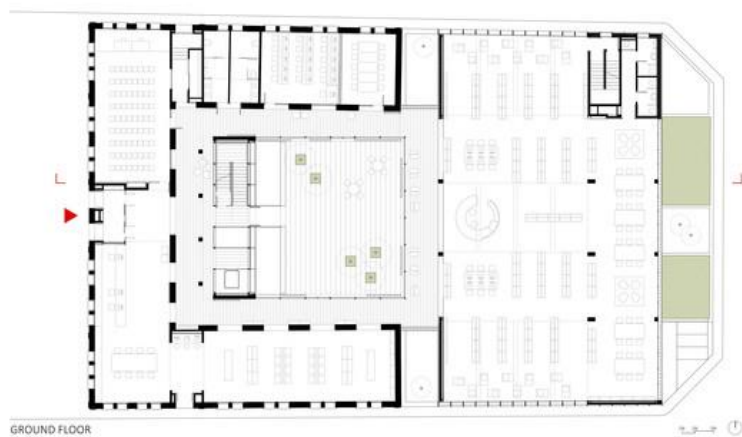


Figura 24: Planta do piso térreo

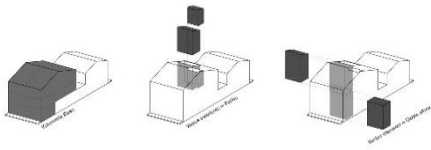


Figura 25: Esquema volumétrico com a representação dos vazios criados

Uma vez que neste Projeto Final de Mestrado são propostas habitações de carácter temporário, fazia todo o sentido que uma das referências arquitetónicas aqui apresentadas estivesse relacionada com o tema da habitação. Esta habitação em concreto, apesar de não ter uma tipologia semelhante às tipologias propostas no Projeto Final de Mestrado, apresenta diversos aspetos arquitetónicos que serviram de inspiração – a luz através da criação do vazio, os materiais, os núcleos da habitação e como se desenvolvem e os acessos.

Originalmente, este caso apresentado tratava-se de duas casas separadas por uma parede de tijolo e taipa com 5 x 15 ou 30 metros, arquitetura muito típica daquela região da Catalunha, mais precisamente na periferia da cidade de Lleida.



Figura 26: O interior da habitação onde é perceptível a amplitude do espaço e os rasgos verticais no piso superior

O projeto ficou a cargo da equipa de arquitetos Hiha Studio, sediados em Barcelona, e, face ao pedido dos clientes, a primeira abordagem foi a criação de vazios, ao longo do edifício em locais estratégicos, mas sempre respeitando as necessidades funcionais da própria habitação.

Com a introdução dos vazios na habitação, em contacto com as fachadas norte e sul, foi possível criar espaços mais amplos sendo a luz o principal guia na habitação. A composição do edifício é feita por 3 níveis, sendo que com a introdução desses mesmos vazios criaram-se rasgos verticais, uma forma de permitir que a luz atravessasse diversas divisões e uma nova relação entre os ambientes interiores, surgiram, também, áreas com duplo pé-direito, áreas essas mais sociais e onde são vividas as atividades do dia-a-dia, estando os espaços de carácter mais privativo em redor destes espaços.

Como já foi referido, a habitação é composta por 3 pisos – ao nível mais baixo encontra-se a garagem, semienterrada e direcionada a Norte, subindo encontram-se as áreas sociais – cozinha, sala de estar, a sala de jantar e um terraço exterior, e por fim, no último piso estão os quartos e as instalações sanitárias.

No decorrer da reabilitação do edifício foram removidas quaisquer formas de acabamentos e ornamentos que não fizessem parte do edifício originalmente, de forma a manter a sua essência e onde o uso de novos materiais, cores e texturas viriam a valorizar essa mesma essência original.

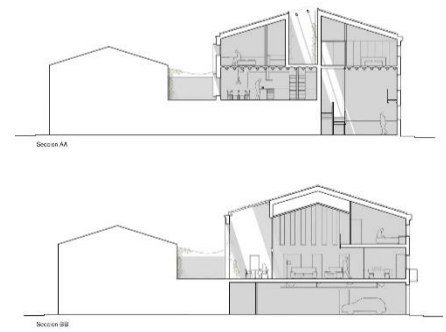


Figura 27: esquema lumínico na habitação



Figura 28: Pormenor da materialidade

3.1 | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Marvila, freguesia situada à beira Rio na zona Oriental da cidade de Lisboa, entre a Baixa e o Parque das Nações, apresenta diversos contrastes. As estreitas azinhagas e largas avenidas, antigas fábricas e modernas construções, marcam a freguesia que tem sofrido uma forte evolução nas últimas décadas.

Marvila, cujo nome provém de *Vila do Mar* pela proximidade ao Rio Tejo, tornou-se freguesia em 1959, mas o povoamento deste território remonta à pré-história, comprovado pela descoberta de achados arqueológicos.

Em 1149, dois anos após a conquista de Lisboa aos Mouros, D. Afonso Henriques doou à Mitra de Lisboa as terras de Marvila. Essas terras de grandes dimensões, muitas ainda com mesquitas e outros vestígios árabes, foram repartidas em courelas, tendo a Igreja distribuído pelos cônegos da Sé. Inúmeras instituições de cariz religioso possuíram propriedades em Marvila como: Mitra de Lisboa, Mosteiros de Chelas, de São Vicente de Fora e de Santa Cruz de Coimbra, assim como Ordens Templárias, deixando-nos a arquitetura religiosa que podemos observar na

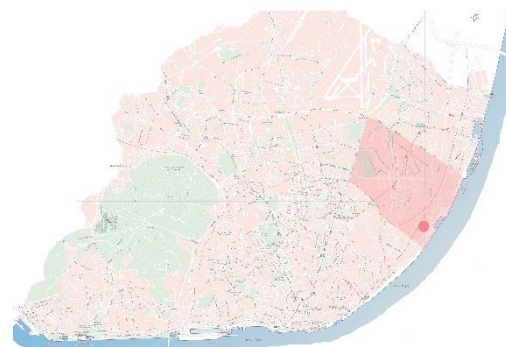


Figura 29: Freguesia de Marvila em contexto com o concelho de Lisboa

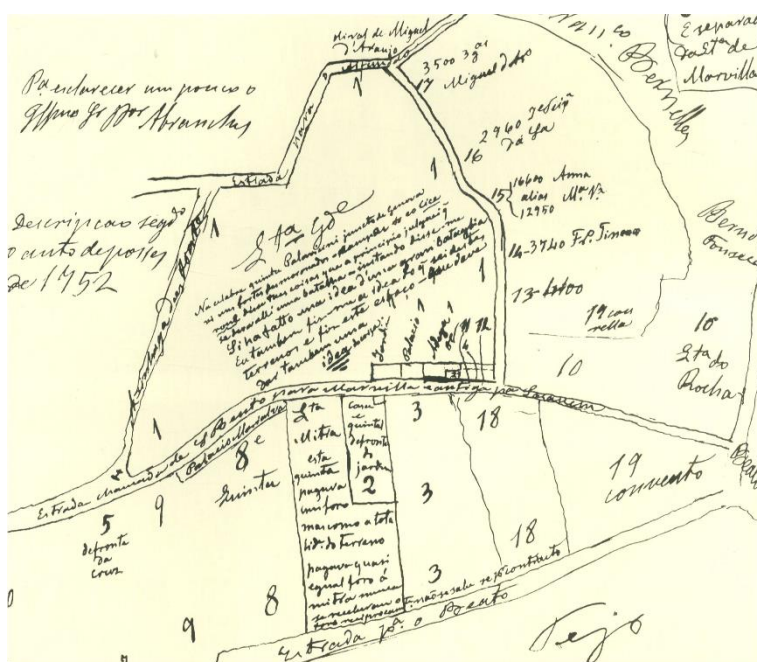
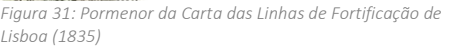


Figura 30: Mapa dos foros de Marvila em 1752

1. Palácio e Quinta de Marvila; 2. Casas defronte do jardim; 3. Courela defronte do pátio; 4. Três moradas de casa na Rua Direita de Marvila; 5. Quinta defronte da Cruz ao sair da Azinhaga das Fontes (hoje Azinhaga dos Alfinetes); 6. Vinha chamada de Calçada; 7. Casas na Rua de São Bento dos Lóios para Marvila; 8. Palácio e Quinta do Marquês de Marialva; 9. Luís da Costa Campos; 10. José da Rocha Vasconcelos; 11. Padre Estêvão Pissola – casas; 12. João de Oliveira; 13. Padre Gabriel da Silva; 14. Francisco Tinoco; 15. Luís da Costa; 16. José Teixeira da Silva; 17. Doutor Miguel de Araújo; 18. Quinta do Betencourt; 19. Freiras – Convento Nossa Senhora da Conceição de Marvila (hoje – Igreja Paroquial Santo Agostinho a Marvila) 20. Quinta das Murtas – Manuel Martins; 21. João Batista.

A figura 30, ilustra os foros e quintas existentes em Marvila à data de 1752. Fazendo uma leitura mais aprofundada desse mesmo desenho percebe-se que, apesar das severas mudanças trazidas pelo tempo, muitas das estradas e azinhagas ainda estão presentes nos dias de hoje. O caminho ribeirinho representado corresponde à *Estrada para o Beato* – atualmente Rua do Açúcar, onde nos apercebemos de que o Rio Tejo sofreu um grande recuo face a esta época. Um pouco mais acima encontra-se a *Estrada* chamada *São Bento para Marvila e antiga para Sacavém*, assim outrora apelidada, hoje designada por Rua de Marvila. Com esta *Estrada* confinavam Palácios, Quintas e Conventos. É sabido que o clero detinha grande parte destes terrenos, mas a aristocracia, entre os séculos XVII e XVIII, também habitou a área, estando ainda presentes os seus Palácios e jardins um pouco pela freguesia.



55

Após o terramoto de 1755 que devastou a cidade, a maioria destas quintas e palácios foram abandonados, e com a implementação da linha férrea em 1856, começam a surgir as primeiras indústrias na zona, indústrias essas de origem manufatureira que ocuparam parcelas destes conventos e palácios outrora esquecidos.

A partir do século XX, com a Revolução Industrial a emergir e, consequentemente, a criar um maior impacto nas cidades, Marvila tornou-se um centro Industrial, algo que moldou a arquitetura local. Começaram a surgir grandes fábricas com as suas chaminés, armazéns, assim como pátios e vilas para acolher os milhares de trabalhadores das inúmeras indústrias.



Figura 32: Marvila, 1911

QUINTA DO MARQUÊS DE MARIALVA

Esta grande quinta dos Marqueses de Marialva (Marqueses porque passou por diversas gerações) ocupava uma grande parte da encosta de Marvila. Do que há registo, D. António Luís de Meneses (1603 - 1675) foi o 1.º Marquês de Marialva. Seguiu-se o 2.º Marquês de Marialva, D. Pedro de Meneses, que, em 1707, adquiriu uma parcela de terreno adjacente a esta Quinta, situada no extremo sul da Quinta de Marvila com as suas varandas voltadas para o Rio Tejo, a qual nomearam de *Quintinha*.



Figura 33: Mirante da Quinta do Marquês de Marialva
Fonte: do autor

Em 1761, sucede-se a morte do 3.º Marquês, já viúvo, passando a Quinta para o seu filho D. Pedro, 4.º Marquês de Marialva. Mais tarde, Lisboa é atingida por um forte sismo e D. José doa a D. Pedro a Quinta da Praia em Belém, fazendo dela a sua residência principal. Consequentemente, a Quinta do Marquês de Marialva entra em decadência, sendo o abandono desta cada vez mais notável.

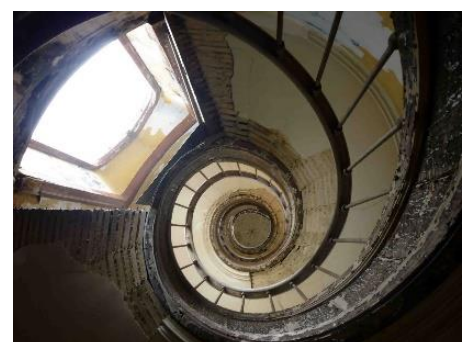


Figura 34: Interior do Mirante da Quinta do Marquês de Marialva

O Mirante da Quinta do Marquês de Marialva é o último vestígio desta grande quinta. Apresenta uma traça romântica e no seu



Figura 35: Pormenor do interior do Mirante

interior, a escadaria era revestida por azulejos do século XVII. Em 1856, este icónico mirante serviu de palco para D. Pedro V testemunhar a passagem do primeiro comboio em Portugal.

Na primeira metade do século XX, dá-se a instalação da Sociedade Nacional de Sabões nos terrenos onde antigamente se erguia a residência dos Marqueses de Marialva, mas em 1999, a empresa entrou em falência, o que resultou na sua demolição. Hoje restam apenas os escombros onde já existiu um Palácio e uma fábrica resistindo apenas o Mirante que demonstra fortes sinais de abandono e degradação.

PALÁCIO E QUINTA DA MITRA



Figura 36: Palácio da Mitra visto a partir do Tejo

Não se conhece ao certo o ano de construção do primitivo Palácio da Mitra, mas acredita-se que remonte ao início do século XVII. Situado numa das várias propriedades da vasta Quinta de Marvila, este edifício encontrava-se ladeado pela *Estrada para o Beato*, um caminho ribeirinho. Durante o século XVIII, foi totalmente reedificado a mando do primeiro Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida (1716 - 1754). Este Patriarca transformou aquele ilustre palácio residencial na sede do patriarcado.⁵⁷



Figura 37: Palácio da Mitra

As semelhanças arquitetónicas e a simultaneidade das obras neste Palácio e a propriedade da Quinta dos Patriarcas, em Santo Antão do Tojal, indicam que o responsável pela renovação de ambas foi o mesmo arquiteto, António Cannevari.

O Palácio da Mitra é considerado um exemplar de arquitetura palaciana portuguesa. Apresenta uma planta retangular regular

⁵⁷ Matos, J. S. e Paulo, J. F. (1999) *Caminho do Oriente: Guia Histórico II*, Lisboa. Livros Horizonte

antecedido por um grande pátio, também ele retangular (figura 37). O edifício desenvolve-se ao nível do segundo piso onde se encontra um jardim de buxo, a Oeste do Palácio, sendo que no

piso inferior estão os espaços menos nobres, possivelmente resultantes do aproveitamento do edifício anterior. Os dois pisos são ligados por uma enorme escadaria que se *“bifurca de modo teatral e labiríntico, dando perpendicularmente acesso a dois lances paralelos, (...) os quais terminam num patamar intermédio, de onde parte um terceiro lance, central”*. O último lance é protegido pela balaustrada de mármore, *“com balaústres de forma peniforme e secção triangular”*⁵⁸. Já os restantes lances são rematados por um *“magnífico acervo de azulejos, (...) acentuado pela duplicação das balaustradas uma fruição sem limites da noção do espaço (...) em que os azulejos ganham uma nova virtualidade”*⁵⁹. A propriedade ainda beneficiava de um cais, devido à aproximação do Rio Tejo à quita, ladeado por obeliscos.

No século XIX, em 1834, a Quinta e respetivo Palácio foram adicionados aos bens nacionais, tendo servido de residência para diversos Cardeais, Patriarcas e até Embaixadores. Mas após períodos de leilões e diversos proprietários, a propriedade é adquirida em 1909 por Fuertes Peres e, em 1913, é ali fundada a Fábrica Seixas, de metalurgia e fundições, mas acaba por encerrar em 1925. Mais tarde, a Câmara Municipal de Lisboa procedeu à compra de toda a Quinta e os demais anexos da antiga fábrica, convertendo-os num asilo de mendicidade, o Asilo da Mitra, e no piso inferior do Palácio instalou a Biblioteca Municipal do Poço do Bispo. Com estas instalações, o edifício sofreu danos irreparáveis, perdendo, também, o seu cais devido



Figura 38: Interior do Palácio da Mitra



Figura 39: Pormenor da escadaria do Palácio

⁵⁸ Meco, J. (1985). O Palácio da Mitra em Lisboa e os seus azulejos. *Lisboa: Revista Municipal*, p. 29.

⁵⁹ Matos, J. S. e Paulo, J. F. (1999) *Caminho do Oriente: Guia Histórico II*, Lisboa: Livros Horizonte, p. 126.

ao alargamento da atual Rua do Açúcar e à construção de aterros.

Por decisão da C.M.L, em 1941 é ali instalado o Museu da Cidade, de forma a dignificar o Palácio, mantendo-se até 1973. Mais tarde, passou a ser a sede do Grupo “Amigos de Lisboa”.⁶⁰

CONVENTO DE MARVILA



Figura 40: Convento de Marvila

O Convento de Marvila, devido às suas variadas funções, é também apelidado de Convento Nossa Senhora da Conceição ou Igreja Paroquial Santo Agostinho a Marvila, e situa-se na extremidade nascente da Quinta de Marvila, o que atualmente corresponde na confluência das ruas Direita de Marvila com a Zófimo Pedroso, muito próximo do Poço do Bispo.

Os terrenos onde se encontra o Convento partiram de uma doação por parte do Arcebispo da Sé de Lisboa, D. Fernão Cabra. Em 1655, D. João IV concede o Alvará para a construção do Convento que iria acolher as freiras da Ordem de Santa Brígida. Passados cinco anos, o Convento é inaugurado, mas a casa conventual ainda não estava concluída. D. Isabel Henriques, esposa do fidalgo Diogo Lopes de Torres, e a sua filha foram quem mais contribuiu para a conclusão deste mosteiro, existindo uma lápide no Convento como forma de evocar a sua memória.

Apesar da extinção das ordens religiosas em Portugal, regulada em 1862, as freiras da Ordem de Santa Brígida permaneceram no Convento até meados de 1872. Pouco tempo depois, a Capela foi desativada e o edifício conventual foi cedido pelo Governo a Manuel Pinto da Fonseca, que fundou um asilo destinado a crianças abandonadas, transferindo-o para este edifício em 1875. Foi rebatizado em 1911 como Asilo Manuel Pinto da Fonseca e em 1928, instalou-se neste Convento o Asilo de Velhos

⁶⁰ Meco, J. (1985). O Palácio da Mitra em Lisboa e os seus azulejos. *Lisboa: Revista Municipal*, p. 13-31.

de Campolide. Mais tarde, a Igreja foi reaberta ao culto, estando classificada como Imóvel de Interesse Público.

A Igreja situa-se no corpo à direita, *“de grande simplicidade estrutural, (...) como se a arquitetura não fosse muito mais que um mero suporte para a fantasia decorativa, expressa na exuberância colorida de azulejos, pintura, talha e mármore”*⁶¹.

Em ambas as fachadas, que estão voltadas para a Rua Direita de Marvila, apresentam-se murais em azulejo.



Figura 41: Painel de azulejos numa das fachadas do Convento

⁶¹ Matos, J. S. e Paulo, J. F. (1999) *Caminho do Oriente: Guia Histórico II*, Lisboa: Livros Horizonte, p. 141.

3.2 | EVOLUÇÃO INDUSTRIAL EM MARVILA



Figura 42: Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca

A implementação da linha férrea em Portugal e a proximidade ao Rio Tejo revolucionaram a Lisboa Oriental, fixando-se diversas indústrias desde o Beato a Sacavém. A procura e o desejo por uma vida melhor levaram a que muitas famílias, a maioria vindas do Norte do país e com ligações à atividade agrícola, se instalassem na área industrial de Marvila.

No apogeu da industrialização, Marvila representava um foco de grande importância para as indústrias em Portugal. Grandes empresas fizeram desta freguesia a sua sede: a Fábrica de Borracha Luso-Belga, a Companhia Portuguesa de Fósforos, a Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, S.A.R.L. e a José Domingos Barreiro & C.^a, Lda. Estas empresas e muitas outras são exemplos da arquitetura industrial presente em Marvila que hoje ainda fazem parte do nosso Património Industrial.



Figura 43: José Domingos Barreira & C.^a

Após a desativação de diversas indústrias, durante décadas, a zona Oriental da cidade de Lisboa foi vista, por parte dos habitantes de Lisboa, como uma área marginalizada, esquecida. Nos dias que correm, esses ideais estão a mudar e Marvila está a “renascer das cinzas” derivado deste declínio industrial. O aparecimento de novos espaços de lazer, novos restaurantes e bares, galerias de arte, oficinas criativas e espaços de *coworking* estão a mudar o estigma tantos dos residentes como de novos visitantes.

A SOCIEDADE NACIONAL DE SABÕES

A Sociedade Nacional de Sabões surgiu da união de várias indústrias do sector, sendo que a Saboaria Nacional do Beato já existia desde 1912, entre a Rua de Marvila e a Azinhaga dos Veigas, área essa que correspondeu em tempos à grande Quinta de Marvila.

Em 1919, nasceu a Sociedade Nacional de Sabões Lda. A empresa teve várias fases de grande crescimento no mercado, o que se traduziu em diversos momentos de expansão das suas instalações. Os projetos de raiz que foram feitos nas expansões das instalações da empresa, contaram com a presença e a supervisão de arquitetos e engenheiros civis e o betão foi o material utilizado neste grande conjunto fabril.

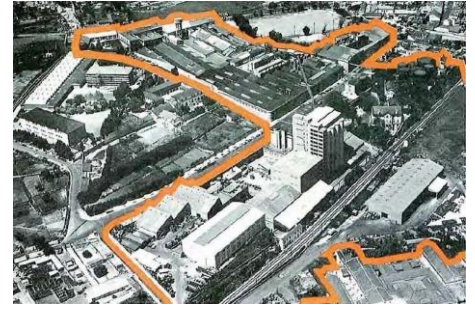


Figura 44: a área onde se inseria a Sociedade Nacional de Sabões nos anos 70.

Em 1989, dá-se a rutura na produção de sabões e derivados. A multinacional alemã *Henkel*, adquire algumas áreas da SNS, transferindo a sua produção para outros países em que a mão-de-obra fosse mais barata. A falência da Sociedade Nacional de Sabões estava à vista, e deste imenso conjunto industrial sobraram apenas escombros.

FÁBRICA DE CORTIÇA DA QUINTA DA MITRA

A Fábrica da Cortiça foi construída em 1889, junto ao Palácio que lhe deu o nome, Palácio da Mitra, e mais tarde passou para a família Fuertes, oriunda da Catalunha.



Figura 45: o conjunto fabril da antiga Fábrica da Cortiça

O conjunto fabril foi construído por fases consoante a necessidade, daí as diferenças de carácter arquitetónico apresentadas por cada fase. Os armazéns e edifícios industriais foram distribuídos em correnteza, paralelamente aos jardins do Palácio da Mitra, formando um arruamento central. Do lado direito encontram-se 11 edifícios de duas águas rematados com um óculo central, do outro lado edifícios de dois pisos em alvenaria de tijolo aparente (figura 46) e, no topo do arruamento, confinado pela linha de ferro, existe um grande edifício mais recente de 4 pisos com grandes vãos em platibanda.



Figura 46: Armazéns da antiga Fábrica de Cortiça da Quinta da Mitra

Em 1913, Manuel Fuertes Peres cria uma sociedade com Ernesto Henriques Seixas e, assim, nasce a Fábrica Seixas, relacionada com a indústria metalúrgica. A empresa encerra em

1925 e deu lugar ao Albergue da Mitra a cargo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.⁶²

VILA PEREIRA



Figura 47: a Vila Pereira

Com o desenvolvimento industrial nas grandes cidades, a partir de meados do século XIX, surge um novo tipo de habitação para albergar os imensos trabalhadores do ramo fabril.

Esta vila operária foi mandada edificar pela sociedade Santos Lima & C.⁶³ e situa-se em plena Rua do Açúcar. É em edifício que apresenta uma característica peculiar, tendo em conta as tipologias das vilas, as suas habitações encontram-se por cima dos armazéns de trabalho.

É composto por dois pisos e dividido em 5 módulos. A fachada apresenta uma linguagem ritmada e cada um dos seus módulos, no piso térreo, é composto por 3 vãos – uma porta ao centro e duas janelas de arco de volta inteira rematados com uma bandeira em ferro fundido com as siglas do proprietário da vila e a data de construção do edifício.

No piso superior encontram-se 4 janelas e, um pouco mais a cima, discretas mansardas lado a lado com as grandes chaminés.⁶³

⁶² Folgado, D. e Custódio, J. (1999) Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial. Lisboa: Livros Horizonte, p. 149.

⁶³ Idem, p. 153.

04 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

4.1 | PROPOSTA URBANA

No caso específico do lote a intervir em plena Rua Capitão Leitão em Marvila, somos confrontados com algumas problemáticas existentes em redor deste quarteirão. De forma a garantir uma melhor proposta a nível urbano para esta área, identificaram-se primeiro os principais aspetos negativos que limitam a vida dos habitantes da freguesia. O quarteirão deste lote - que se encontra vazio apenas com a fachada da pré-existência, apresenta-se de certo modo isolado. É delimitado, pelo tardoz, por uma empena na qual existe uma linha ferroviária, que liga às principais estações de comboios – Oriente e Santa Apolónia. A sul da Rua Capitão Leitão, na confluência com a Rua José Domingos Barreiro encontramos um Geomonumento, de grande importância histórica e geológica, mas que acaba por criar um forte obstáculo devido à sua elevada cota. De forma a criar uma ligação entre a cota mais baixa e a cota mais alta – que nos leva ao Pátio de Marvila e ao Mirante da Quinta do Marquês de Marialva, existem umas escadas um pouco toscas, que circundam o Geomonumento. Para além de degradado, este acesso ainda constitui um transtorno para os seus utilizadores com maiores dificuldades de mobilidade. Outro aspeto negativo nesta zona ainda definida pela indústria, é a precária rede viária que acaba por criar uma barreira entre duas zonas de Marvila que acabam por ficar separadas – dum lado temos uma Marvila mais desafogada, com mais vazios urbanos e espaços verdes, e outra que apresenta um maior aglomerado de edificado.

Assim sendo, a proposta urbana passa por dar resposta a estas adversidades. Começando pela área circundante ao Geomonumento, propõe-se a reabilitação das escadas que dão acesso à cota superior e à implementação de um elevador, ajudando assim a criar um novo elo entre estas duas cotas. No terreno da antiga Sociedade Nacional de Sabões pretende-se a



Figura 48: o Geomonumento



Figura 49: as escadas que vencem os dois patamares.

criação de uma área verde - a Oeste, junto do campo do Clube do Ferroviário, uma área reservada para a vertente desportiva e também de apoio às infraestruturas do campo do Clube e a Este, junto ao Mirante, um Parque Urbano para a fruição de todos os residentes e visitantes de Marvila.

Propõe-se a reativação do elétrico até Marvila, mais concretamente até à Praça David Leandro da Silva, como

acontecia há alguns anos atrás. Em Marvila, tem sido constante o aparecimento de novos espaços comerciais, muitos de vertente artística, tendo Marvila a possibilidade de se tornar um polo para artistas.

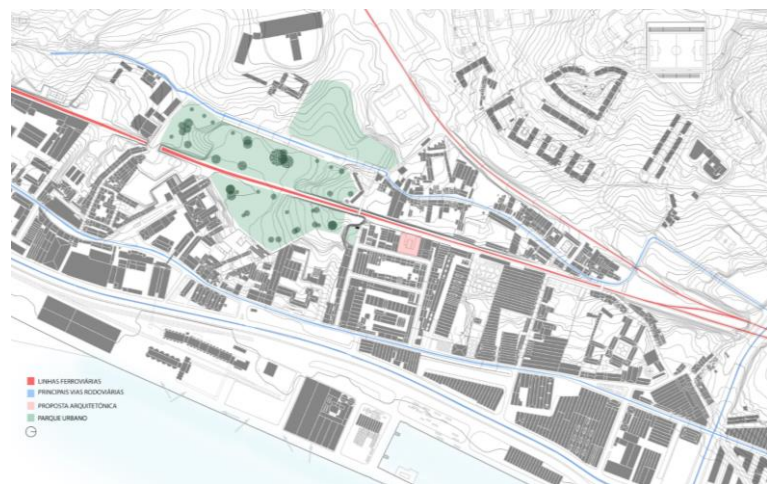


Figura 50: Proposta Urbana

Este Projeto Final de Mestrado partiu da continuação do programa proposto em Laboratório de Projeto VI, sendo que este sofreu algumas alterações programáticas após um estudo mais intensivo da freguesia em questão. Analisaram-se as necessidades do local e dos seus habitantes, e assim se chegou ao programa que se considera ser mais indicado.

O conceito surgiu do desejo de criar um equipamento que permitisse o uso por parte de todos, com atividades variadas consoante os espaços, mas sem quaisquer barreiras ou limites. Como referido anteriormente, Marvila tem uma população mais envelhecida, mas com muito para oferecer, e é exatamente isso que se pretende com a ideologia deste edifício – atividades, *workshops*, onde a população mais velha possa ensinar aos mais novos, mas onde também os mais novos possam ensinar novas coisas aos mais velhos, existindo assim uma troca mútua de conhecimento e uma criação de laços entre os utilizadores deste equipamento.

Posto isto, o edifício divide-se em seis pisos e apresenta uma volumetria de três corpos, embora todos ligados entre si, permitindo assim uma distinção mais lógica dos lugares públicos e privados. Começando pelo piso subterrâneo que dá lugar ao parque de estacionamento coberto. Nos pisos superiores encontramos espaços de cariz público e também privado – a área da cafetaria e restaurante, o auditório que se expande para o exterior, áreas administrativas, a sala de leitura, a sala de *workshops* e também as salas de cariz desportivo. Nos últimos dois pisos encontram-se as habitações de carácter temporário apoiadas com lavandarias para usufruto dos residentes destas mesmas habitações. Existem 4 núcleos de acessos verticais de emergência dotados de elevador, existem, também, duas escadarias em espiral, uma conecta a área do restaurante no piso

0 com a da cafeteria no piso 1, a outra escadaria situa-se junto às receções do piso 0 e do piso 1, estendendo-se até ao piso 2.

4.3 | DESCRIÇÃO DE PROJETO

CHEGADA AO EDIFÍCIO

Ao percorrermos a Rua Capitão Leitão de Norte para Sul, deparamo-nos com a quebra do ritmo dos vãos da restante rua, pelo menos nos pisos mais perto do nosso ângulo de visão, quebra essa preenchida por pilares de grandes dimensões, permitindo-nos vaguear entre eles, formando uma galeria com duplo pé-direito. Conseguimos então, visualizar um longo banco de repouso junto a uma das entradas para o edifício e ao acesso ao parque de estacionamento subterrâneo. À cota da rua, o edifício é composto por um envidraçado que nos permite visualizar o interior deste, convidando-nos a entrar.



Figura 51: Alçado

ESTACIONAMENTO

O equipamento é dotado de um estacionamento subterrâneo e o acesso a este é feito a partir da Rua Capitão Leitão. Após a descida pela rampa existe um vão aberto que permite a iluminação do espaço e a renovação do ar através da ventilação cruzada.

Há três núcleos de acesso, duas salas e 41 lugares de estacionamento.

A circulação automóvel é feita pelo sentido dos ponteiros do relógio, permitindo assim uma melhor organização.

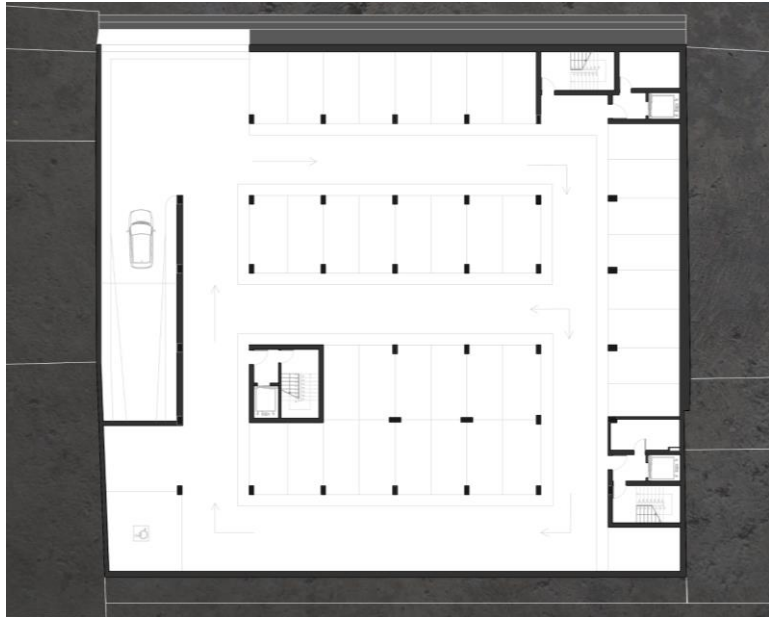


Figura 52: Estacionamento e a sua organização

RECEPÇÃO



Figura 53: a receção em secção

No contexto da receção, optou-se por definir duas zonas de receção distintas – uma no piso 0, sendo um local informativo e de boas-vindas, a outra receção situa-se no piso 1, estando diretamente ligada ao auditório e a tudo o que lhe diz respeito, informação acerca de espetáculos, tertúlias, ensaios, vendas de bilhetes, entre outros.

A receção do piso 0 contém, no seu tardo, pequenos armários revestidos a painéis de madeira de carvalho que revestem o

resto da parede até à zona de espera. Estes painéis têm a particularidade de “esconderem” o acesso aos camarins que se dá naquele espaço. À esquerda da receção encontram-se as instalações sanitárias, e depois temos a zona de espera ou de leitura rápida. Um espaço de transição, onde é possível repousar ou ler o jornal do dia, entre a zona de chegada ao edifício e a área administrativa, que se encontra na continuação deste espaço.

Do outro lado da receção, existe a escadaria em espiral, o restaurante e as instalações sanitárias de apoio a este.

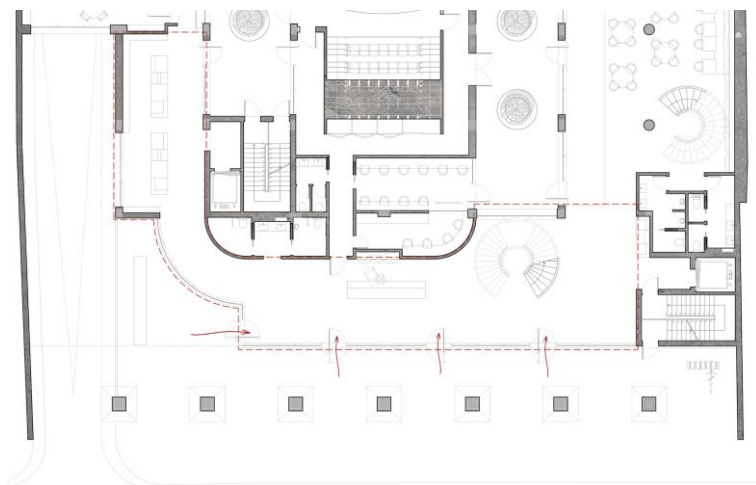


Figura 54: Zona da receção do piso 0

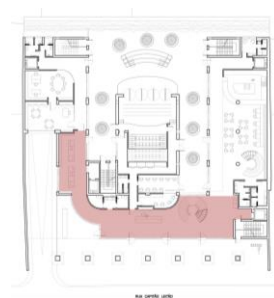


Figura 55: Localização da receção na planta (piso 0.)

RESTAURANTE & CAFETARIA

No piso 0 encontramos o restaurante com um envidraçado em toda a sua extensão que se prolonga para o piso superior – a existência da cafeteria no piso superior em *mezzanine* permite perceber isso. No lado oposto, existe um jardim vertical, também em quase toda a extensão do restaurante. Optou-se por um projeto que está a ser desenvolvido por investigadores da Universidade da Beira Interior, o *GeoGreen +*, que consiste num sistema modular para superfícies ajardinadas, produzido através de materiais naturais como a cortiça.

Na cafeteria, no piso superior, acontece algo parecido, em que também encontramos um jardim vertical em toda a extensão deste espaço. Tomou-se a liberdade de colocar a cafeteria no piso superior, ou seja, no piso que dá acesso ao auditório e onde está situada a galeria, de forma a dar apoio a estes dois espaços.



Figura 56: Localização do restaurante na planta

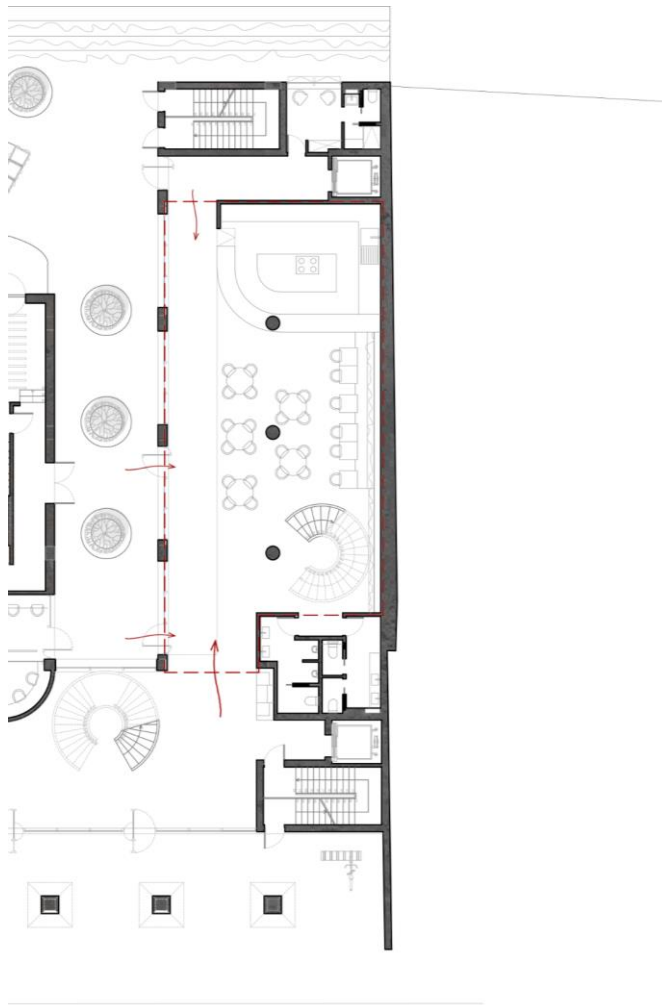


Figura 57: Restaurante (piso 0)

AUDITÓRIO

O acesso ao auditório, como já foi referido, é feito pelo piso 1. À chegada a este piso, que pode ser feita através das escadas em espiral, pelos elevadores ou pelas escadas de emergência, somos confrontados com uma receção onde podemos obter informações sobre os espetáculos que irão decorrer.

Por detrás deste ponto de encontro, existe uma sala técnica onde é possível controlar a luz, o som ou a temperatura. A entrada na sala poderá ser feita por duas portas para uma melhor circulação dos espectadores.

Este espaço foi pensado em prol dos habitantes e para os habitantes, permitindo assim que os habitantes tenham um lugar na realização de espetáculos, tertúlias, recitais, entre outros. Com a presença de diversas associações na freguesia de Marvila que trabalham em prol da divulgação das suas atividades – como a música, a dança ou o teatro, percebeu-se que este edifício poderia servir como ponte entre a promoção dessas associações e os seus feitos, e os restantes habitantes e até visitantes.

Este auditório tem a particularidade de se prolongar para o exterior. A presença de grandes portas amovíveis permitem a continuação do espetáculo para o pátio, sendo que lá existe uma pequena bancada.

Os camarins e instalações sanitárias de uso exclusivo dos participantes ou artistas situam-se no piso inferior, existindo uma ligação direta para o palco.

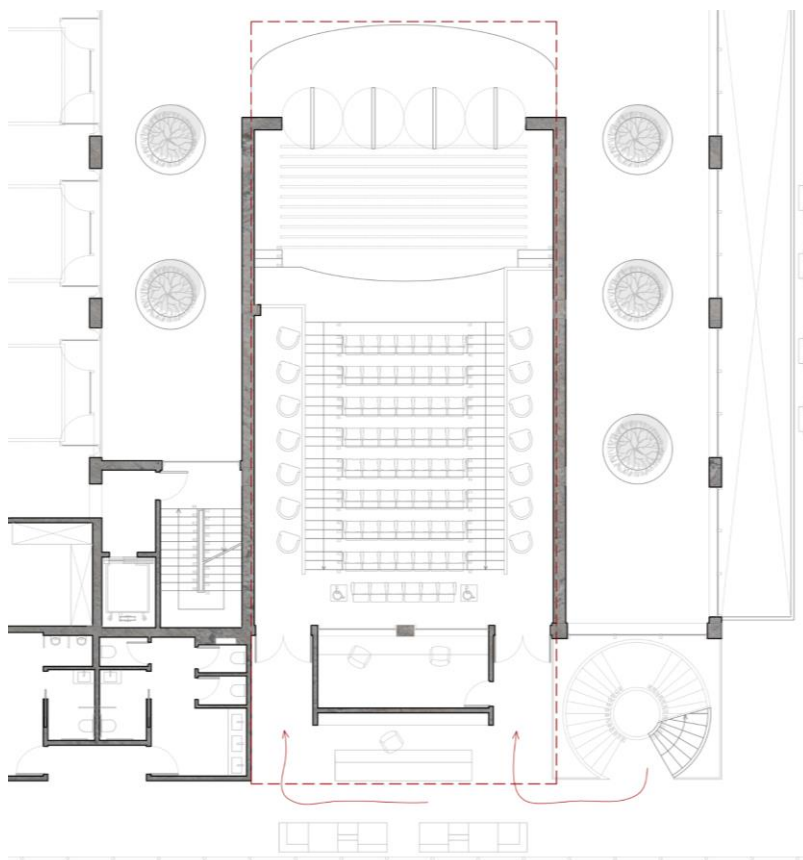


Figura 58: O Auditório (piso1)

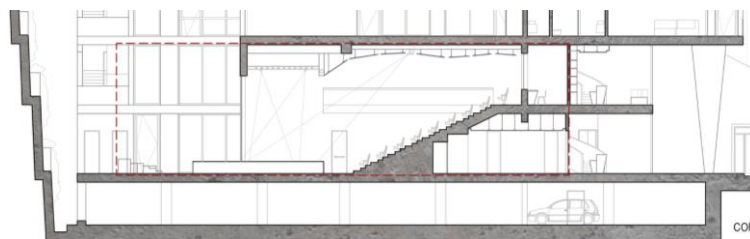


Figura 59: O Auditório em secção

GALERIA

A Galeria é um espaço de dimensões generosas e tem como objetivo a exposição e divulgação de trabalhos artísticos, desenvolvidos por artistas em início de carreira que queiram ver os seus trabalhos expostos, ou trabalhos de carácter mais amador, mas integrando os residentes da freguesia na exposição, de forma a que também eles sejam reconhecidos pelas suas aptidões.

O facto de a galeria se situar no mesmo piso que o acesso ao auditório (piso 1) é um ponto positivo, pois aumenta a quantidade de interessados em visitar a exposição. Outro aspeto positivo é o facto de a sala estar direccionada a Norte, isto permite um maior controlo da luz sobre as obras.

A sala contém mobiliário em torno da estrutura que permite os visitantes repousarem e apreciarem os trabalhos. A iluminação das obras é feita através do sistema de iluminação designado “mesa invertida”, oferecendo assim uma iluminação controlada e suave.

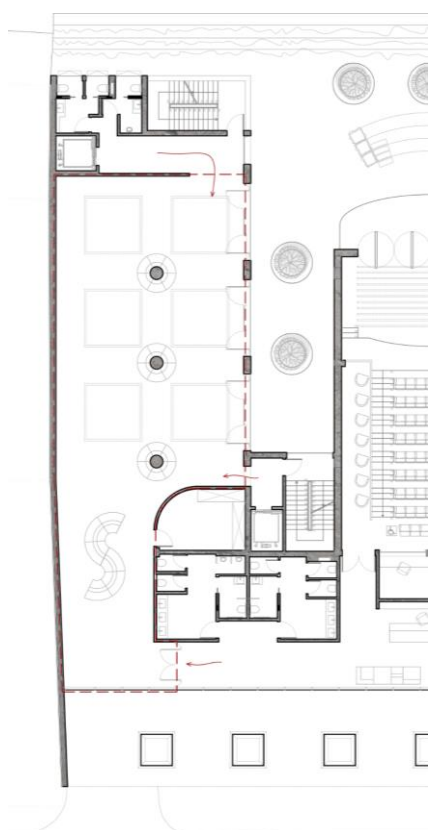


Figura 60: Galeria (piso 1)

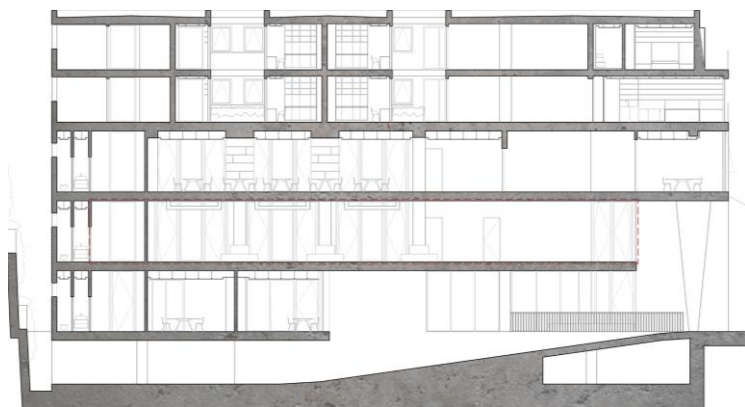


Figura 61: A Galeria em secção

SALA DE LEITURA

A sala de leitura, assim como o espaço de workshops situam-se no piso 2, em lados opostos do edifício. É um espaço dedicado à leitura, reflexão e estudo. É dividida em 3 áreas – a área de estudo ou leitura que dispõe de mesas e assentos dispostos ao longo da sala, a área de leitura, uma zona mais descontraída onde é possível fazer a consulta de jornais e revistas, e por último o balcão de informação que permite a requisição de livros para empréstimo domiciliário. Esta sala tem também o propósito de acolher apresentações de novas obras e autores, palestras, tertúlias, entre outros, e é dotada de um espólio bibliográfico com foco nas diferentes áreas da Arte, desde a música, dança, arquitetura, cinema, entre outras.



Figura 63: Mobília desenhada para a Sala de Leitura

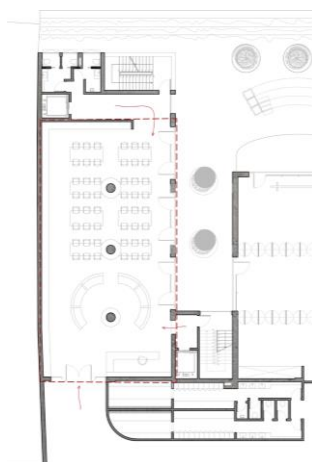


Figura 62: Sala de Leitura



Figura 64: localização da sala de leitura na planta (piso 2)

ESPAÇO DE WORKSHOPS

O espaço destinado a workshops é composto por duas salas divididas por painéis amovíveis que se podem mover, ficando assim uma sala com maiores dimensões.

O intuito de introduzir um espaço destinado ao desenvolvimento de workshops segue a linha de pensamento em torno da dinâmica e integração da população. O objetivo deste espaço é a promoção de atividades que estimulem a aprendizagem, como trabalhos manuais – bricolage, costura, caligrafia, pintura; culinária, a aprendizagem de novas línguas, entre muitos outros.

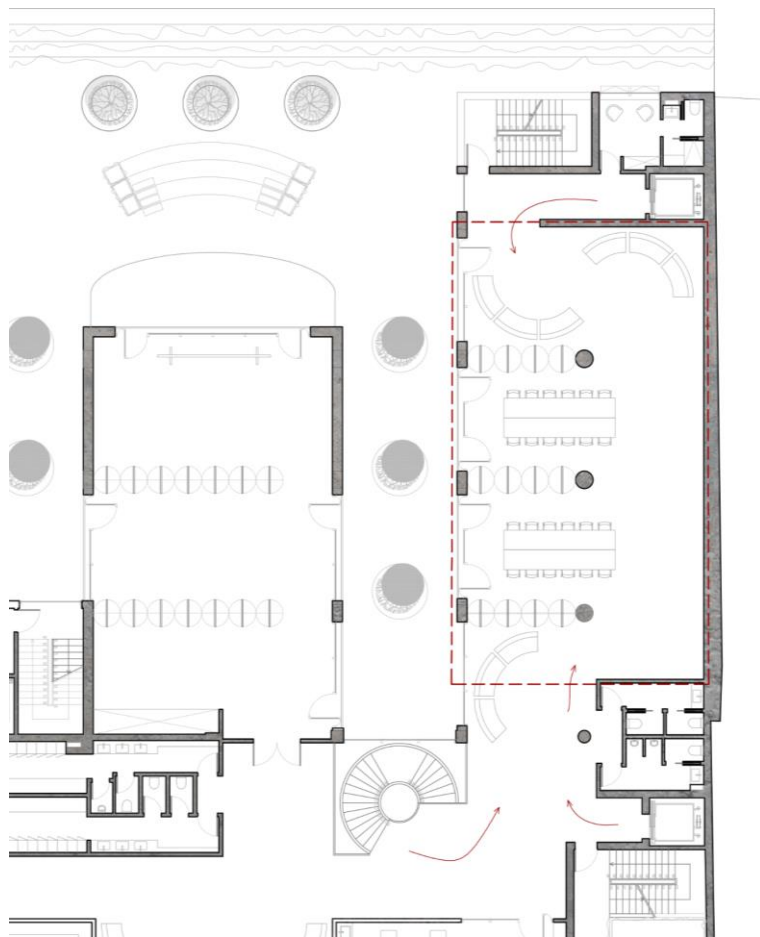


Figura 65: as salas de workshops (piso 2)

SALA DE CARÁCTER DESPORTIVO

Esta instalação desportiva, que também se situa no piso 2, é uma sala de dimensões bastante generosas que é possível dividir em 3 salas mais pequenas, recorrendo ao uso dos painéis amovíveis. É destinada à prática de atividades do foro desportivo direcionadas para todas as idades – aulas de dança (ballet, danças de salão, sapateado), aulas de karaté, ginástica, entre outras. Para além disso, este espaço também poderá funcionar como apoio às associações da freguesia como local de ensaios. Esta instalação conta ainda com um balneário de apoio.

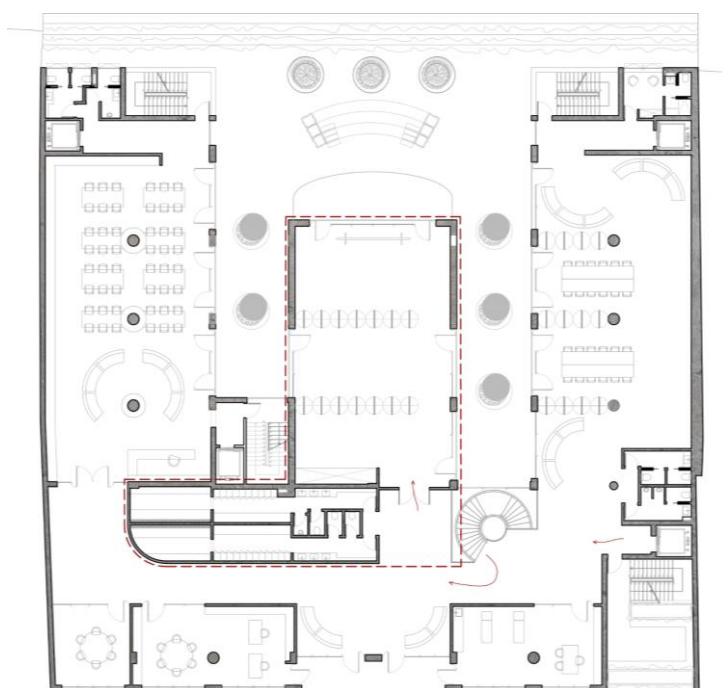


Figura 66: a sala desportiva (piso 2)

ÁREAS DE ADMINISTRAÇÃO E GABINETES DE APOIO

As salas de administração estão presentes em diferentes pisos do projeto, uma no piso de chegada e as restantes no piso 2.

Começando pela sala do piso 0, esta apresenta-se dividida em duas áreas distintas. A entrada é feita através de uma porta de

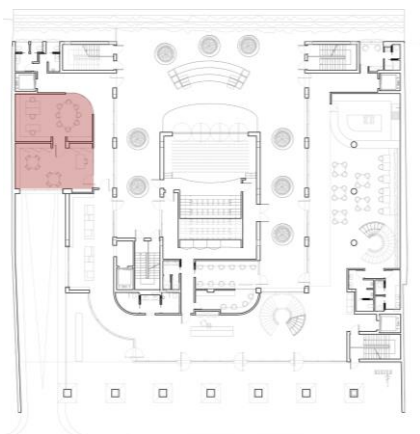


Figura 67: A área administrativa (piso 0)

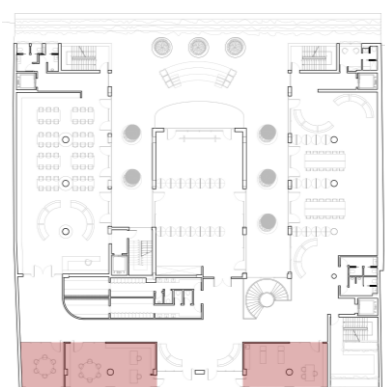


Figura 68: área administrativa e gabinetes de apoio (piso 2)

vidro para a zona mais sociável e pública da área administrativa. É envolta por armários em madeira de carvalho, tendo uma porta pivotante, também ela em madeira de carvalho, que faz a divisão das duas salas. A outra sala é de um carácter mais privado, destinada aos elementos da administração do edifício e possíveis reuniões.

No piso 2 encontram-se as restantes salas para este fim. No piso seguinte situam-se as residências e assim, os espaços administrativos permitem efetuar uma melhor logística e organização da ocupação e limpeza de cada habitação, mas também das salas destinadas aos workshops e às aulas de dança e desporto. Existem ainda, uma sala de reuniões e um gabinete médico. O gabinete médico tem como função o apoio às atividades desportivas em caso de lesão e, também, para consultas à população mais envelhecida, especificamente exames de rotina mais simples, rastreios ou consultas de nutrição.

HABITAÇÕES

Como já foi mencionado anteriormente, as grandes cidades atravessam uma crise habitacional. Fenómenos como a gentrificação e o turismo em massa fizeram com que este problema se propagasse. De modo a atenuar esta adversidade decidiu-se dar continuidade ao programa de Laboratório de Projeto VI que propunha habitações temporárias para artistas. Neste caso em concreto, não será unicamente para artistas, mas para aqueles que necessitarem, como estudantes ou profissionais deslocados.

As habitações estão localizadas nos dois últimos pisos deste edifício, distribuídas em forma de U. Existem ao todo 21 habitações, 7 *duplexes* (tipologia A) e 14 *simplexes* (tipologia B). Os *duplexes* situam-se na fachada Este do edifício, voltados para

a Rua Capitão Leitão, permitindo a contemplação do Rio Tejo aos seus usuários. Os *simplexes* situam-se nos extremos Norte e Sul deste equipamento, em que há a partilha de um pátio que possibilita a iluminação da habitação e do corredor de circulação.

TIPOLOGIA A

A tipologia A corresponde à habitação composta por dois pisos e apresenta uma área de aproximadamente 35 m² em cada um dos pisos. A residência organiza-se como um *open space*, tendo sido idealizada para a convivência de duas pessoas.

Após a entrada na habitação, encontram-se a cozinha e as escadas que dão acesso ao piso superior. A cozinha é dividida em duas zonas de trabalho, num dos lados a preparação e confeção dos alimentos e do outro a lavagem dos mesmos. Este último balcão prolonga-se, dando lugar à área de refeição. A área de trabalho e de lazer encerram os espaços deste piso.

As escadas têm uma particularidade, em que o segundo degrau se desenvolve ao longo da habitação transformando-se numa

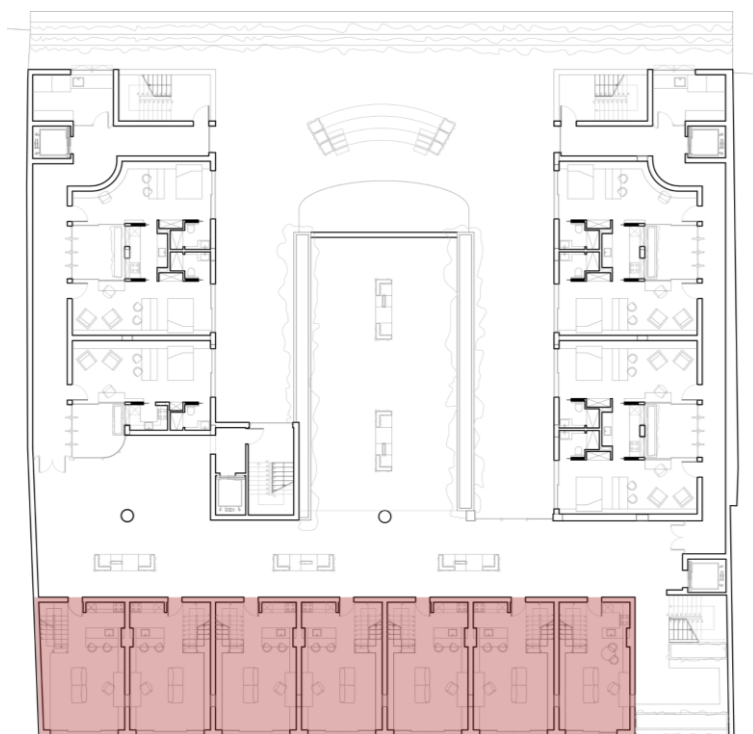


Figura 69: Localização dos duplexes em planta (piso 3)

peça de mobiliário. Ao fundo encontra-se o vão de dimensões generosas que ilumina aquele piso do duplex.

Subindo para o piso superior, temos o espaço de dormir e a casa de banho. A zona de dormir é contemplada por dois vãos que nos levam até a uma extensa varanda que permite apreciar o Rio Tejo.

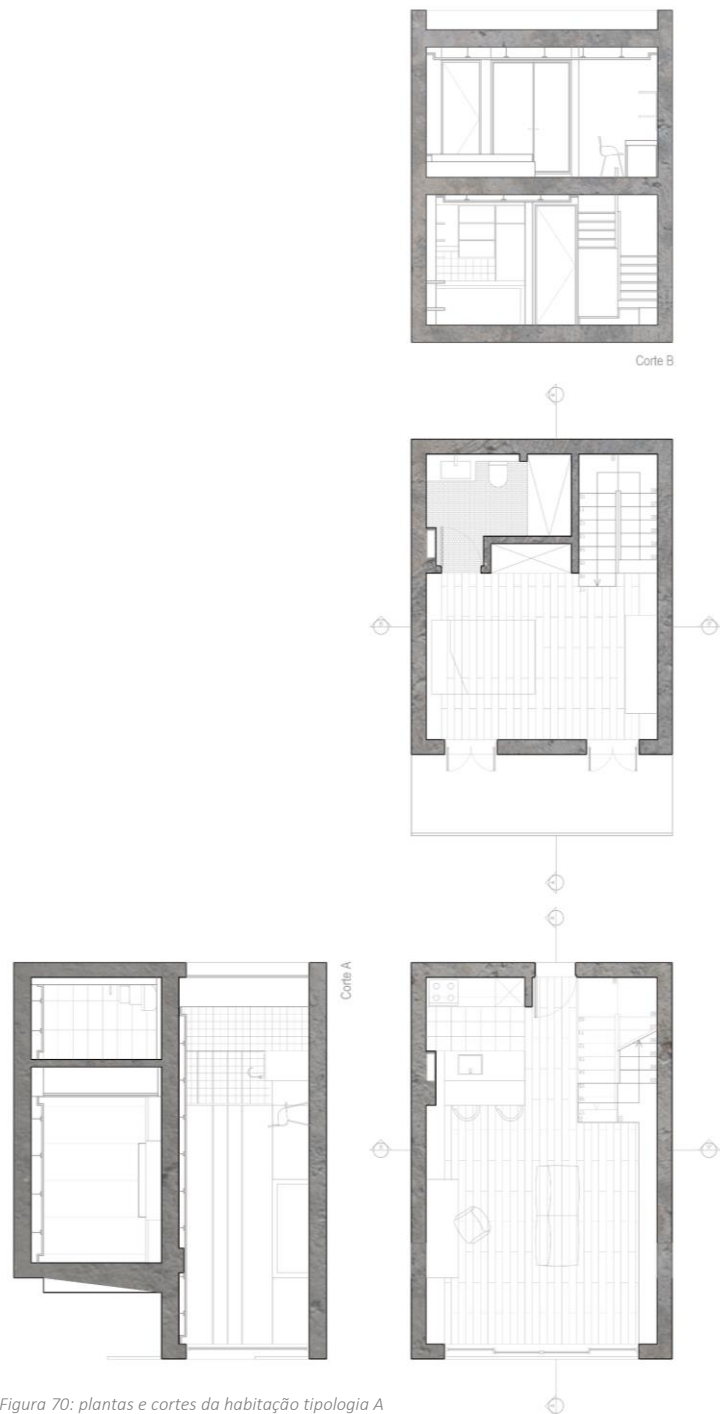


Figura 70: plantas e cortes da habitação tipologia A

TIPOLOGIA B

As habitações inseridas nesta tipologia dividem-se pelos dois últimos pisos da proposta arquitetónica, e apresentam-se como habitações de um só piso.

Estas habitações têm a particularidade de dividir um pequeno pátio (no caso das habitações no piso 3) que permite iluminar a diferentes zonas de estar da habitação, o corredor de acesso a estas e a cozinha, que também é partilhada entre duas habitações.

A entrada é marcada pela zona de trabalho que se encontra junto a um pano de vidro, de forma a tirar o máximo de proveito da luz natural. Este envidraçado dá acesso ao pátio comum, um espaço pequeno, mas aconchegante onde existe um canteiro ao longo da extensão do pátio.

O espaço é marcado por um módulo de arrumação que divide a área de dormir da restante área mais social da habitação. Esta tipologia foi idealizada para a vivência de uma pessoa, mas existem todas as condições para que duas pessoas possam aqui ficar acomodadas. Como já foi referido, a cozinha é compartilhada entre dois módulos habitacionais e tem dois vãos virados para o pátio de forma a receber a luz natural vinda do exterior.

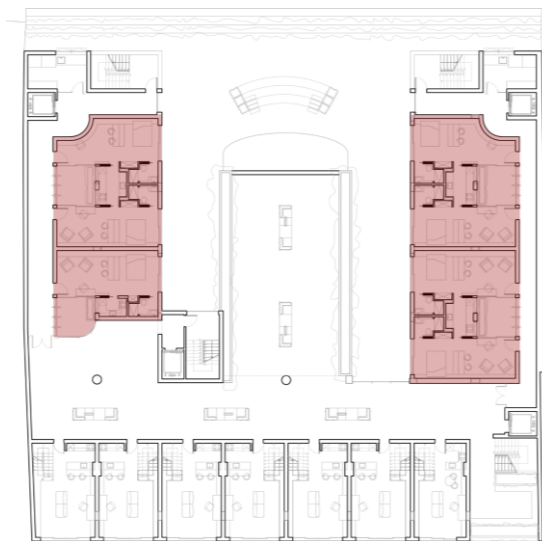


Figura 71: Localização em planta das habitações de tipologia B (piso 3)

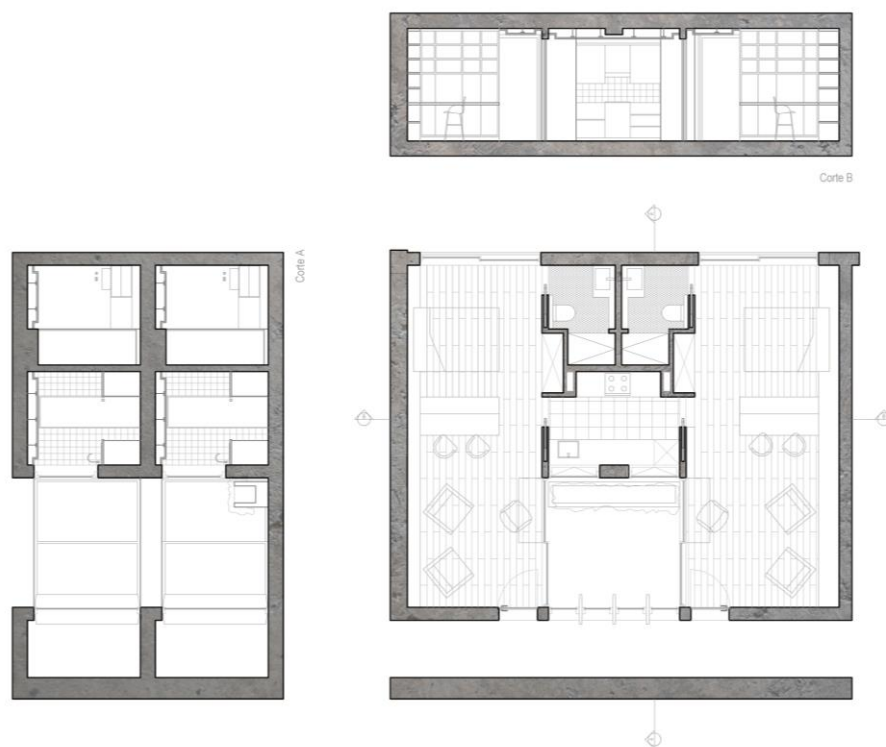


Figura 72: Planta e Cortes da habitação de tipologia B

ESTRATÉGIAS DE LUZ, COR E MATÉRIA

Em relação às estratégias adotadas nesta proposta arquitetónica na temática da luz, cor e matéria, teve-se em conta o edificado envolvente de forma a criar uma linguagem que não se traduza num choque visual, em relação à materialidade. Assim, após algumas visitas ao local, observou-se que as fachadas dos edifícios envolventes se apresentam rematadas com pedra Lioz, nos lambrins e molduras de janelas. Como a fachada da proposta se apresenta com uma linguagem mais moderna, existindo uma maior área de envidraçados, decidiu-se usar a pedra lioz para rematar os restantes espaços da fachada.

O pavimento de acesso ao edifício manteve-se em calçada portuguesa, e o acesso ao parque de estacionamento em basalto surgindo como uma continuação da via rodoviária da Rua Capitão Leitão.



Figura 73: As materialidades da fachada e pavimento

Nos espaços interiores do edifício, a escolha dos materiais e cores a serem aplicados foi tida em conta consoante o uso do espaço e o seu fluxo de usuários.

Para as zonas de maior fluxo, como a zona da receção, restaurante e cafetaria, optou-se por um pavimento de tons mais claros de forma a contrastar com as escadas em espiral de zinco. Nos espaços que requerem um maior nível de silêncio escolheu-se a madeira de carvalho e para as paredes um tom claro.

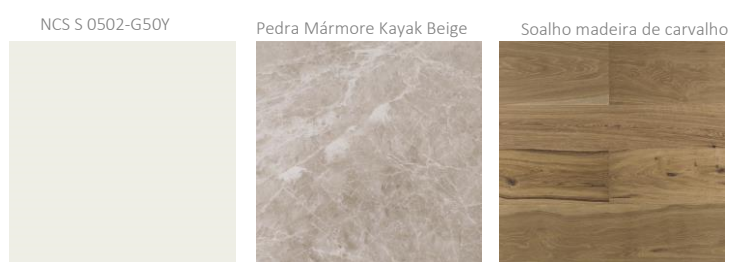
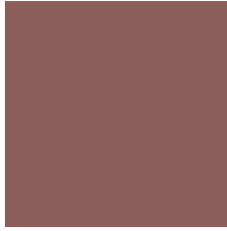


Figura 74: Cor e materialidade

Nas habitações, de forma a aumentar o conforto do espaço, manteve-se a madeira de carvalho no pavimento, para as paredes optou-se por dois tons que podem variar de habitação para habitação. Para os espaços servidores, como são zonas ligadas à água, escolheu-se um azulejo muito utilizado no século XIX. Este azulejo foi escolhido pela particularidade de existir apenas um exemplar numa das fachadas de um dos edifícios da Rua Capitão Leitão.

NCS S 0502-Y90R



NCS S 2020-B70G



Azulejo



Figura 75: Cores e materialidades da habitação

05 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Projeto Final de Mestrado teve como pano de fundo a freguesia de Marvila, mais concretamente um vazio urbano na Rua Capitão Leitão. Este local surge da continuação do trabalho desenvolvido em Laboratório de Projeto VI, trabalho esse que sofreu algumas alterações, como por exemplo a nível do programa, do propósito do edifício e a quem se destinava.

Esta freguesia está profundamente marcada por uma paisagem de carácter industrial que se demonstra fragmentada tanto a nível morfológico como social. Essa fragmentação do território traduz-se no isolamento da população que por se apresentar mais envelhecida, os riscos de isolamento social aumentam.

Foi perante o reconhecimento destes problemas que se propôs um edifício com o propósito de erradicar ou, pelo menos, atenuar os mesmos. Este Equipamento Cultural com uma vertente habitacional, tem como principal objetivo servir toda a comunidade, como que um ponto de encontro entre diferentes gerações de contextos sociais distintos.

Os temas teóricos abordados ao longo deste trabalho contribuíram para o entendimento da sua importância para a Arquitetura e para o seu utilizador, isto é, para todos nós. A Reabilitação, Conservação e Restauro, apesar de não ter sido um tema colocado em prática, o seu estudo e apreensão permitem a sua valorização perante o território de Marvila, onde a predominância de Património Histórico-Cultural e Industrial é sentida.

As emoções do Homem podem ser influenciadas consoante o ambiente onde se encontra. A Luz, a Cor e a Matéria são elementos chave nessa variação de emoções. No processo deste trabalho abordaram-se estes temas com o intuito de utilizar as “virtudes” de cada, para que o espaço arquitetónico seja mais do que uma simples resposta à necessidade.

Deste modo, Marvila apresenta um grande potencial para se tornar numa nova centralidade, criando um elo de ligação entre o Parque das Nações e Santa Apolónia. O Património Cultural e Industrial, a sua localização à beira Tejo e o seu espírito de comunidade são os pontos fulcrais para revitalizar esta freguesia.

06 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA

Aguiar, J., Appleton, J. & Reis Cabrita, A. (2002) *Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais*, Lisboa: LNEC.

Aguiar, J., (2002), *Cor e cidade histórica – Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: FAUP Publicações.

Baeza, A. C. (2011) *A ideia construída*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Choay, F. (1992) *A Alegoria do Património*. São Paulo: Editora Estação Liberdade.

Folgado, D. e Custódio, J. (1999) *Caminho do Oriente: Guia do Património Industrial*. Lisboa: Livros Horizonte.

Mahnke, F. (1996) *Colour, Environment and Human Response*. Nova Iorque: Editora John Wiley & Sons.

Matos, J. S. e Paulo, J. F. (1999) *Caminho do Oriente: Guia Histórico II*, Lisboa: Livros Horizonte

Pallasma, J. (2011) *Os Olhos da Pele*, Porto Alegre: Bookman.

Rasmussen, S. E. (2002). *Arquitetura Vivenciada*. São Paulo: Martins Fontes.

Távora, F. (2008) *Da Organização do Espaço*. Porto: Editora FAUP.

Ruskin, J., (1849), *The Seven Lamps of Architecture*, Nova Iorque: John Wiley.

Viollet-le-Duc, E., (1854) *Dictionnaire Raisonné de l'Architecture Française du XI au XVI Siècle*. Paris: Morel.

Zevi, B. (1966) *Saber ver a Arquitetura*. Lisboa: Editora Arcádia.

Zumthor, P. (2009) *As Atmosferas*. Amadora: Editora Gustavo Gili, SL.

REVISTAS

Braizinha, J., (2011). Retorno à origem: Leon Batista Alberti. *Revista Arquitetura Lusíada*, n.º 3, p. 31-40.

Meco, J. (1985). O Palácio da Mitra em Lisboa e os seus azulejos. *Lisboa: Revista Municipal*, p. 13-31.

Galante, Z. (1999). Os Palácios de Lisboa: de propriedade privada a edifício municipal, *Caderno do Arquivo Municipal*, n. 93, p. 192-215.

Pernão, J. (2017). Light and colour in the process of teaching architectural design. *Colour Design: Theories and Applications*, p. 397-416. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-101270-3.00017-5>

João Pedro Silva Nunes e Ágata Dourado Sequeira, O Fado de Marvila. Notas sobre a origem citadina e o destino metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa », *Forum Sociológico* [Online], 21 | 2011. DOI : 10.4000/sociologico.382

TESES

Abrunhosa, R. (2018) Da Memória Industrial à nova Centralidade: Reabilitação do Edifício da Fábrica da Samaritana como Indústria Cultural e Criativa. Lisboa. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica.

Estêvão, M. (2013). *Arquitetar a Luz em Alberto Campo Baeza e João Luís Carrilho da Graça*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Escola de Artes da Universidade de Évora.

Pernão, J. (2012) *A cor como forma do espaço definida no tempo*. Tese de doutoramento em Arquitetura, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura.

Pernão, J. N. (2005). *Interpretação da Realidade como Variação da Cor pela Luz no Espaço e no Tempo*. Lisboa. Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica.

WEBGRAFIA

Agenda Cultural de Lisboa
<https://www.agendalx.pt/>

Archdaily
<https://www.archdaily.com/>

Câmara Municipal de Lisboa
<http://www.cm-lisboa.pt>

DGPC – Direção Geral do Património Cultural
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>

Junta de Freguesia de Marvila
<https://jf-marvila.pt/>

Monumentos – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx

Reportagem Rádio Renascença

[https://rr.sapo.pt/especial/48500/marvila_o_lado_invisivel_de_lisboa dezembro 2018](https://rr.sapo.pt/especial/48500/marvila_o_lado_invisivel_de_lisboa_dezembro_2018)

https://www.linhadapraia.pt/praiamagazine/noticia_det.php?id=369&n=Theatro%2520-%2520P%25F3voa%2520de%2520Varzim consultado em 02/19

https://www.bandasfilarmonicas.com/cpt_bandas/associacao-para-o-desenvolvimento-cultural-e-social-de-marvila/

<https://www.dn.pt/artes/uma-banda-que-e-como-uma-grande-familia-4647435.html>

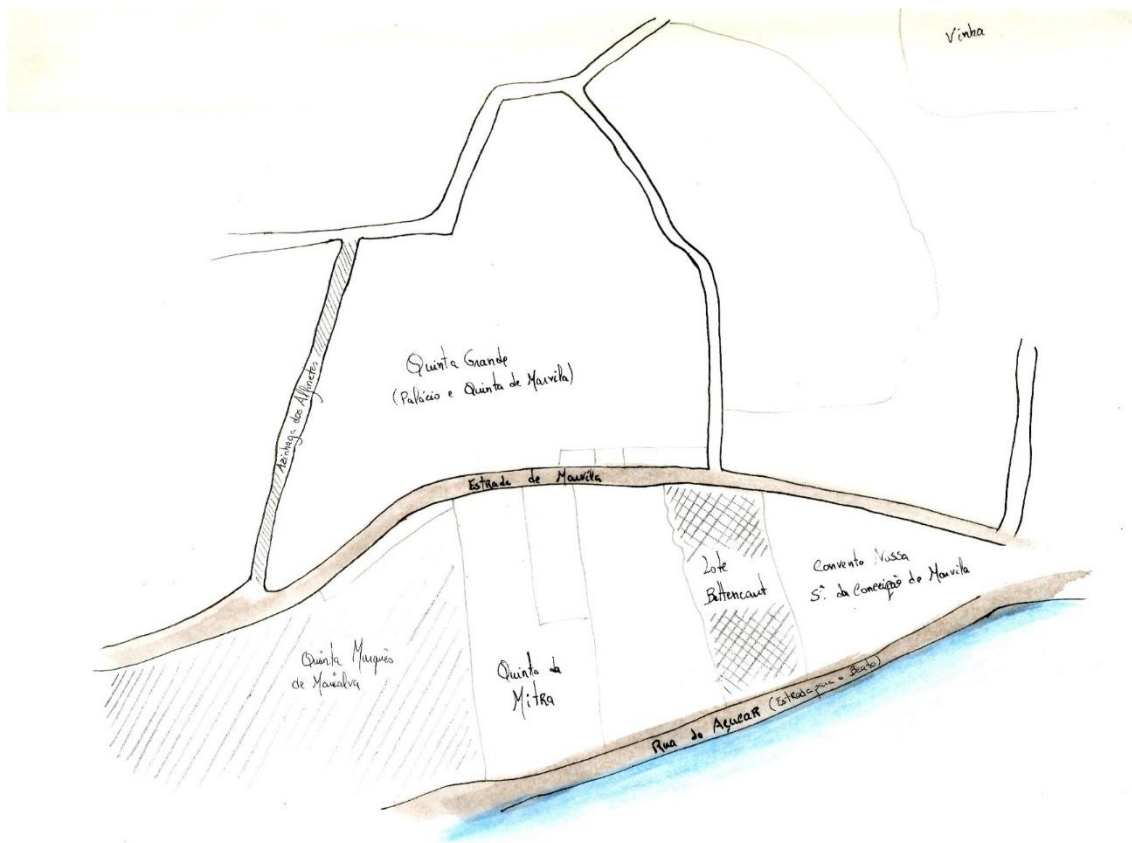
<https://www.orientre.pt/cultura/associacao-cultural-o-fado-inaugura-nova-sede-em-marvila/>

https://www.culturgest.pt/media/filer_public/1c/65/1c65bc1f-2db8-4bee-b771-feae63c20897/culturgest_-_dossier_tecnico_-_ga_2019.pdf

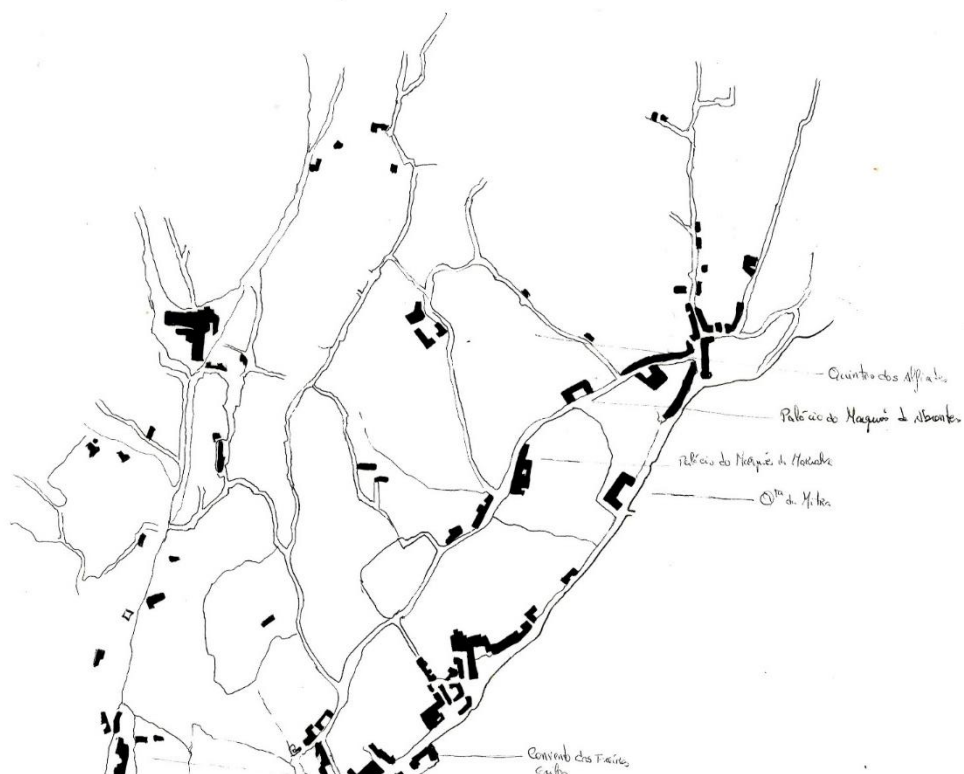
<http://www.jornalarquitectos.pt/pt/jornal/epicentros-pos-industriais/lisboa-oriental>

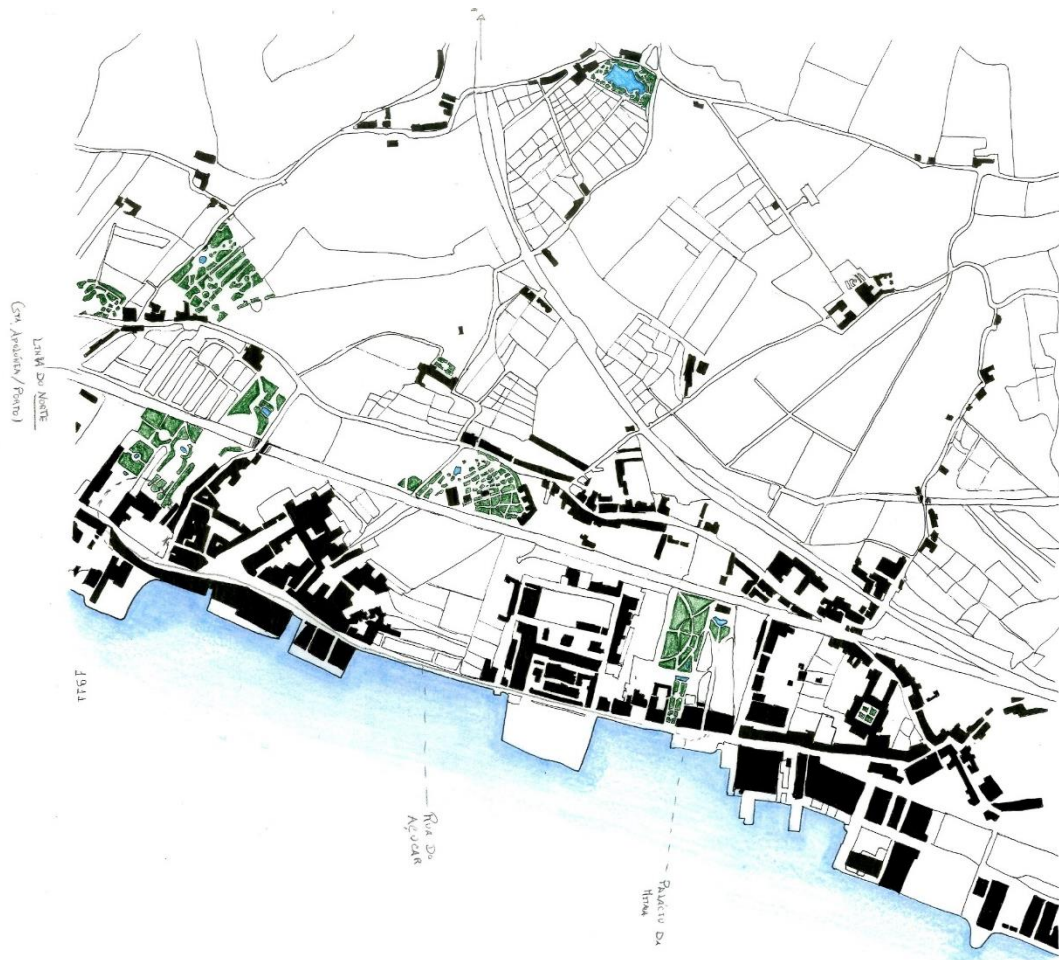
<http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>

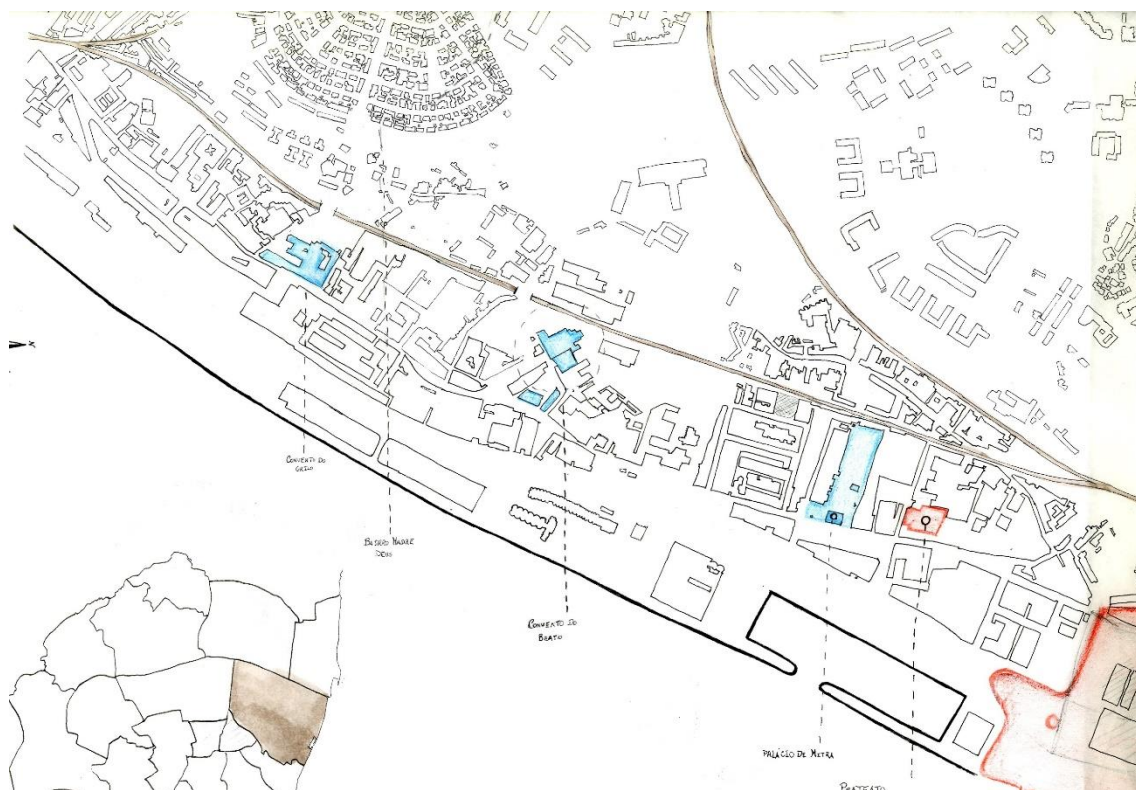
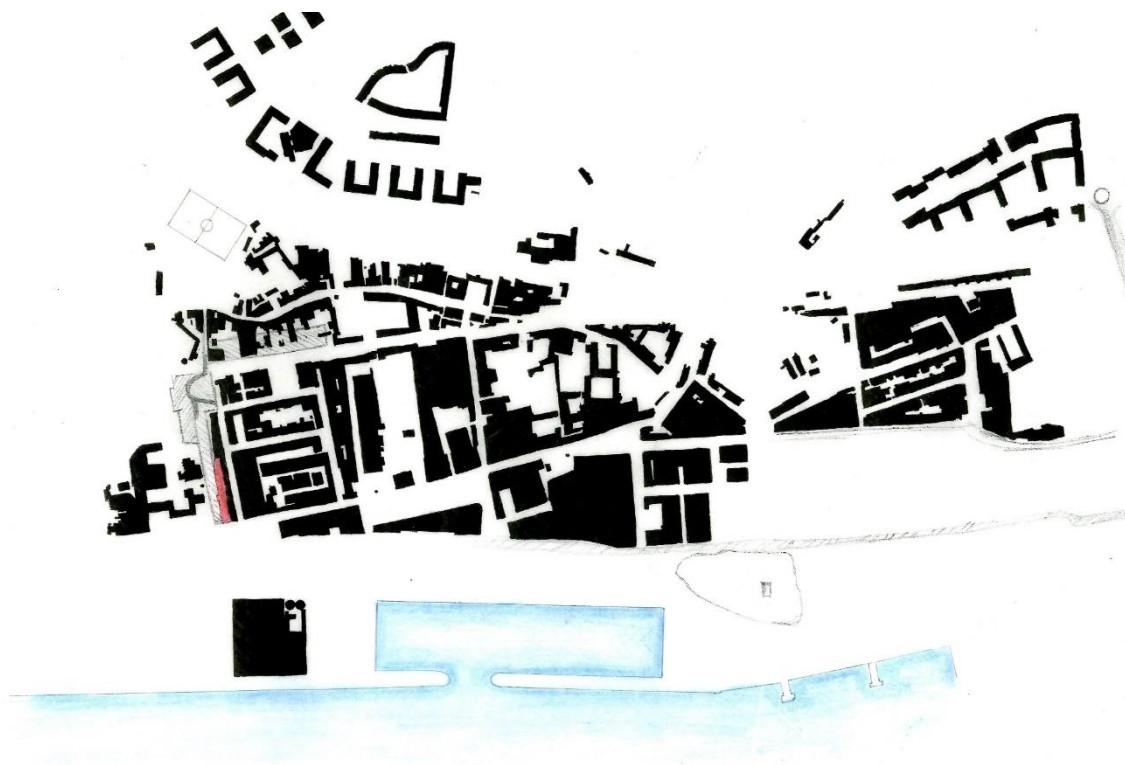
PROCESSO DE TRABALHO

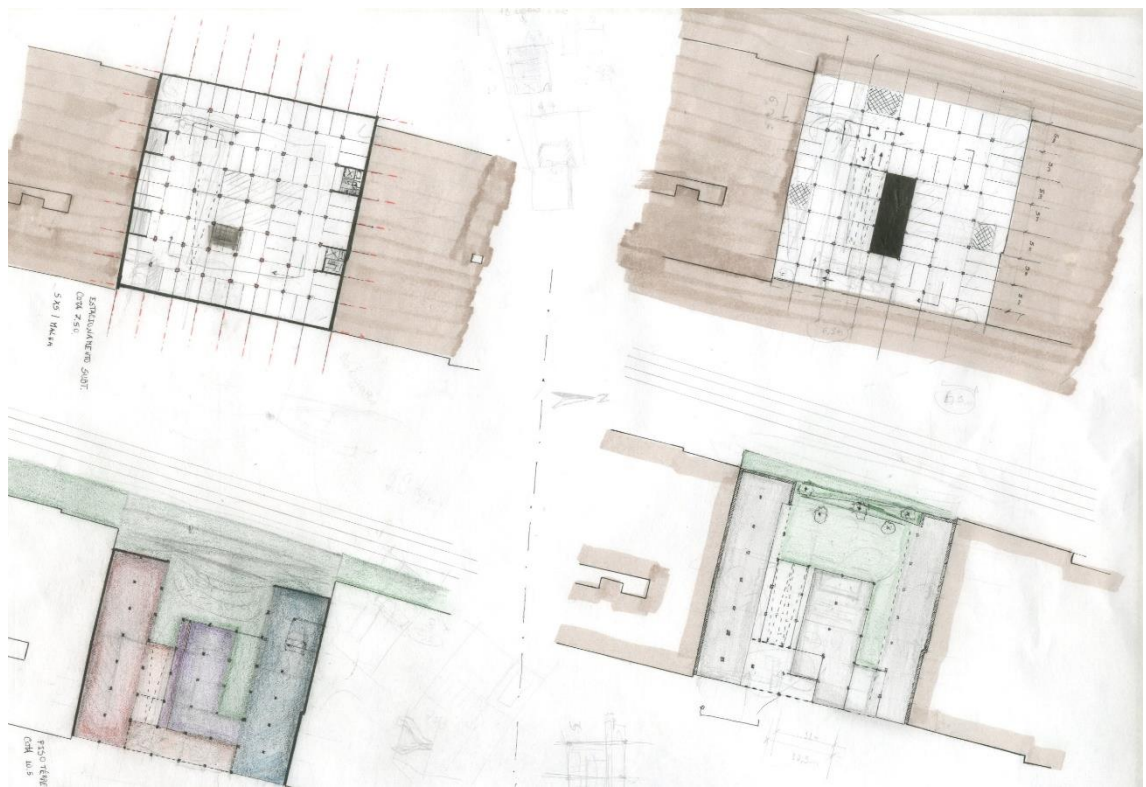
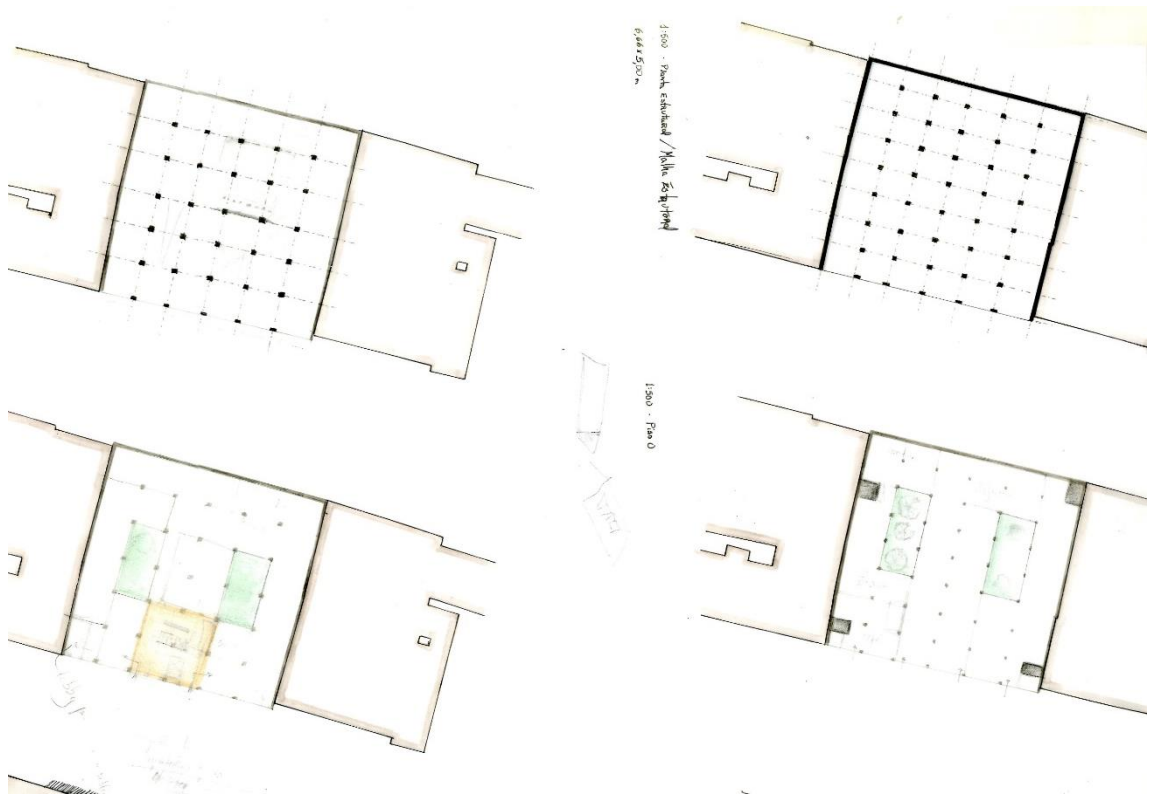


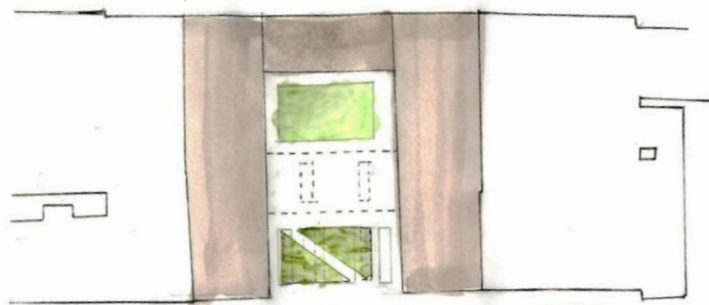
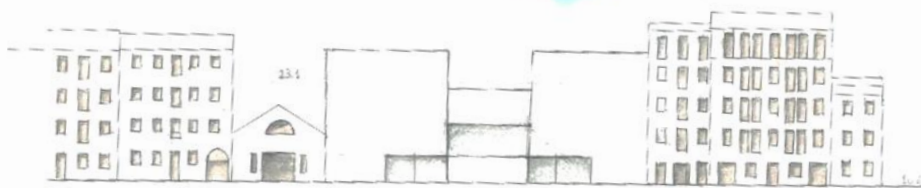
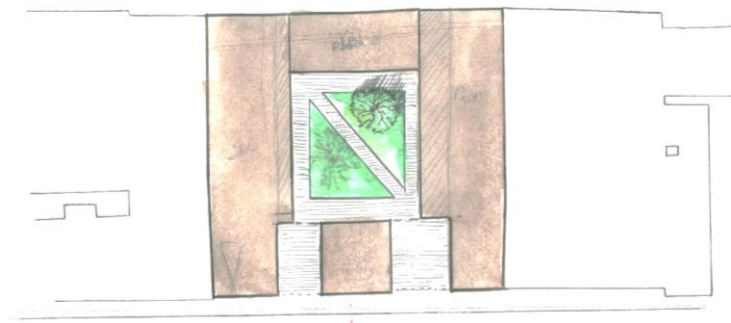
MAPA DOS FORDS DE MARVILA • 1752



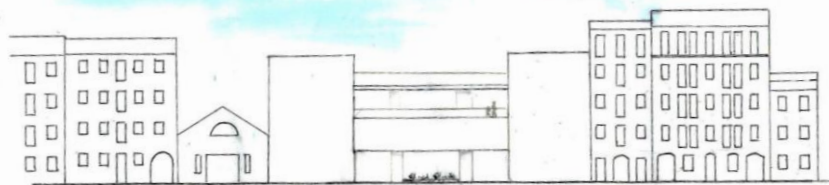


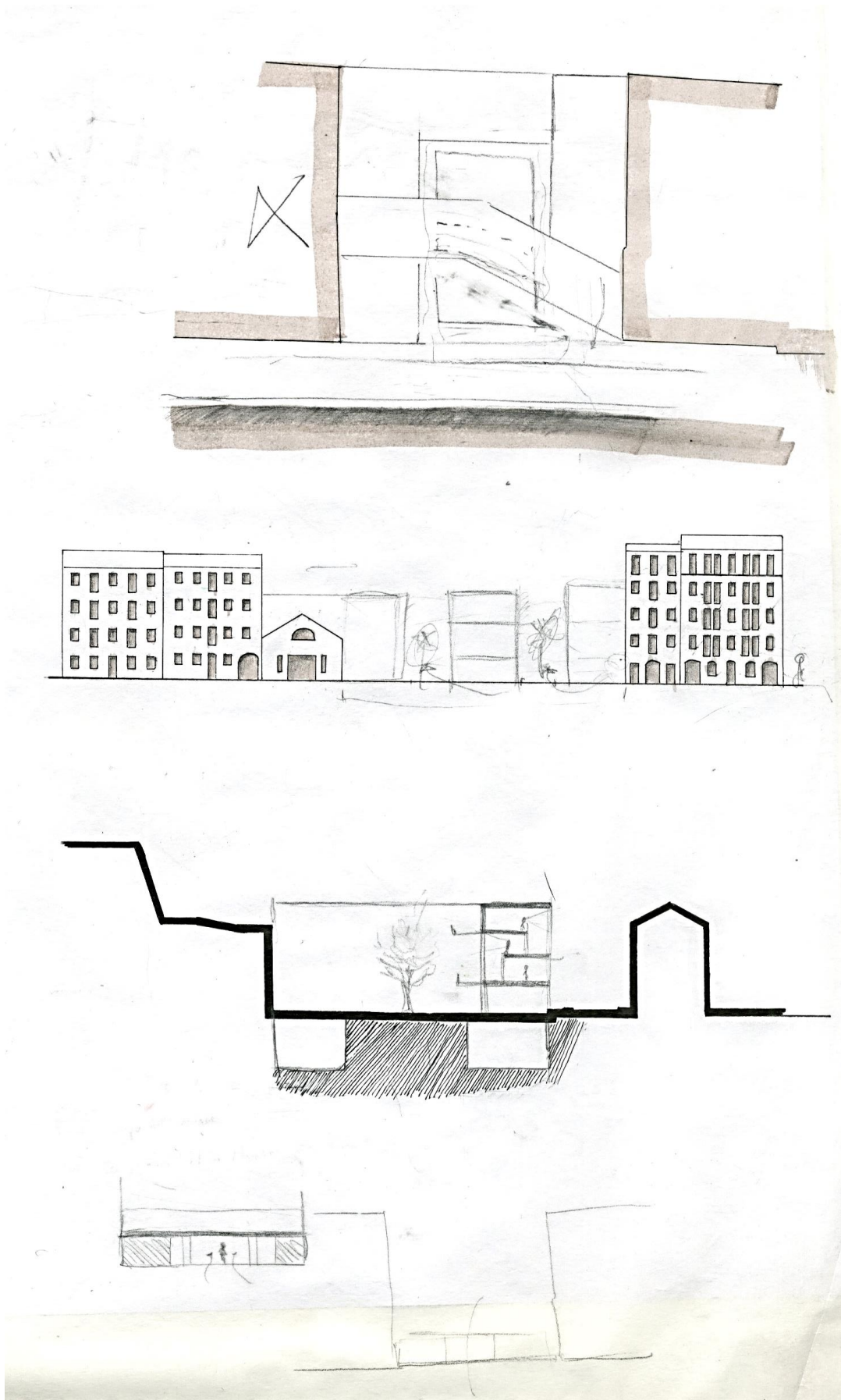




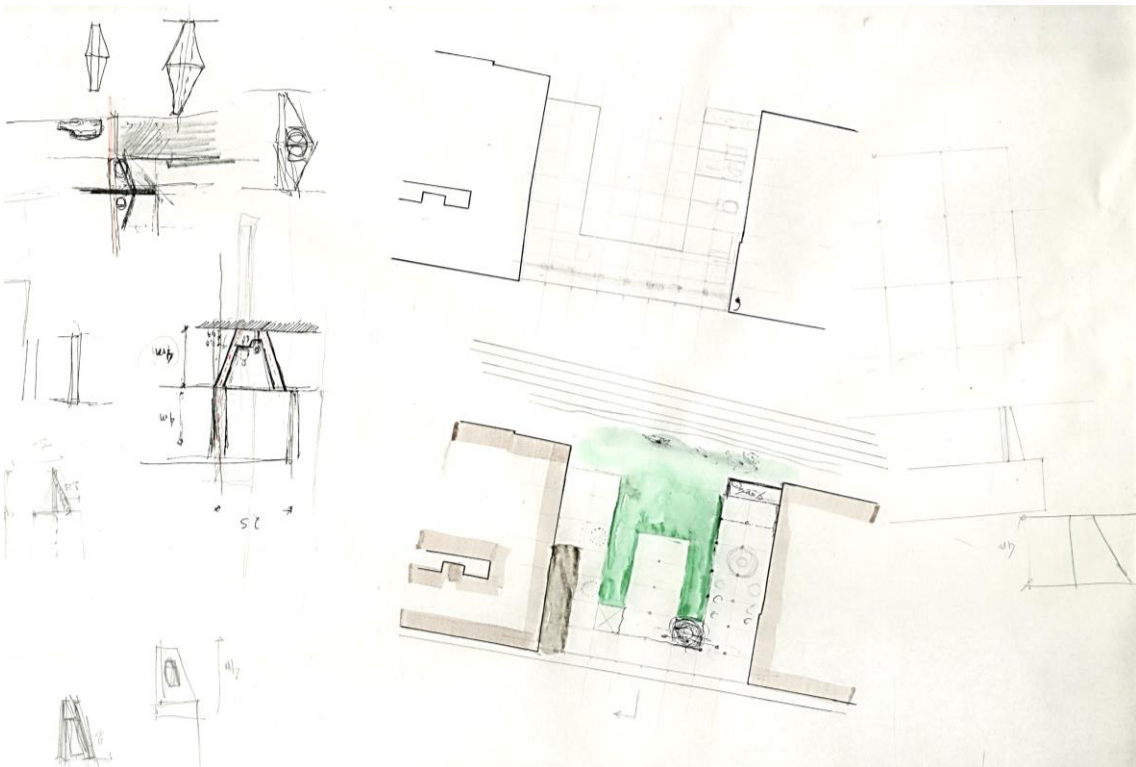
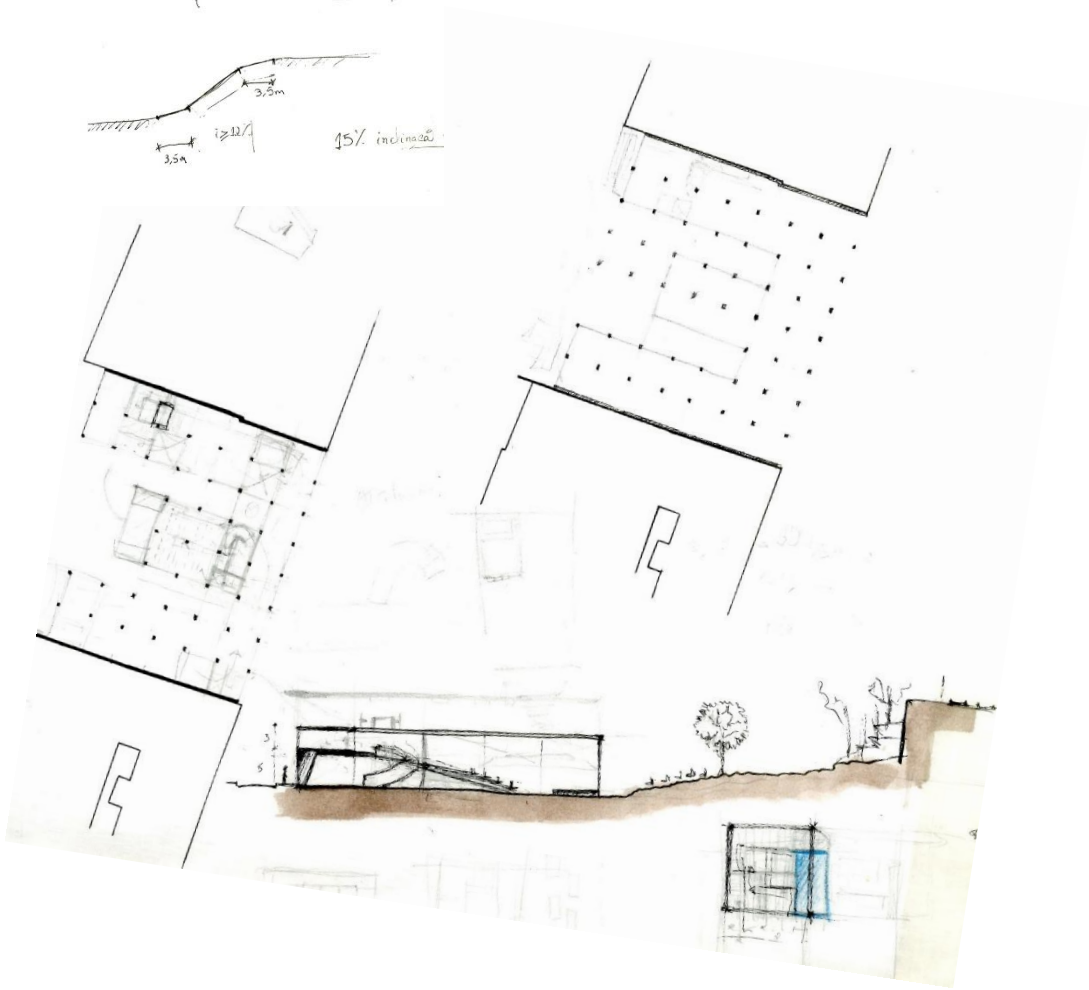
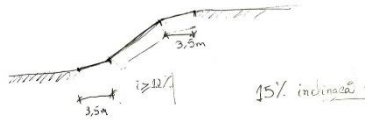


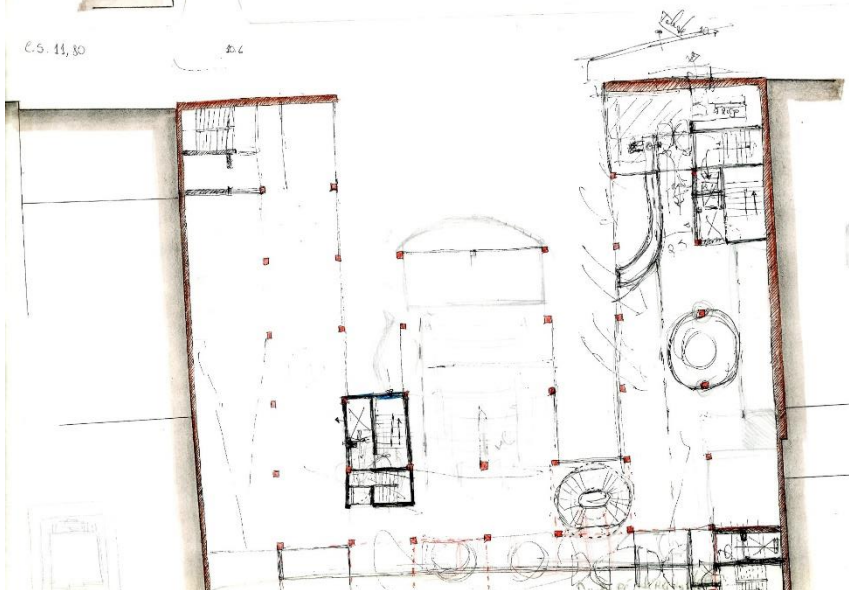
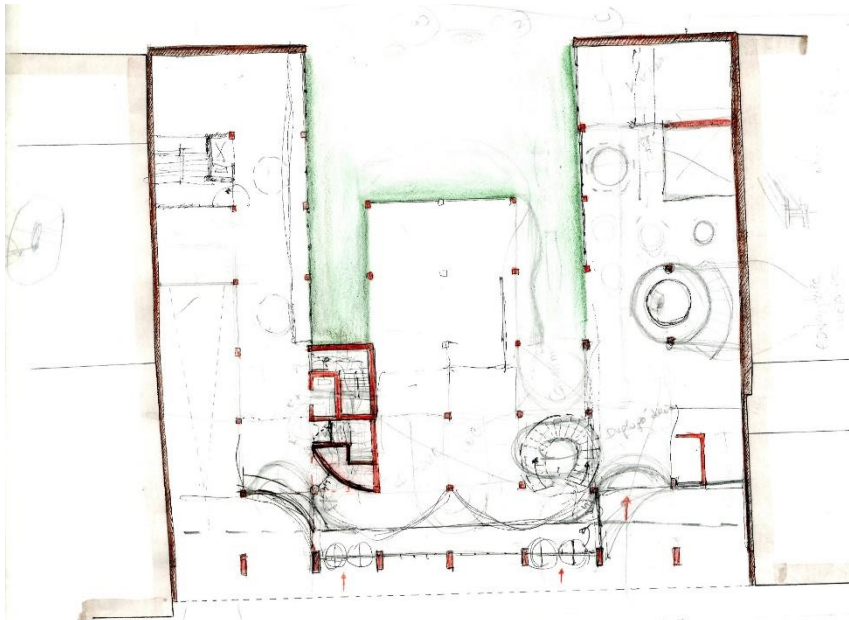
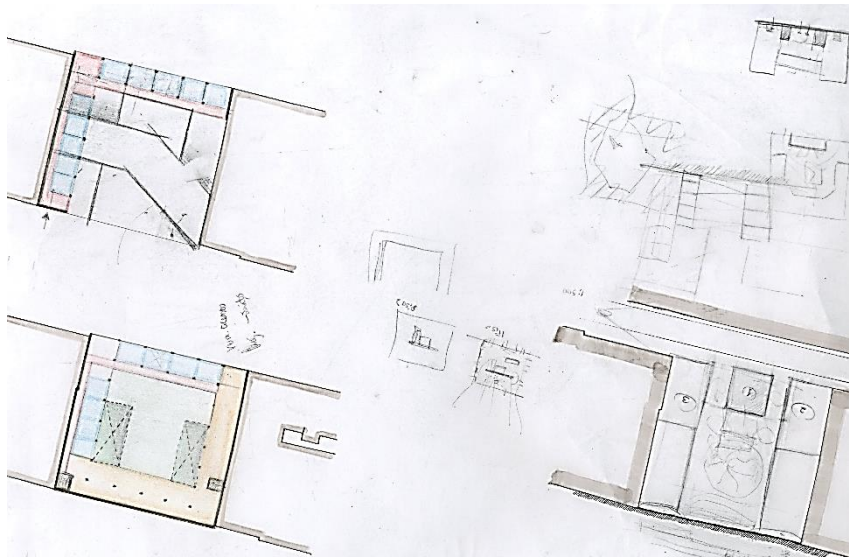
100

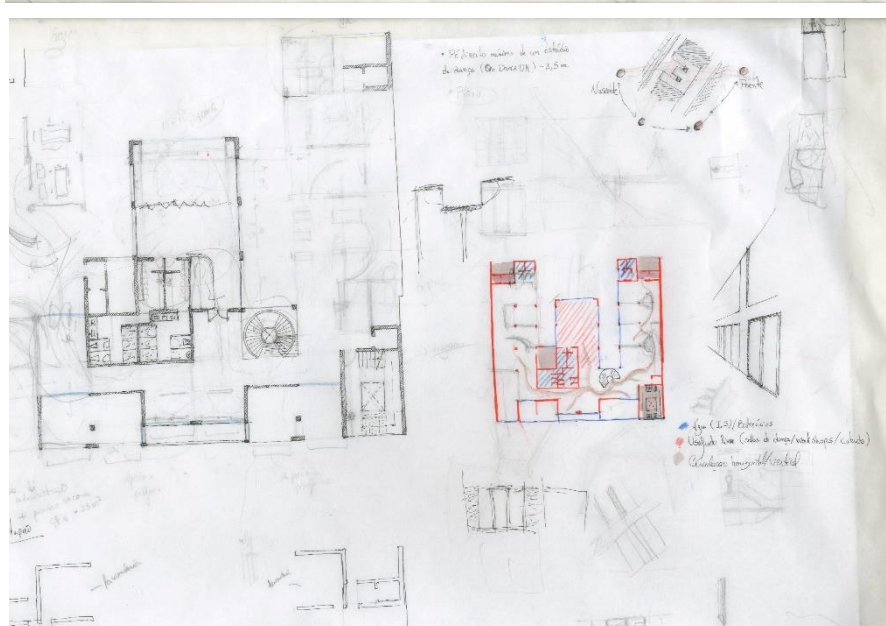


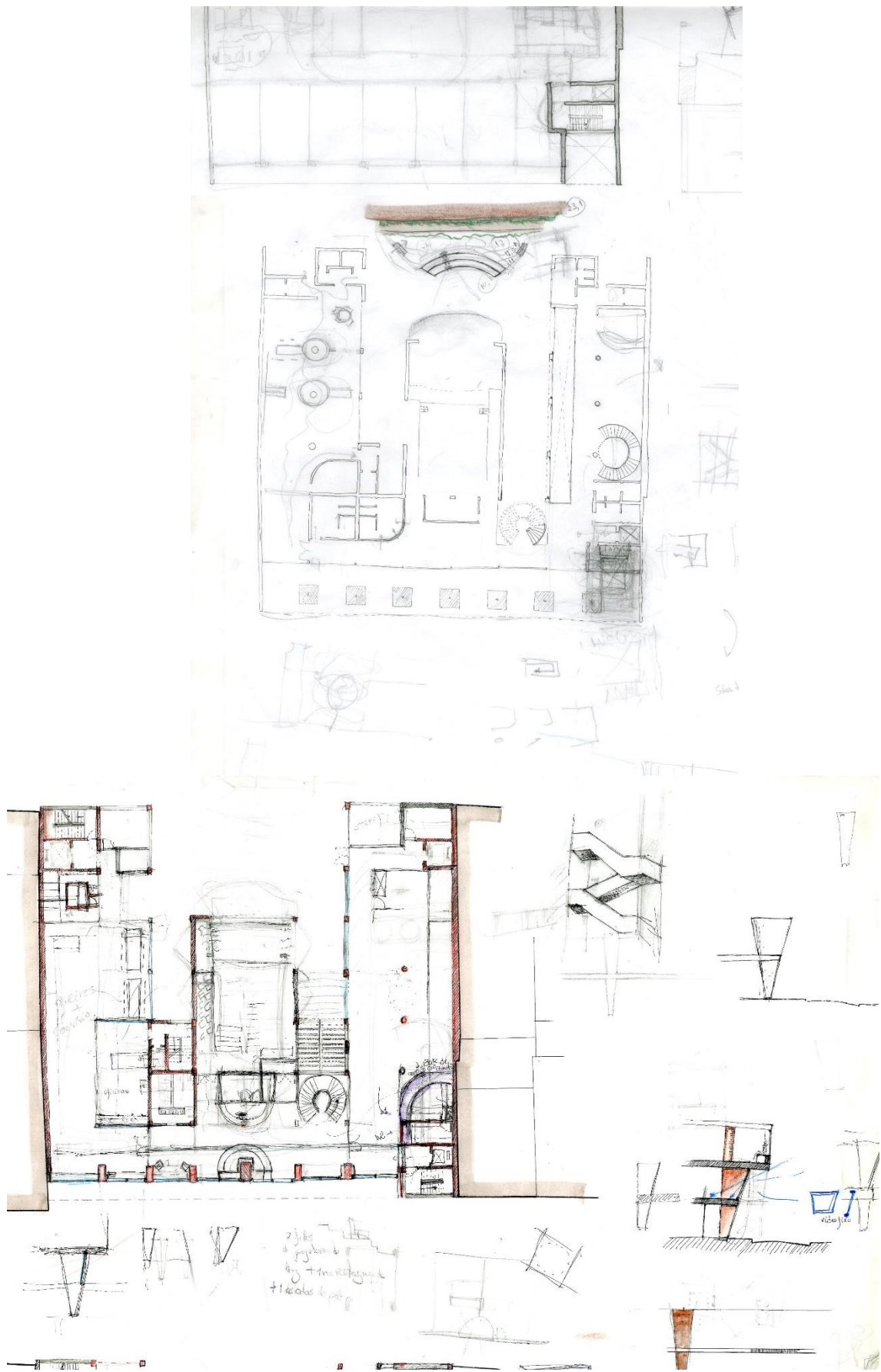


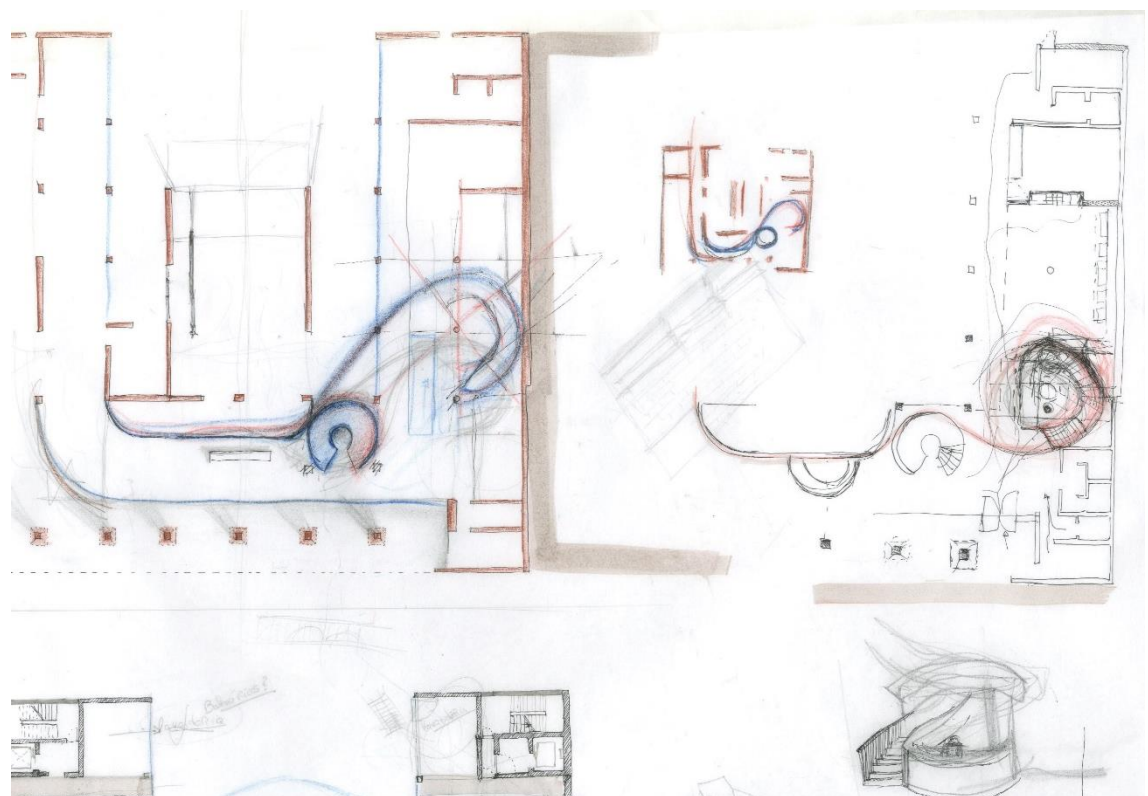
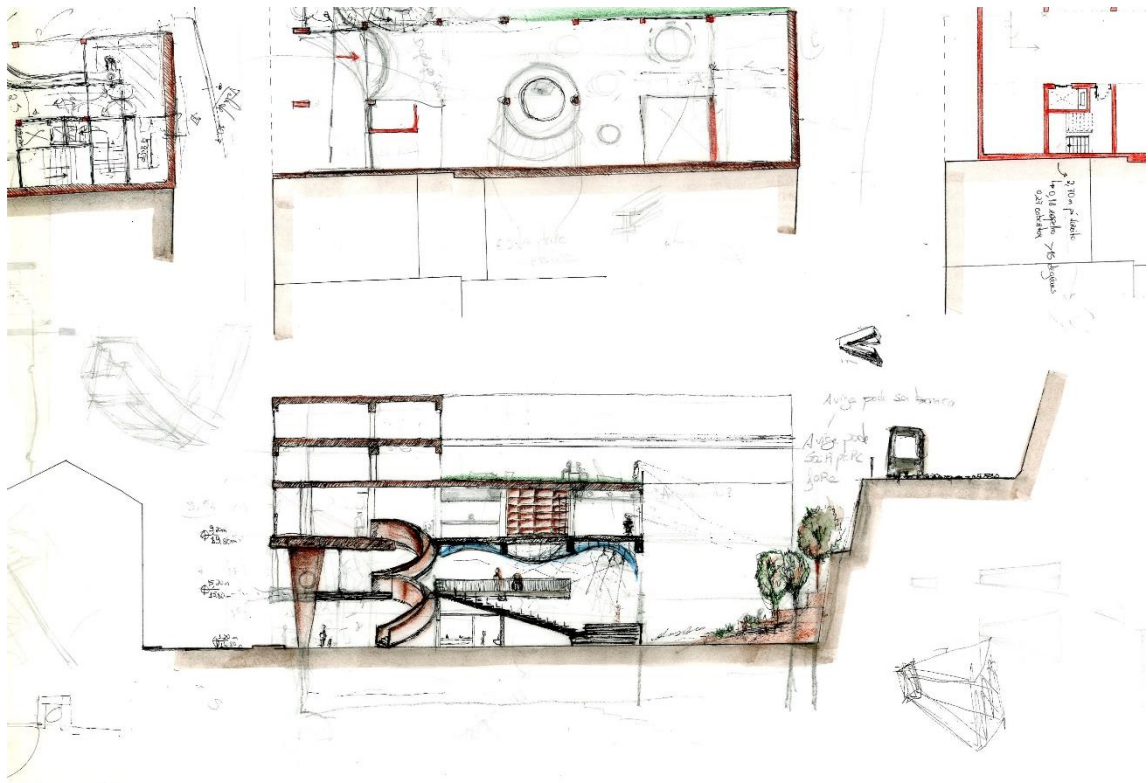
Manual de Accesibilitate (Călugărești, p. 1)

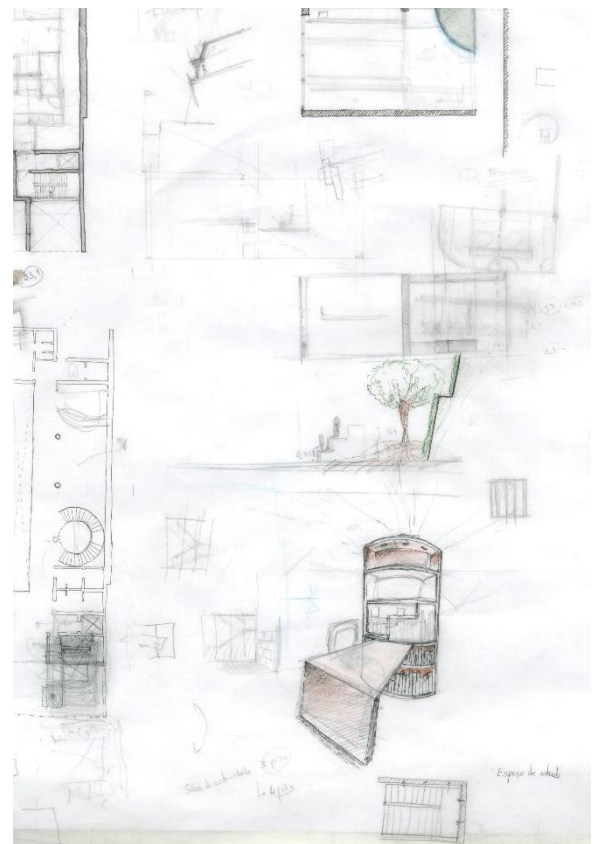
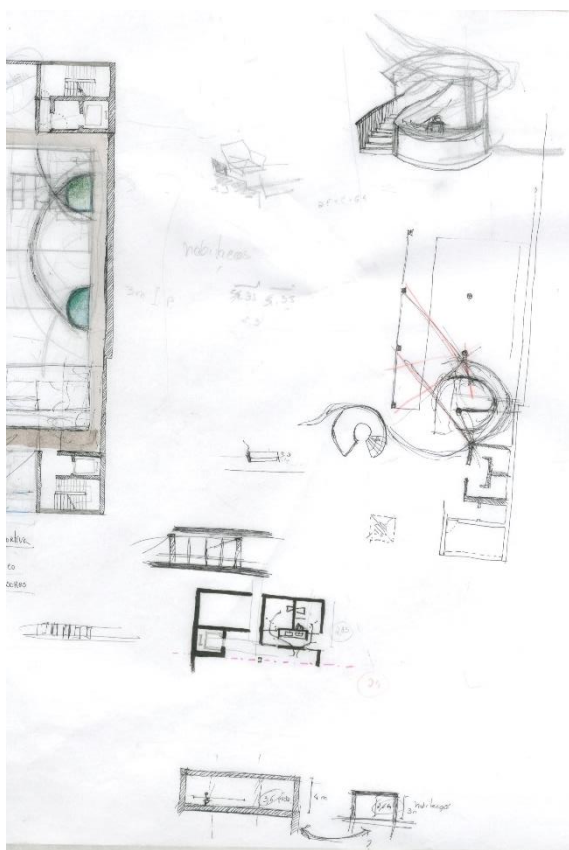
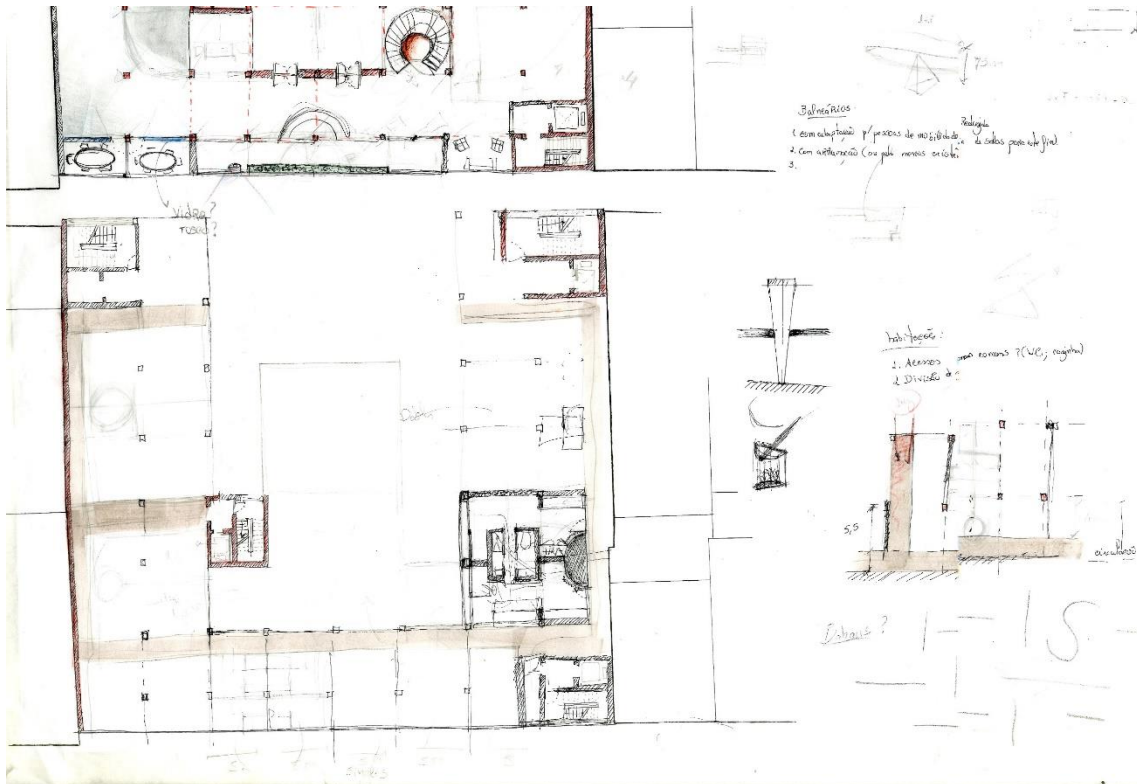


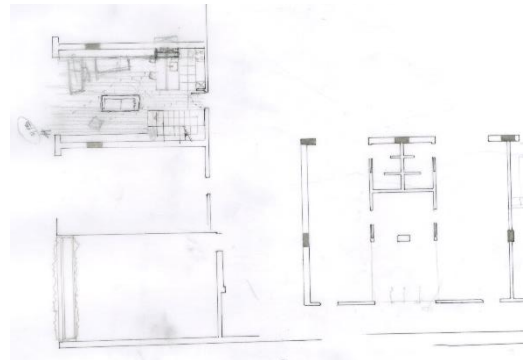
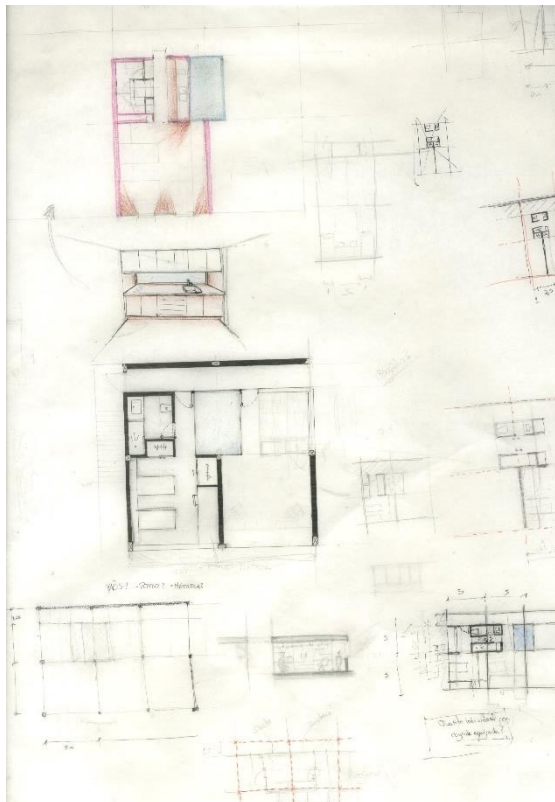
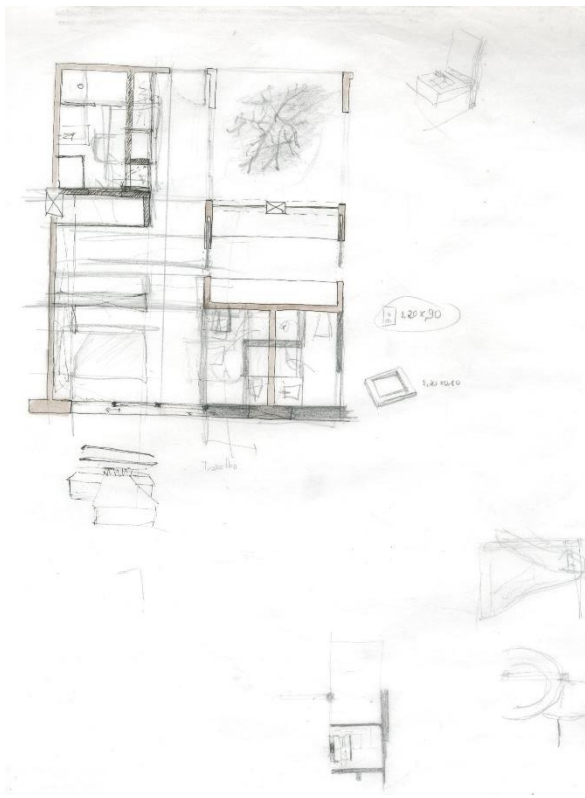
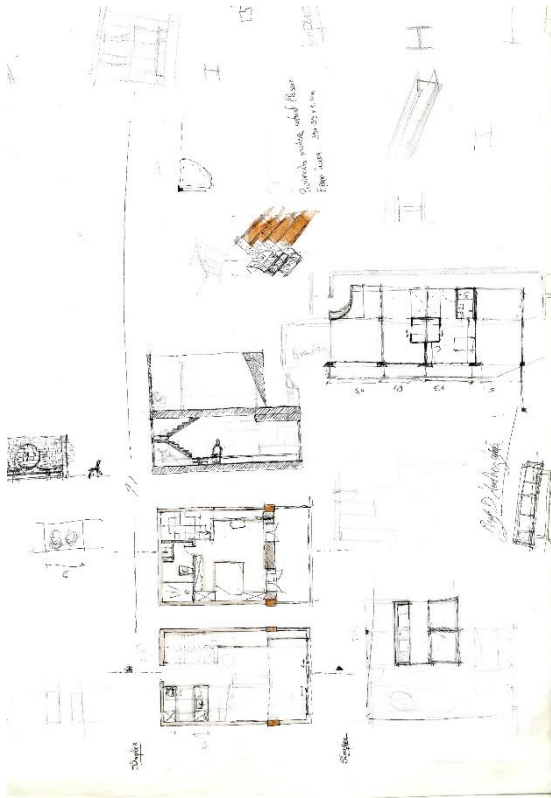


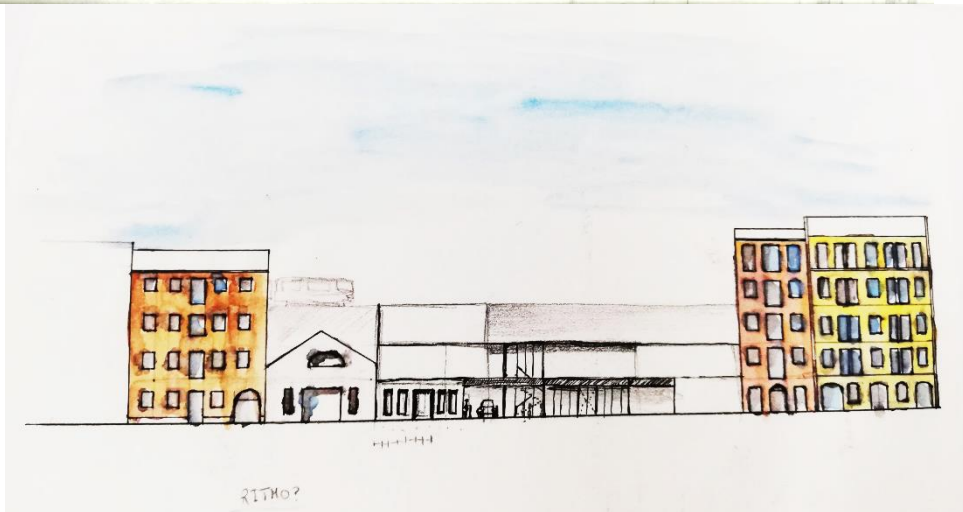
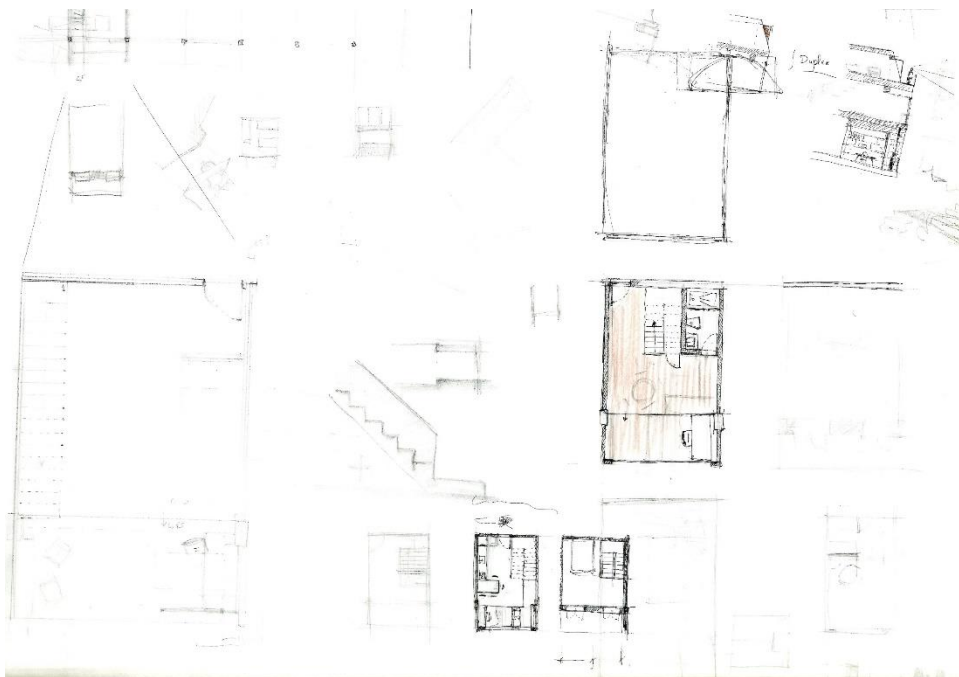
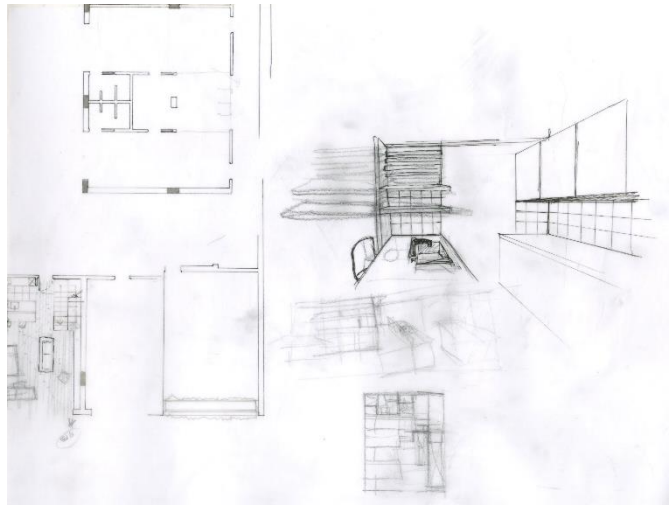
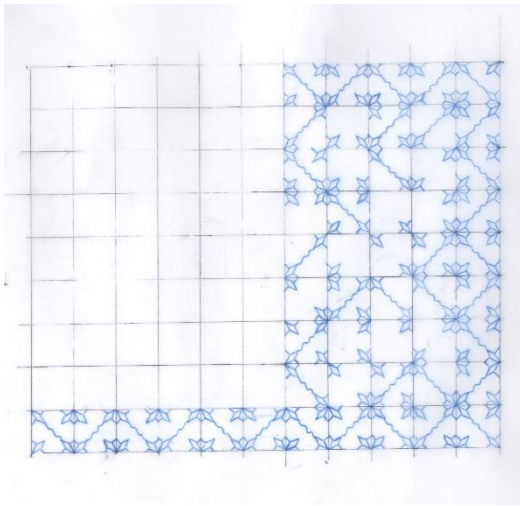


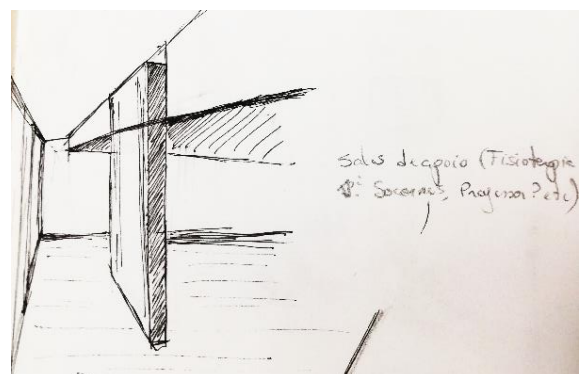
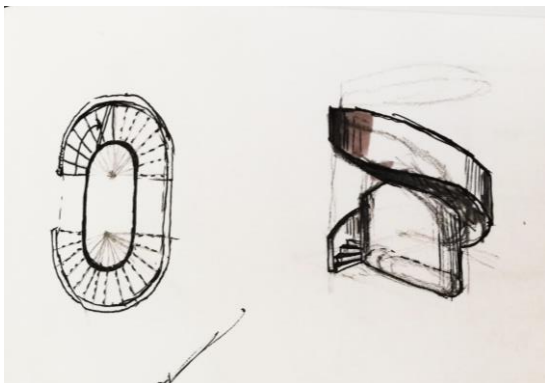
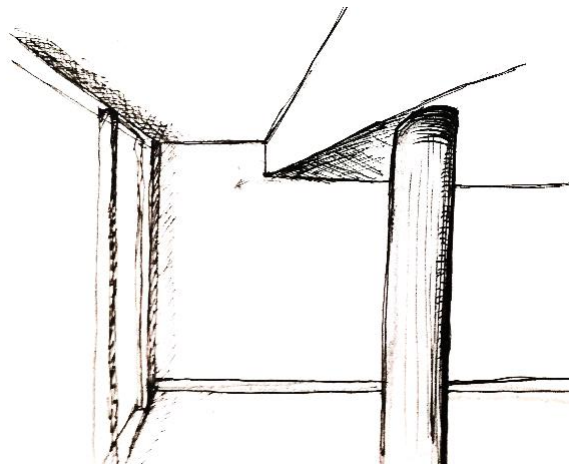
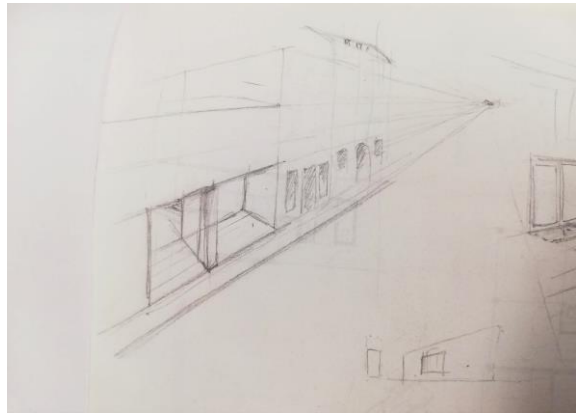
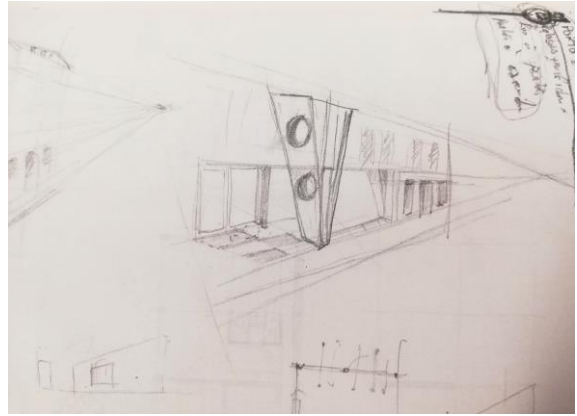
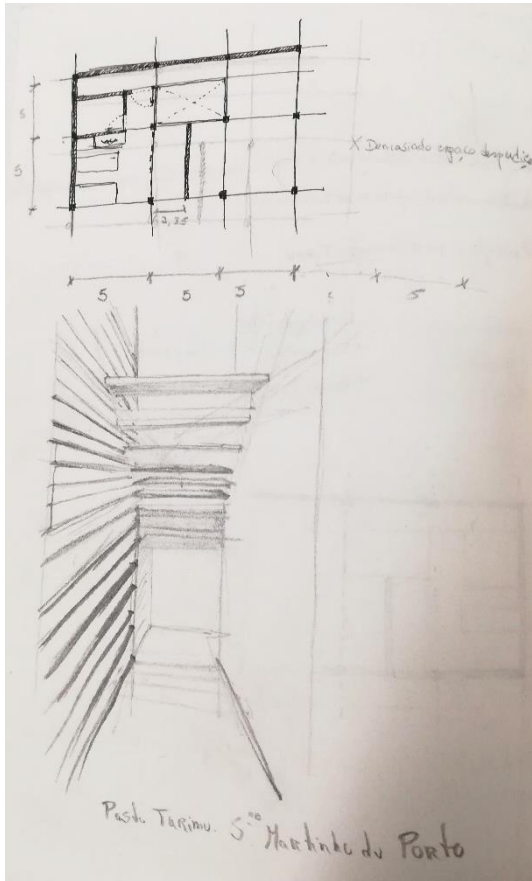


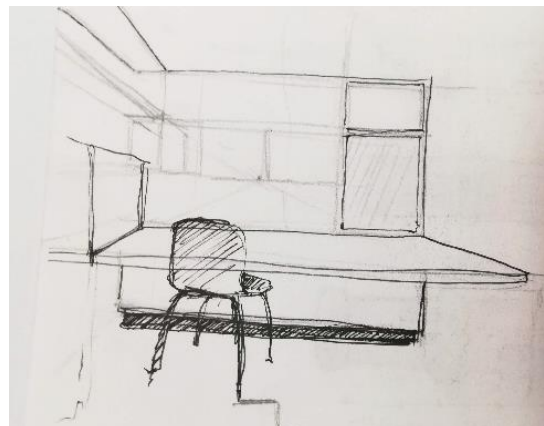
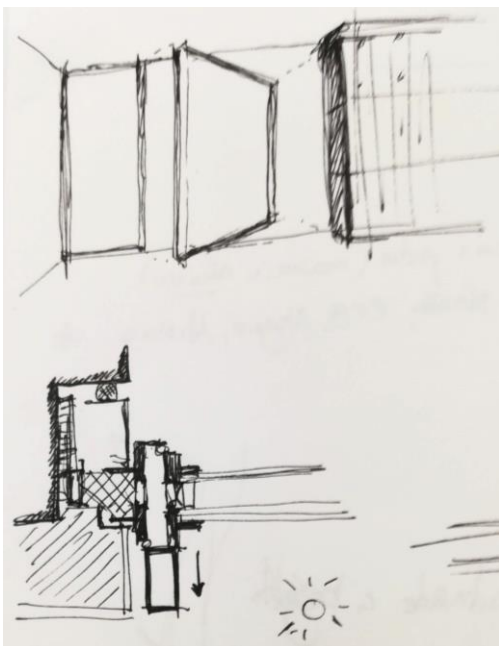
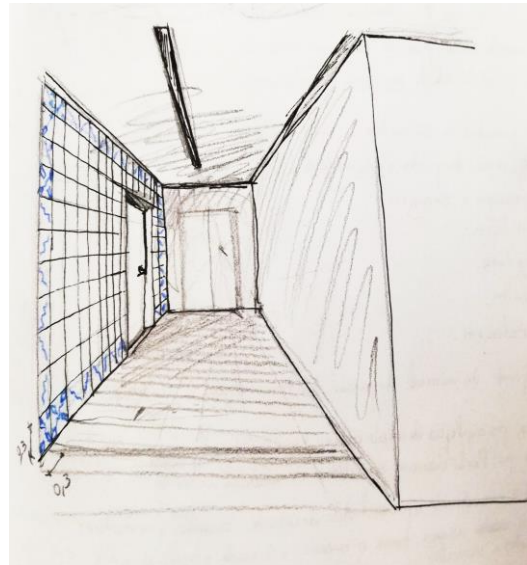
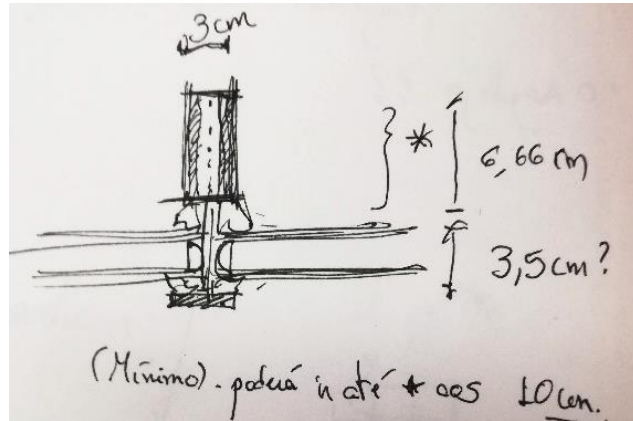
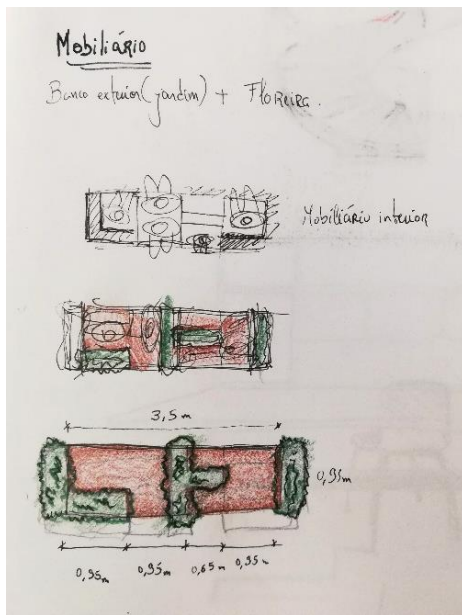
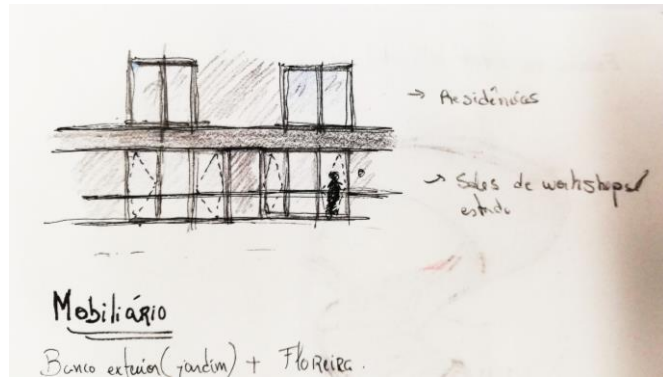
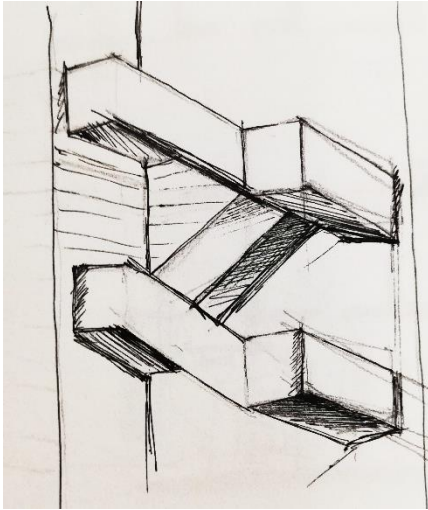


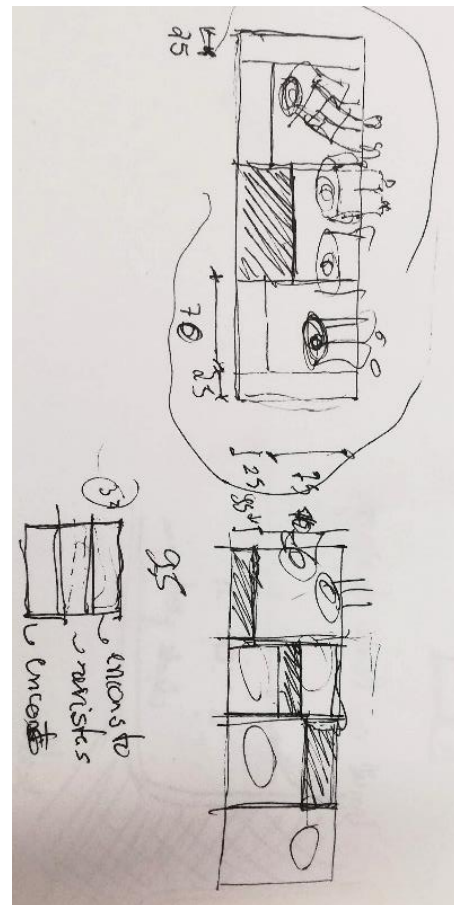
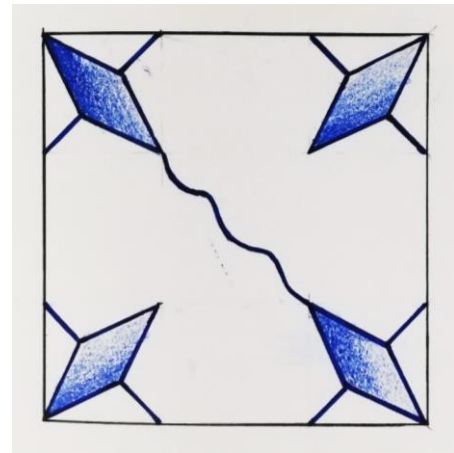
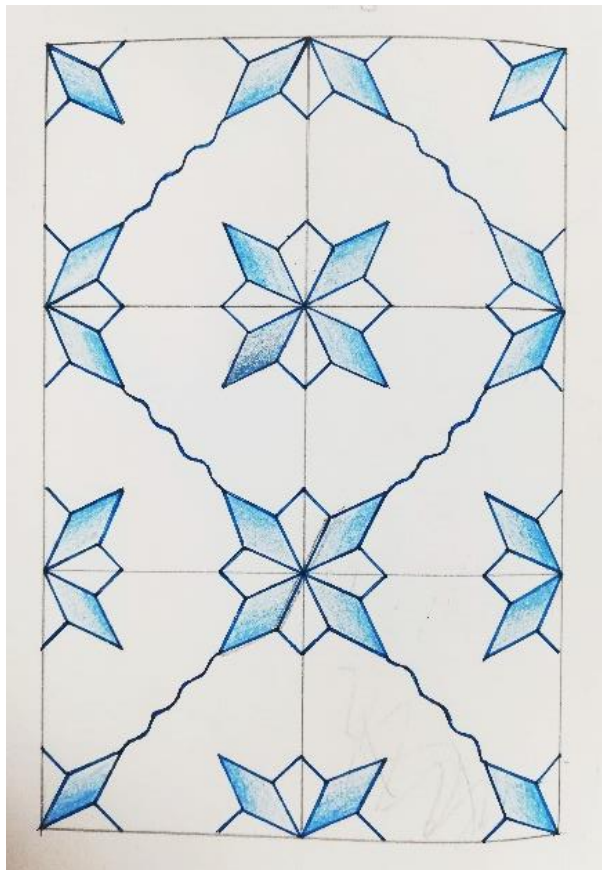


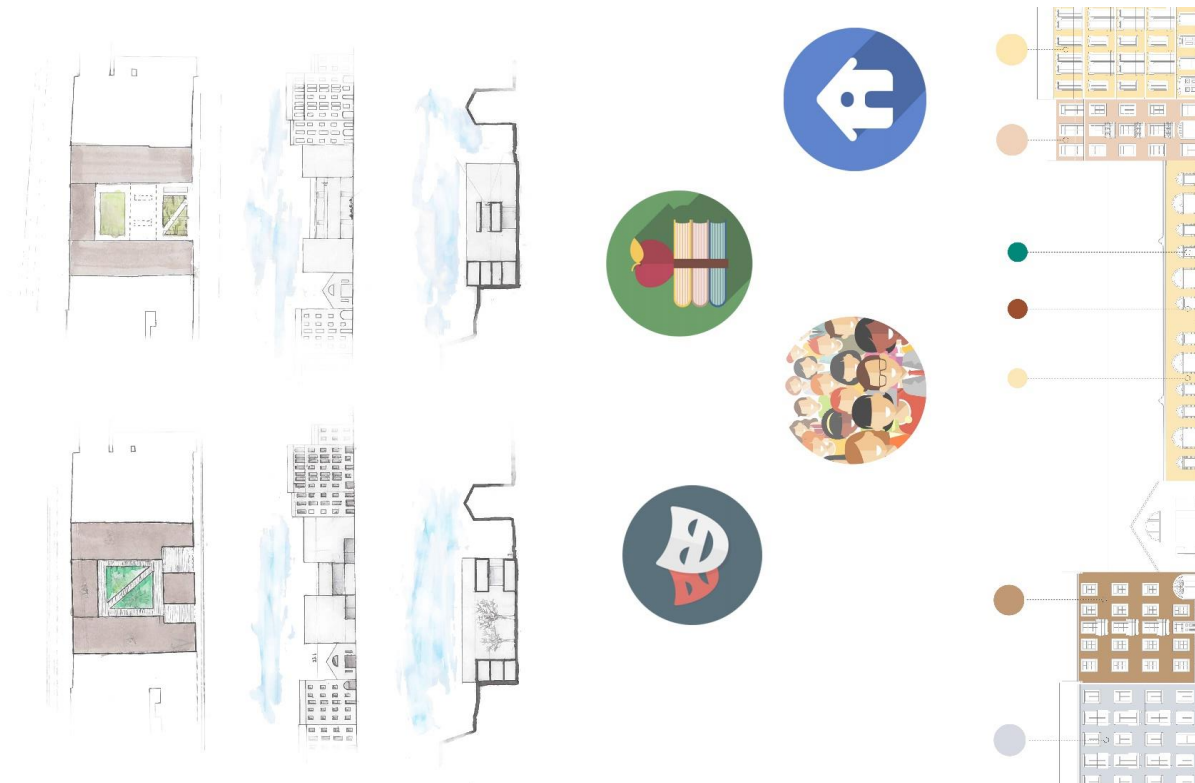
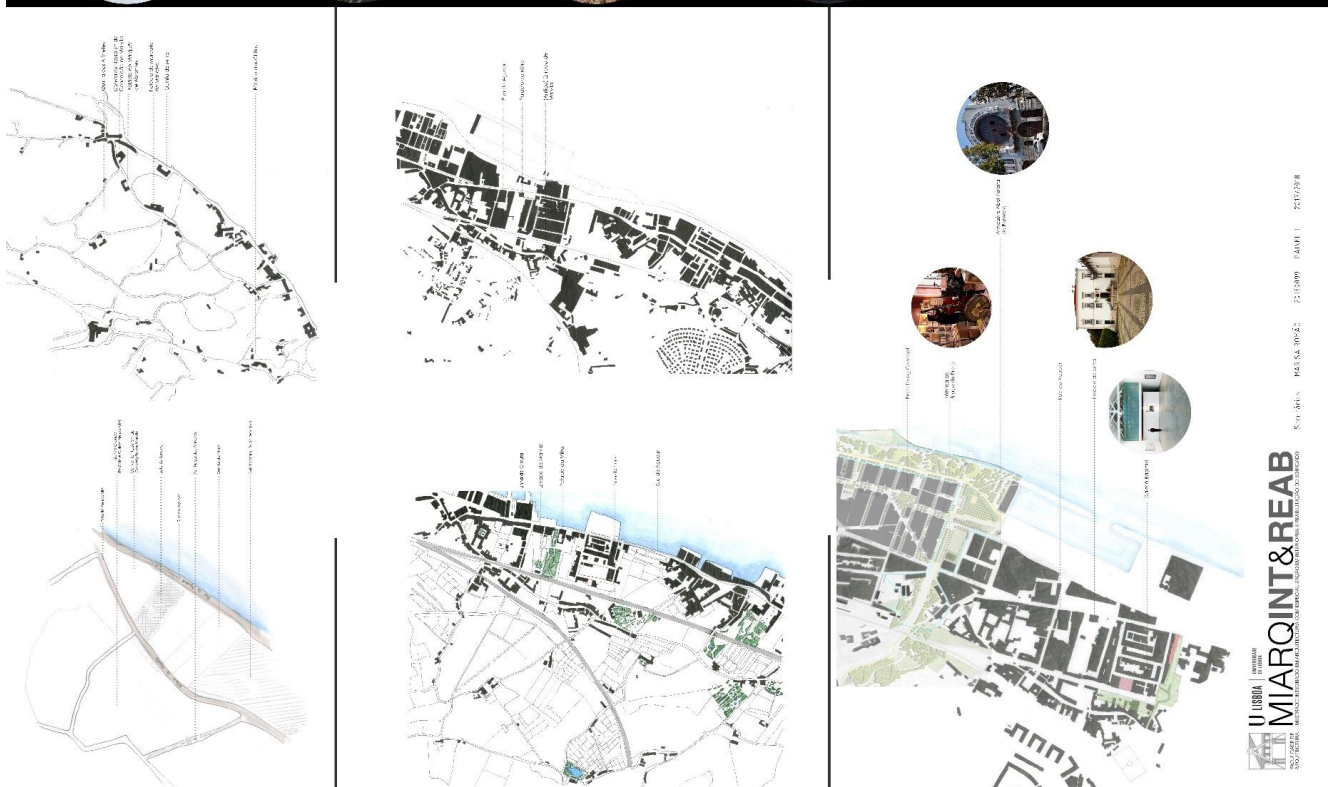




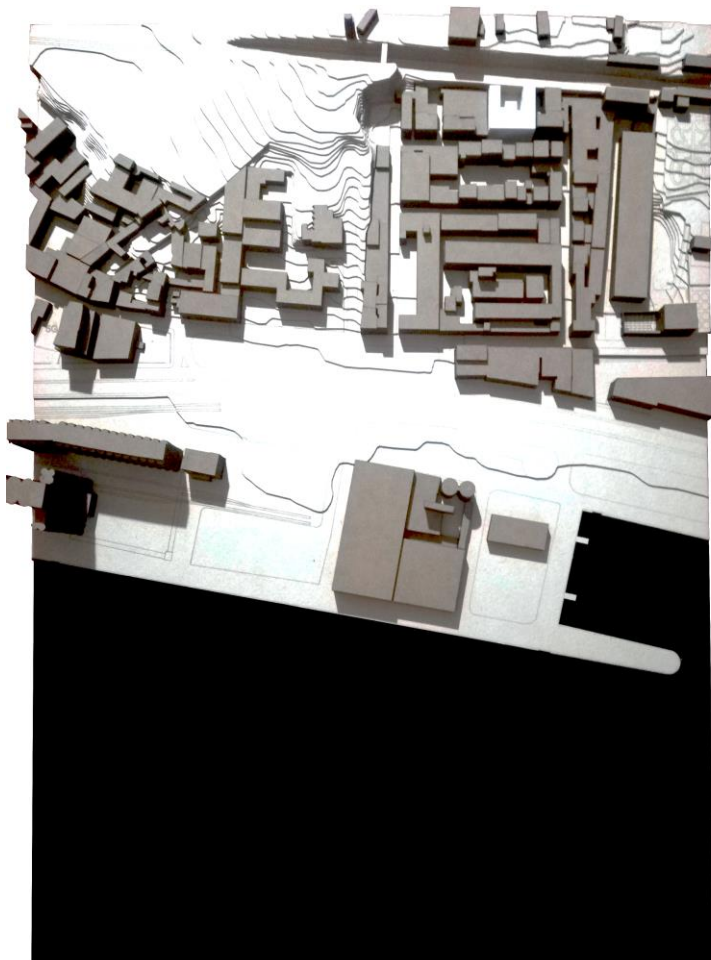
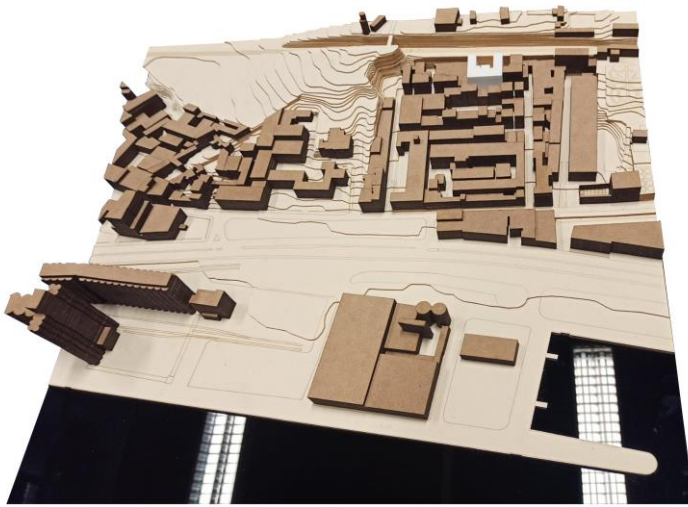




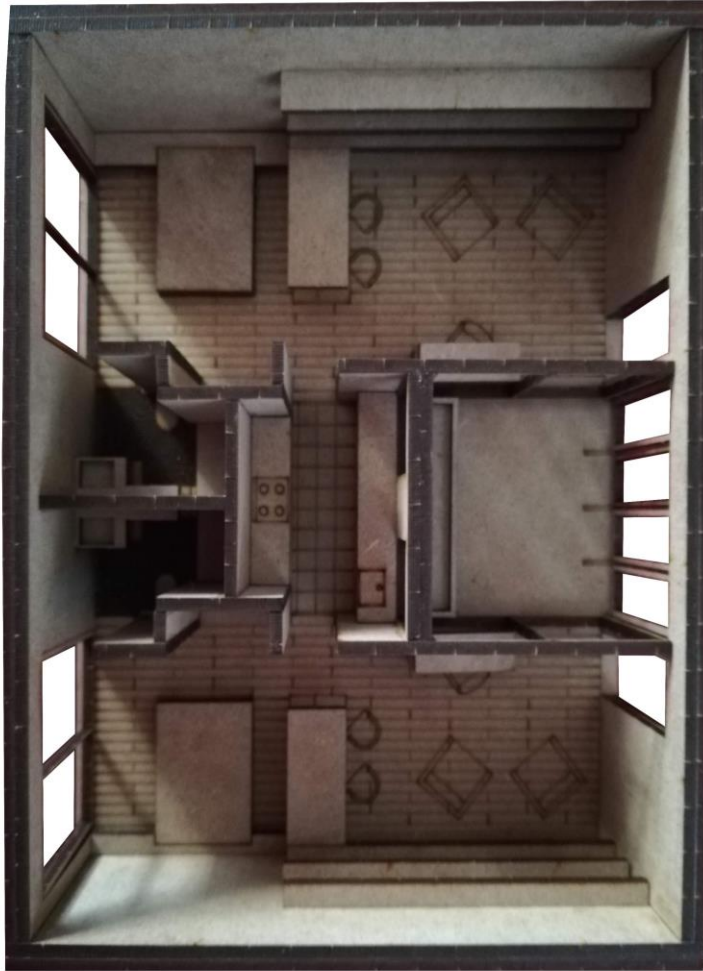




FOTOGRAFIAS DAS MAQUETES









DESENHOS TÉCNICOS (PAINÉIS DOCUMENTO PROVISÓRIO)

P01 – PLANTA URBANA

P02 – PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

P03 – PLANTA PISO 4

P04 - PLANTA PISO 3

P05 – PLANTA PISO 2

P06 – PLANTA PISO 1

P07 – PLANTA PISO 0

P08 – PLANTA PISO -1

P09 - ALÇADO

P10 – CORTE AA’

P11 – CORTE BB’

P12 – CORTE CC’

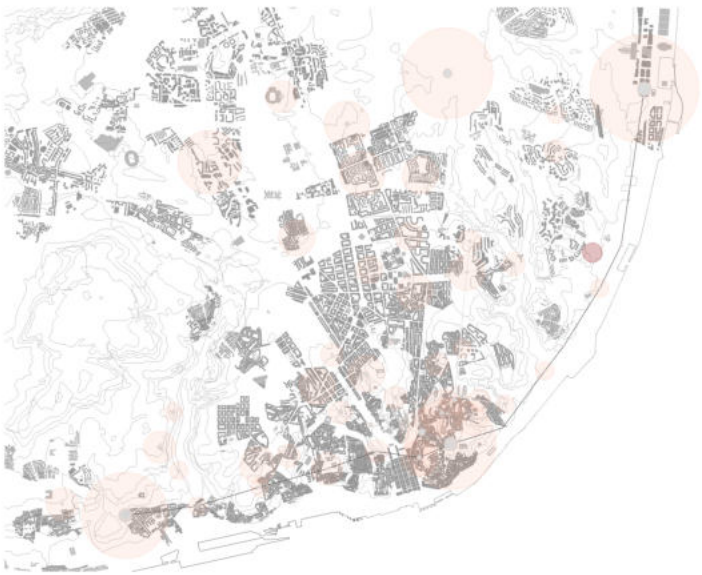
P13 – CORTE DD’

P14 – PLANTA HABITAÇÃO TIPOLOGIA A

P15 – SECÇÕES HABITAÇÃO TIPOLOGIA A

P16 – PLANTA HABITAÇÃO TIPOLOGIA B

P17 – SECÇÕES HABITAÇÃO TIPOLOGIA B



As centralidades de Lisboa e Marvila

- LINHAS FERROVIÁRIAS
- PRINCIPAIS VIAS RODOVIÁRIAS
- PROPOSTA ARQUITETÓNICA
- PARQUE URBANO

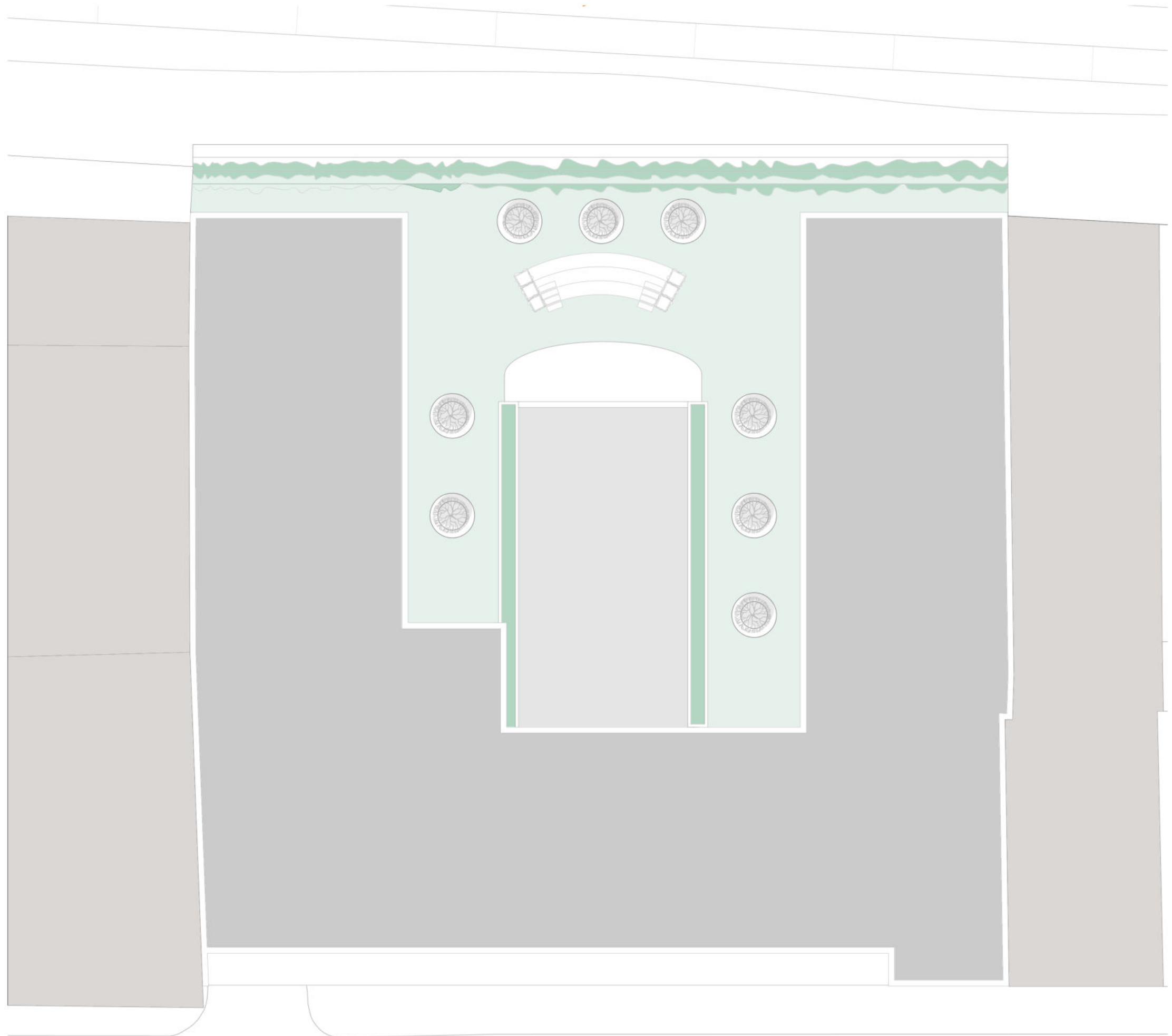
ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão





Rua Capitão Leitão

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE

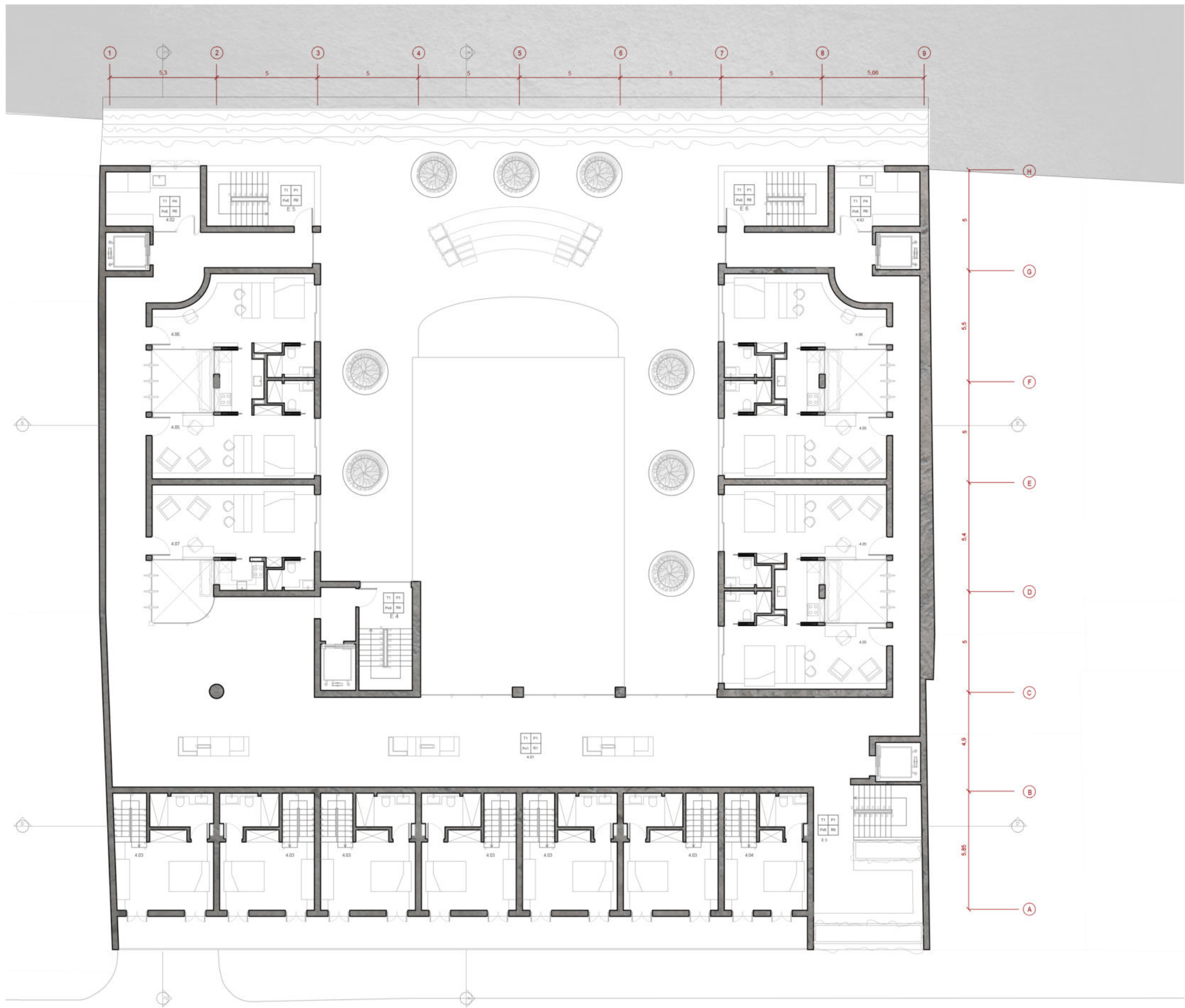
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão





LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- 0.01 - Receção
- 0.02 - Cafeteria
- 0.03 - Copa
- 0.04 - Vestiários staff
- 0.05 - Instalações sanitárias
- 0.06 - Camarins
- 0.07 - Bastidores
- 0.08 - Auditório
- 0.09 - Acesso à área administrativa
- 0.10 - Área Administrativa
- 1.01 - Receção
- 1.02 - Sala Técnica
- 1.03 - Auditório
- 1.04 - Cafeteria
- 1.05 - Instalações sanitárias
- 1.06 - Vestiários staff
- 1.07 - Galeria
- 1.08 - Arrumos
- 2.01 - Corredor de acesso
- 2.02 - Balneários
- 2.03 - Sala multiusos
- 2.04 - Salas de workshops
- 2.05 - Instalações Sanitárias
- 2.06 - Vestiários Staff
- 2.07 - Gabinete Médico
- 2.08 - Gabinete administrativo
- 2.09 - Sala de estudo
- 3.01 - Acesso às habitações
- 3.02 - Acesso às habitações
- 3.03 - Lavandaria
- 3.04 - Habitação tipologia A
- 3.05 - Habitação tipologia A1
- 3.06 - Habitação tipologia B
- 3.07 - Habitação tipologia B1
- 3.08 - Habitação tipologia B2
- 4.01 - Acesso às habitações
- 4.02 - Lavandaria
- 4.03 - Habitação tipologia A
- 4.04 - Habitação tipologia A1
- 4.05 - Habitação tipologia B
- 4.06 - Habitação tipologia B1
- 4.07 - Habitação tipologia B2

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

TETO:
T1: NCS 0505 - Y80R
T2: Pladur
T3: NCS S 0900 - N

PAREDE:
P1: NCS S 0502 - G50Y
P2: Paineis de madeira de carvalho
P3: Azulejo
P4: Pedra Mármore Moleanos azul
P5: NCS S 0900 - N

T	P
Pv	R

PAVIMENTO:
Pv1: Pedra Mármore Kayak Beige
Pv2: Ladrilho
Pv3: Soalho de madeira de carvalho
Pv4: Pedra Mármore Habana Dark
Pv5: Linóleo
Pv6: Microciment
Pv7: Kährs Activity Floor de carvalho

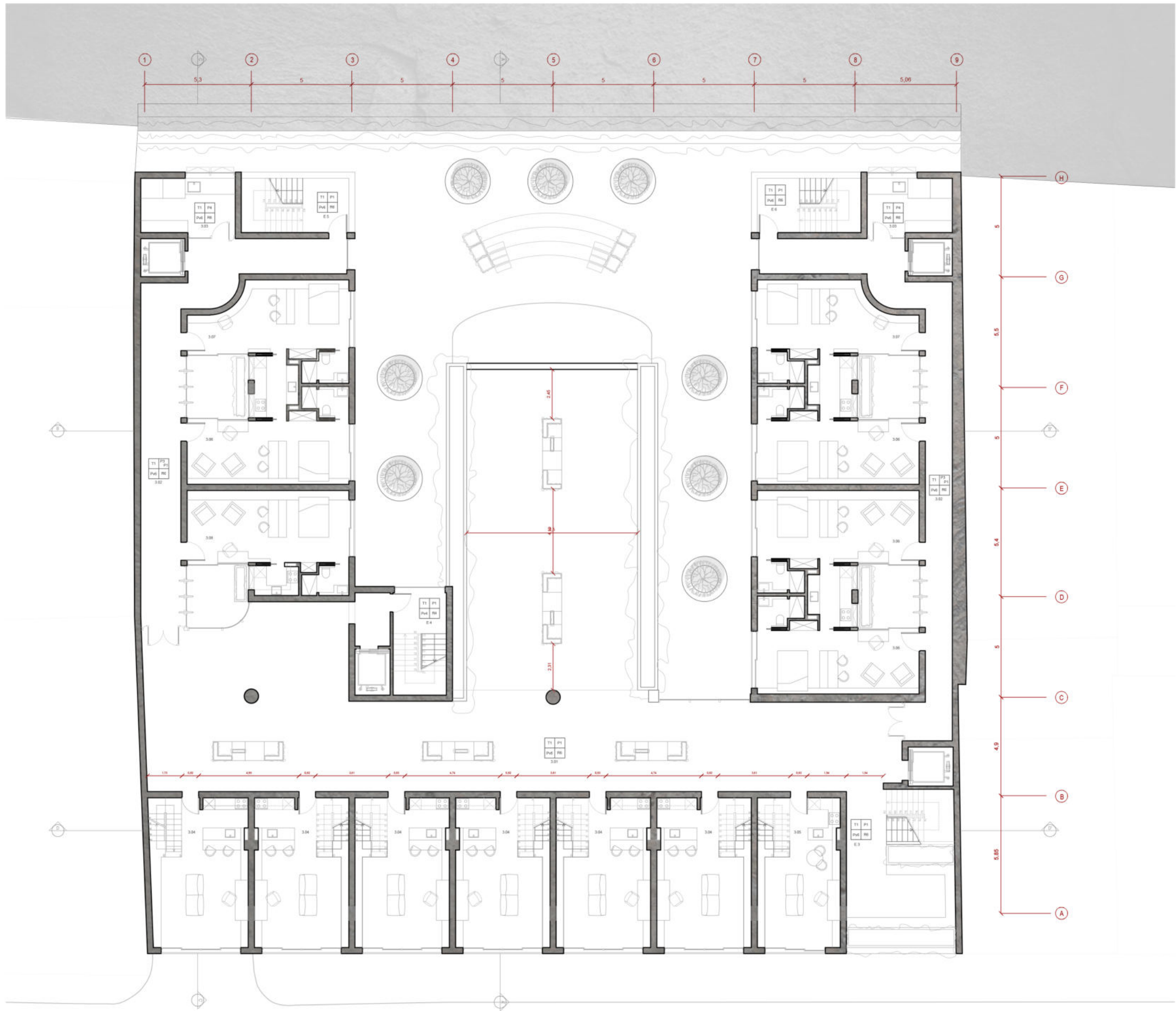
RODAPÉ:
R1: Pedra Mármore Kayak Beige
R2: Ladrilho
R3: Madeira de carvalho
R4: Pedra Mármore Habana Dark
R5: Linóleo

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão



LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- 0.01 - Receção
- 0.02 - Cafeteria
- 0.03 - Copa
- 0.04 - Vestiários staff
- 0.05 - Instalações sanitárias
- 0.06 - Camarins
- 0.07 - Bastidores
- 0.08 - Auditório
- 0.09 - Acesso à área administrativa
- 0.10 - Área Administrativa
- 1.01 - Receção
- 1.02 - Sala Técnica
- 1.03 - Auditório
- 1.04 - Cafeteria
- 1.05 - Instalações sanitárias
- 1.06 - Vestiários staff
- 1.07 - Galeria
- 1.08 - Arrumos
- 2.01 - Corredor de acesso
- 2.02 - Balneários
- 2.03 - Sala multiusos
- 2.04 - Salas de workshops
- 2.05 - Instalações Sanitárias
- 2.06 - Vestiários Staff
- 2.07 - Gabinete Médico
- 2.08 - Gabinete administrativo
- 2.09 - Sala de estudo
- 3.01 - Acesso às habitações
- 3.02 - Acesso às habitações
- 3.03 - Lavandaria
- 3.04 - Habitação tipologia A
- 3.05 - Habitação tipologia A1
- 3.06 - Habitação tipologia B
- 3.07 - Habitação tipologia B1
- 3.08 - Habitação tipologia B2
- 4.01 - Acesso às habitações
- 4.02 - Lavandaria
- 4.03 - Habitação tipologia A
- 4.04 - Habitação tipologia A1
- 4.05 - Habitação tipologia B
- 4.06 - Habitação tipologia B1
- 4.07 - Habitação tipologia B2

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

TETO:
T1: NCS 0505 - Y80R
T2: Pladur
T3: NCS S 0900 - N

PAREDE:
P1: NCS S 0502 - G50Y
P2: Paineis de madeira de carvalho
P3: Azulejo
P4: Pedra Mármore Moleanos azul
P5: NCS S 0900 - N

T	P
Pv	R

PAVIMENTO:
Pv1: Pedra Mármore Kayak Beige
Pv2: Ladrilho
Pv3: Soalho de madeira de carvalho
Pv4: Pedra Mármore Habana Dark
Pv5: Linóleo
Pv6: Microciment
Pv7: Kährs Activity Floor de carvalho

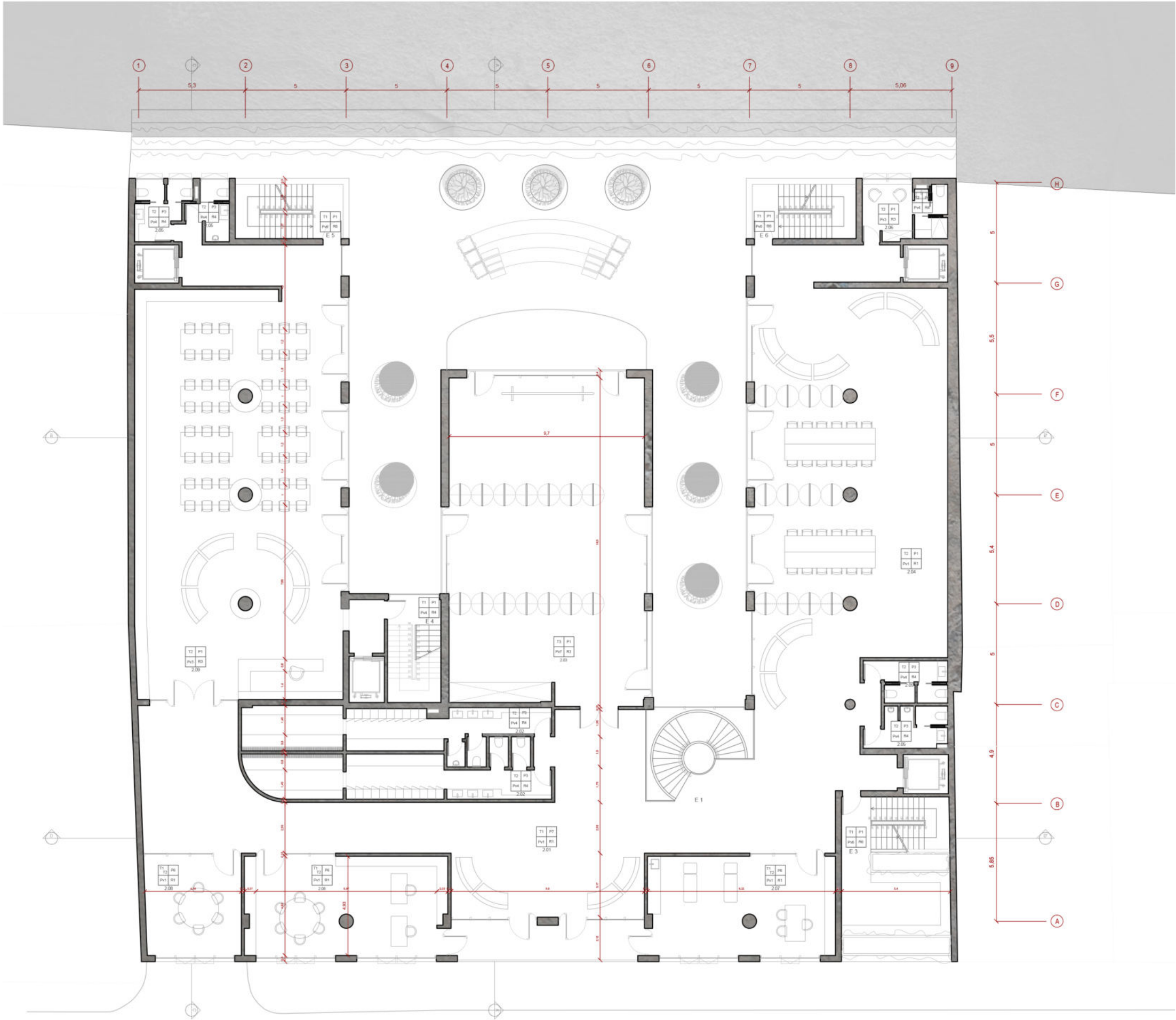
RODAPÉ:
R1: Pedra Mármore Kayak Beige
R2: Ladrilho
R3: Madeira de carvalho
R4: Pedra Mármore Habana Dark
R5: Linóleo

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão



LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- 0.01 - Receção
- 0.02 - Cafeteria
- 0.03 - Copa
- 0.04 - Vestiários staff
- 0.05 - Instalações sanitárias
- 0.06 - Camarins
- 0.07 - Bastidores
- 0.08 - Auditório
- 0.09 - Acesso à área administrativa
- 0.10 - Área Administrativa
- 1.01 - Receção
- 1.02 - Sala Técnica
- 1.03 - Auditório
- 1.04 - Cafeteria
- 1.05 - Instalações sanitárias
- 1.06 - Vestiários staff
- 1.07 - Galeria
- 1.08 - Arrumos
- 2.01 - Corredor de acesso
- 2.02 - Banheiros
- 2.03 - Sala multiusos
- 2.04 - Salas de workshops
- 2.05 - Instalações Sanitárias
- 2.06 - Vestiários Staff
- 2.07 - Gabinete Médico
- 2.08 - Gabinete administrativo
- 2.09 - Sala de estudo
- 3.01 - Acesso às habitações
- 3.02 - Acesso às habitações
- 3.03 - Lavandaria
- 3.04 - Habitação tipologia A
- 3.05 - Habitação tipologia A1
- 3.06 - Habitação tipologia B
- 3.07 - Habitação tipologia B1
- 3.08 - Habitação tipologia B2
- 4.01 - Acesso às habitações
- 4.02 - Lavandaria
- 4.03 - Habitação tipologia A
- 4.04 - Habitação tipologia A1
- 4.05 - Habitação tipologia B
- 4.06 - Habitação tipologia B1
- 4.07 - Habitação tipologia B2

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

- TETO:
- T1: NCS 0505 - Y80R
 - T2: Pladur
 - T3: NCS S 0900 - N
- PAREDE:
- P1: NCS S 0502 - G50Y
 - P2: Paineis de madeira de carvalho
 - P3: Azulejo
 - P4: Pedra Mármore Moleanos azul
 - P5: NCS S 0900 - N

T	P
Pv	R

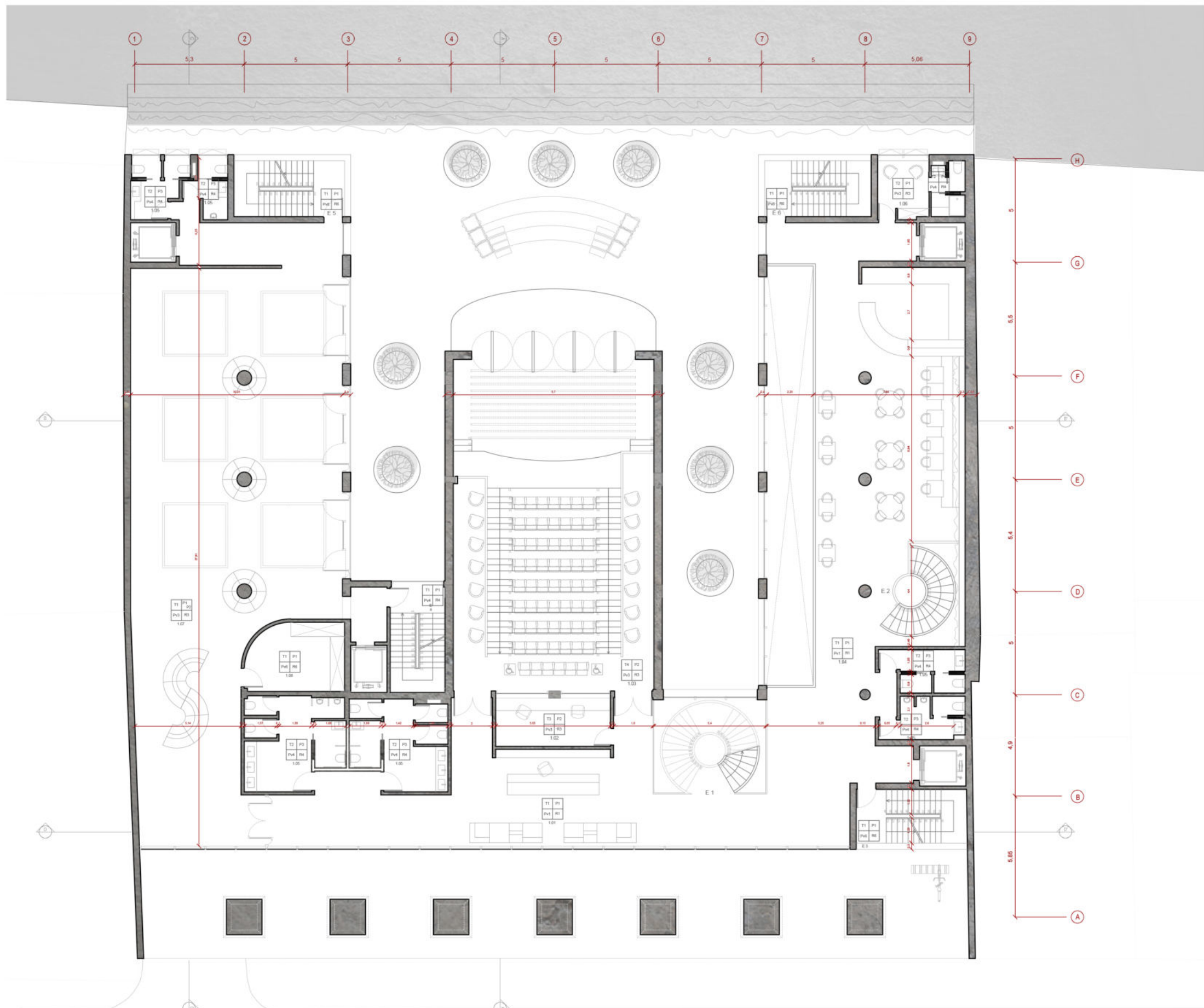
- PAVIMENTO:
- Pv1: Pedra Mármore Kayak Beige
 - Pv2: Ladrilho
 - Pv3: Soalho de madeira de carvalho
 - Pv4: Pedra Mármore Habana Dark
 - Pv5: Linóleo
 - Pv6: Microciment
 - Pv7: Kährs Activity Floor de carvalho
- RODAPÉ:
- R1: Pedra Mármore Kayak Beige
 - R2: Ladrilho
 - R3: Madeira de carvalho
 - R4: Pedra Mármore Habana Dark
 - R5: Linóleo

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão



LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- 0.01 - Receção
- 0.02 - Cafeteria
- 0.03 - Copa
- 0.04 - Vestiários staff
- 0.05 - Instalações sanitárias
- 0.06 - Camarins
- 0.07 - Bastidores
- 0.08 - Auditório
- 0.09 - Acesso à área administrativa
- 0.10 - Área Administrativa
- 1.01 - Receção
- 1.02 - Sala Técnica
- 1.03 - Auditório
- 1.04 - Cafeteria
- 1.05 - Instalações sanitárias
- 1.06 - Vestiários staff
- 1.07 - Galeria
- 1.08 - Arrumos
- 2.01 - Corredor de acesso
- 2.02 - Banheiros
- 2.03 - Sala multiusos
- 2.04 - Salas de workshops
- 2.05 - Instalações Sanitárias
- 2.06 - Vestiários Staff
- 2.07 - Gabinete Médico
- 2.08 - Gabinete administrativo
- 2.09 - Sala de estudo
- 3.01 - Acesso às habitações
- 3.02 - Acesso às habitações
- 3.03 - Lavandaria
- 3.04 - Habitação tipologia A
- 3.05 - Habitação tipologia A1
- 3.06 - Habitação tipologia B
- 3.07 - Habitação tipologia B1
- 3.08 - Habitação tipologia B2
- 4.01 - Acesso às habitações
- 4.02 - Lavandaria
- 4.03 - Habitação tipologia A
- 4.04 - Habitação tipologia A1
- 4.05 - Habitação tipologia B
- 4.06 - Habitação tipologia B1
- 4.07 - Habitação tipologia B2

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

TETO:
T1: NCS 0505 - Y80R
T2: Pladur
T3: NCS S 0900 - N

PAREDE:

P1: NCS S 0502 - G50Y
P2: Paineis de madeira de carvalho
P3: Azulejo
P4: Pedra Mármore Moleanos azul
P5: NCS S 0900 - N

T	P
Pv	R

PAVIMENTO:
Pv1: Pedra Mármore Kayak Beige
Pv2: Ladrilho
Pv3: Soalho de madeira de carvalho
Pv4: Pedra Mármore Habana Dark
Pv5: Linóleo
Pv6: Microciment
Pv7: Kährs Activity Floor de carvalho

RODAPÉ:
R1: Pedra Mármore Kayak Beige
R2: Ladrilho
R3: Madeira de carvalho
R4: Pedra Mármore Habana Dark
R5: Linóleo

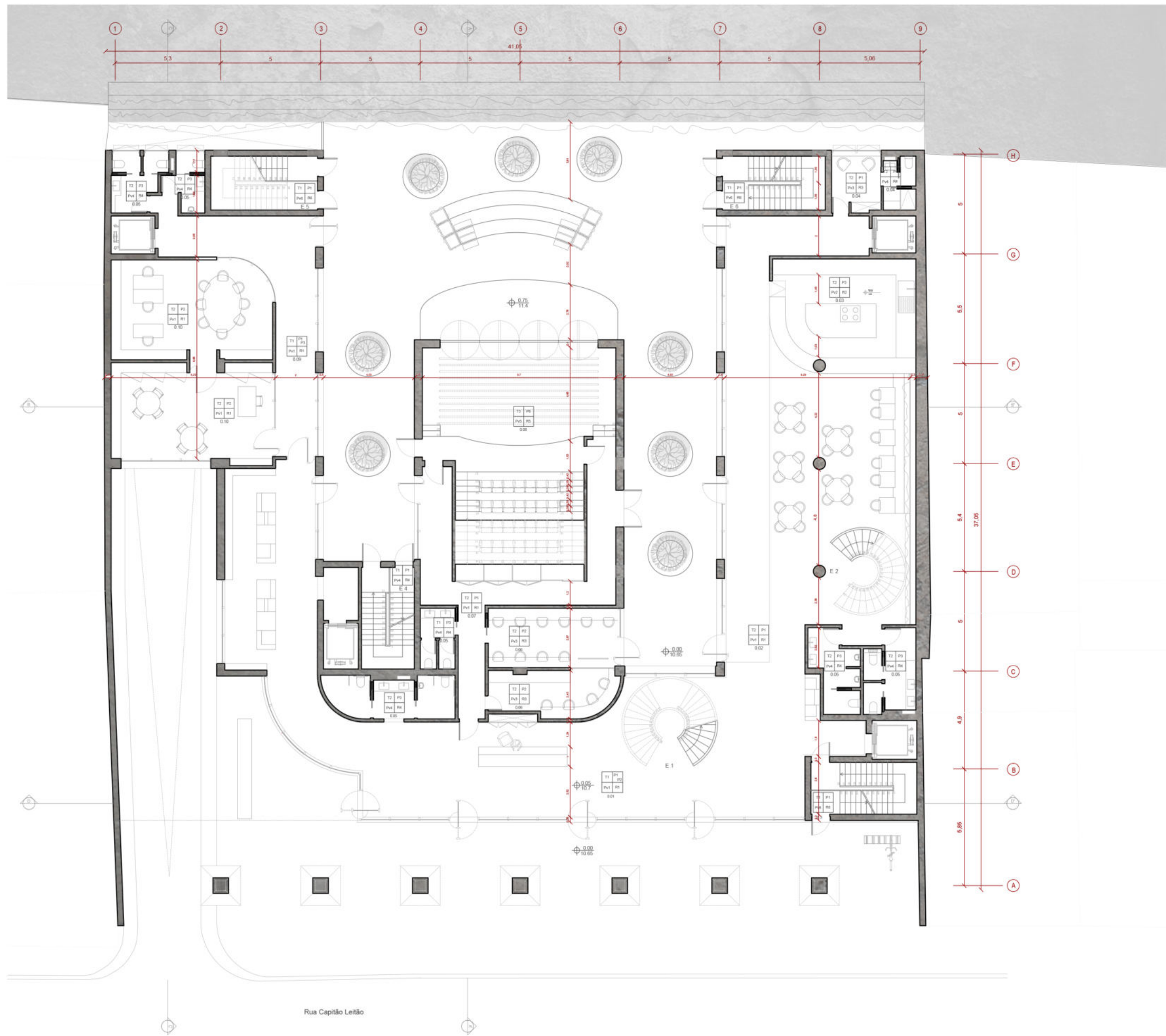
ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE

INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão



LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- 0.01 - Receção

- 0.02 - Cafetaria

- 0.03 - Copa

- 0.04 - Vestiários staff

- 0.05 - Instalações sanitárias

- 0.06 - Camarins

- 0.07 - Bastidores

- 0.08 - Auditório

- 0.09 - Acesso à área administrativa

- 0.10 - Área Administrativa

- 1.01 - Receção

- 1.02 - Sala Técnica

- 1.03 - Auditório

- 1.04 - Cafetaria

- 1.05 - Instalações sanitárias

- 1.06 - Vestiários staff

- 1.07 - Galeria

- 1.08 - Arrumos
- 2.01 - Corredor de acesso

- 2.02 - Banheiros

- 2.03 - Sala multiusos

- 2.04 - Salas de workshops

- 2.05 - Instalações Sanitárias

- 2.06 - Vestiários Staff

- 2.07 - Gabinete Médico

- 2.08 - Gabinete administrativo

- 2.09 - Sala de estudo

- 3.01 - Acesso às habitações

- 3.02 - Acesso às habitações

- 3.03 - Lavandaria

- 3.04 - Habitação tipologia A

- 3.05 - Habitação tipologia A1

- 3.06 - Habitação tipologia B

- 3.07 - Habitação tipologia B1

- 3.08 - Habitação tipologia B2

- 4.01 - Acesso às habitações

- 4.02 - Lavandaria

- 4.03 - Habitação tipologia A

- 4.04 - Habitação tipologia A1

- 4.05 - Habitação tipologia B

- 4.06 - Habitação tipologia B1

- 4.07 - Habitação tipologia B2

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

- TETO:

T1: NCS 0505 - Y80R

T2: Pladur

T3: NCS S 0900 - N

PAREDE:

P1: NCS S 0502 - G50Y

P2: Paineis de madeira de carvalho

P3: Azulejo

P4: Pedra Mármore Moleanos azul

P5: NCS S 0900 - N
- | | |
|----|---|
| T | P |
| Pv | R |

PAVIMENTO:

Pv1: Pedra Mármore Kayak Beige

Pv2: Ladrilho

Pv3: Soalho de madeira de carvalho

Pv4: Pedra Mármore Habana Dark

Pv5: Linóleo

Pv6: Microciment

Pv7: Kährs Activity Floor de carvalho

RODAPÉ:

R1: Pedra Mármore Kayak Beige

R2: Ladrilho

R3: Madeira de carvalho

R4: Pedra Mármore Habana Dark

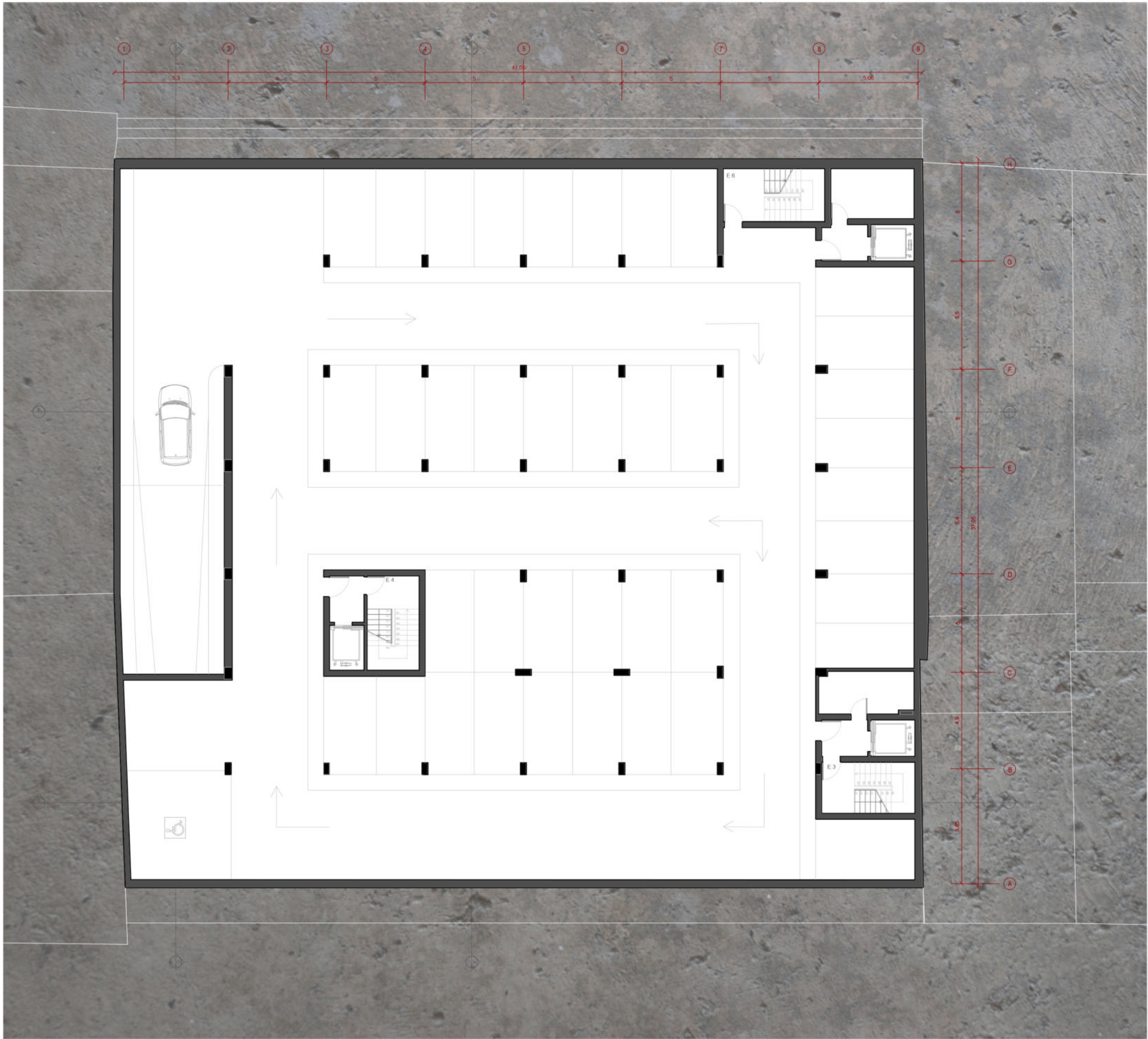
R5: Linóleo

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão



LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- 0.01 - Receção

- 0.02 - Cafetaria

- 0.03 - Copa

- 0.04 - Vestiários staff

- 0.05 - Instalações sanitárias

- 0.06 - Camarins

- 0.07 - Bastidores

- 0.08 - Auditório

- 0.09 - Acesso à área administrativa

- 0.10 - Área Administrativa
- 1.01 - Receção

- 1.02 - Sala Técnica

- 1.03 - Auditório

- 1.04 - Cafetaria

- 1.05 - Instalações sanitárias

- 1.06 - Vestiários staff

- 1.07 - Galeria

- 1.08 - Arrumos
- 2.01 - Corredor de acesso

- 2.02 - Banheiros

- 2.03 - Sala multiusos

- 2.04 - Salas de workshops

- 2.05 - Instalações Sanitárias

- 2.06 - Vestiários Staff

- 2.07 - Gabinete Médico

- 2.08 - Gabinete administrativo

- 2.09 - Sala de estudo
- 3.01 - Acesso às habitações

- 3.02 - Acesso às habitações

- 3.03 - Lavandaria

- 3.04 - Habitação tipologia A

- 3.05 - Habitação tipologia A1

- 3.06 - Habitação tipologia B

- 3.07 - Habitação tipologia B1

- 3.08 - Habitação tipologia B2
- 4.01 - Acesso às habitações

- 4.02 - Lavandaria

- 4.03 - Habitação tipologia A

- 4.04 - Habitação tipologia A1

- 4.05 - Habitação tipologia B

- 4.06 - Habitação tipologia B1

- 4.07 - Habitação tipologia B2

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

- TETO:

T1: NCS 0505 - Y80R

T2: Pladur

T3: NCS S 0900 - N
- PAREDE:

P1: NCS S 0502 - G50Y

P2: Paineis de madeira de carvalho

P3: Azulejo

P4: Pedra Mármore Moleanos azul

P5: NCS S 0900 - N
- PAVIMENTO:

Pv1: Pedra Mármore Kayak Beige

Pv2: Ladrilho

Pv3: Soalho de madeira de carvalho

Pv4: Pedra Mármore Habana Dark

Pv5: Linóleo

Pv6: Microciment

Pv7: Kährs Activity Floor de carvalho
- RODAPÉ:

R1: Pedra Mármore Kayak Beige

R2: Ladrilho

R3: Madeira de carvalho

R4: Pedra Mármore Habana Dark

R5: Linóleo

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE

INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

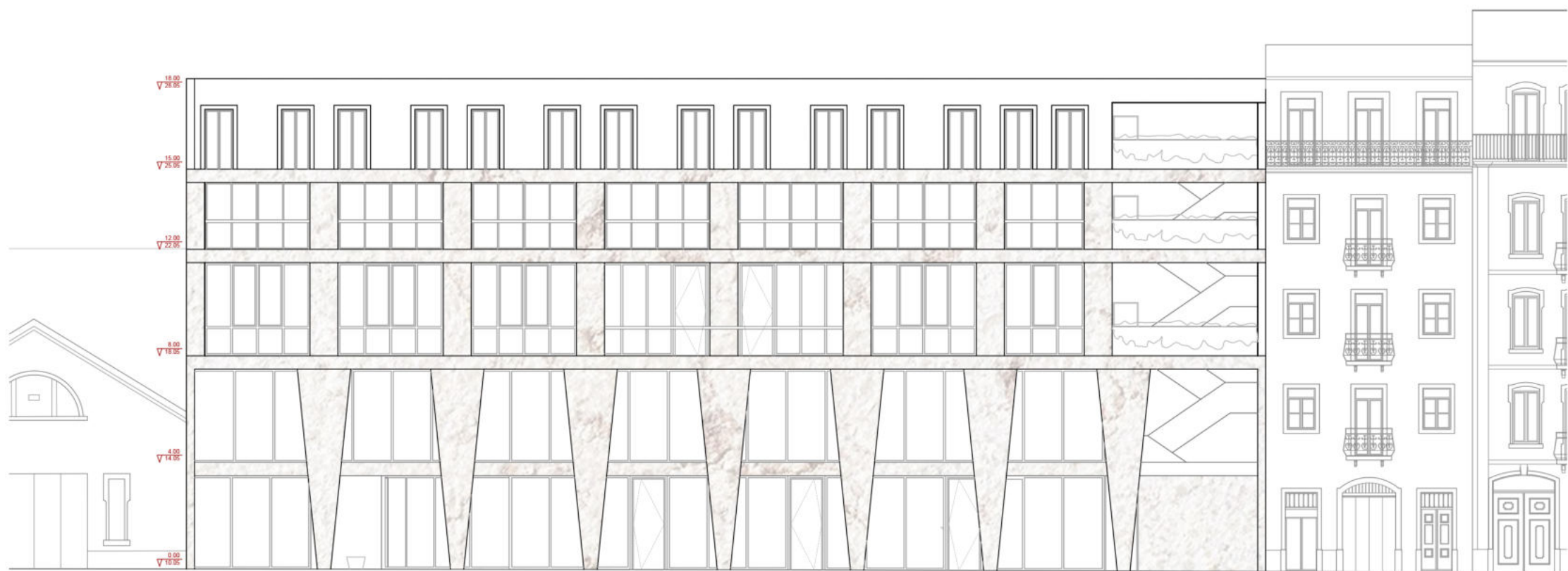
PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO

20130099

Orientação Científica:

Professor Doutor João Pernão

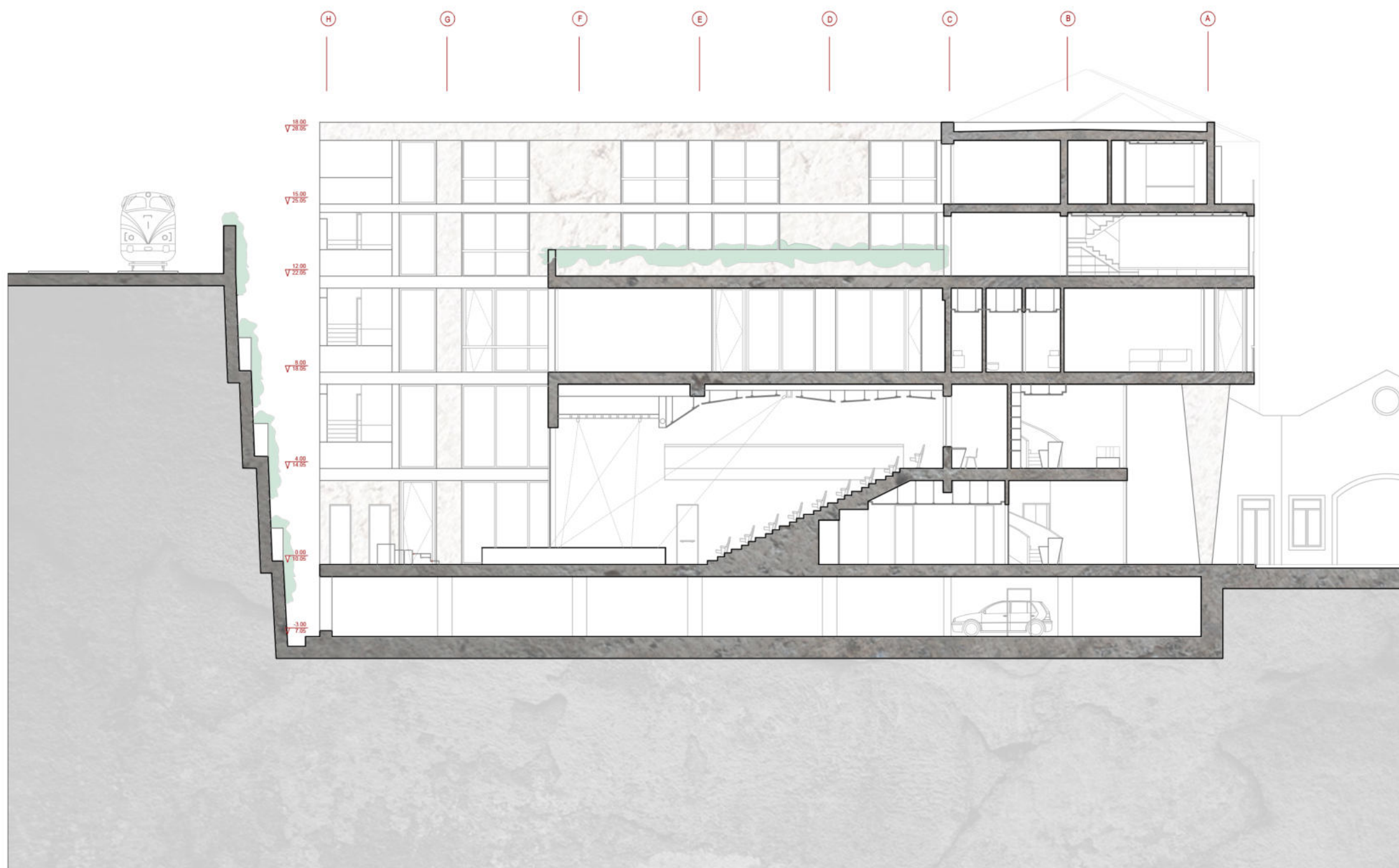


ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão



ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão

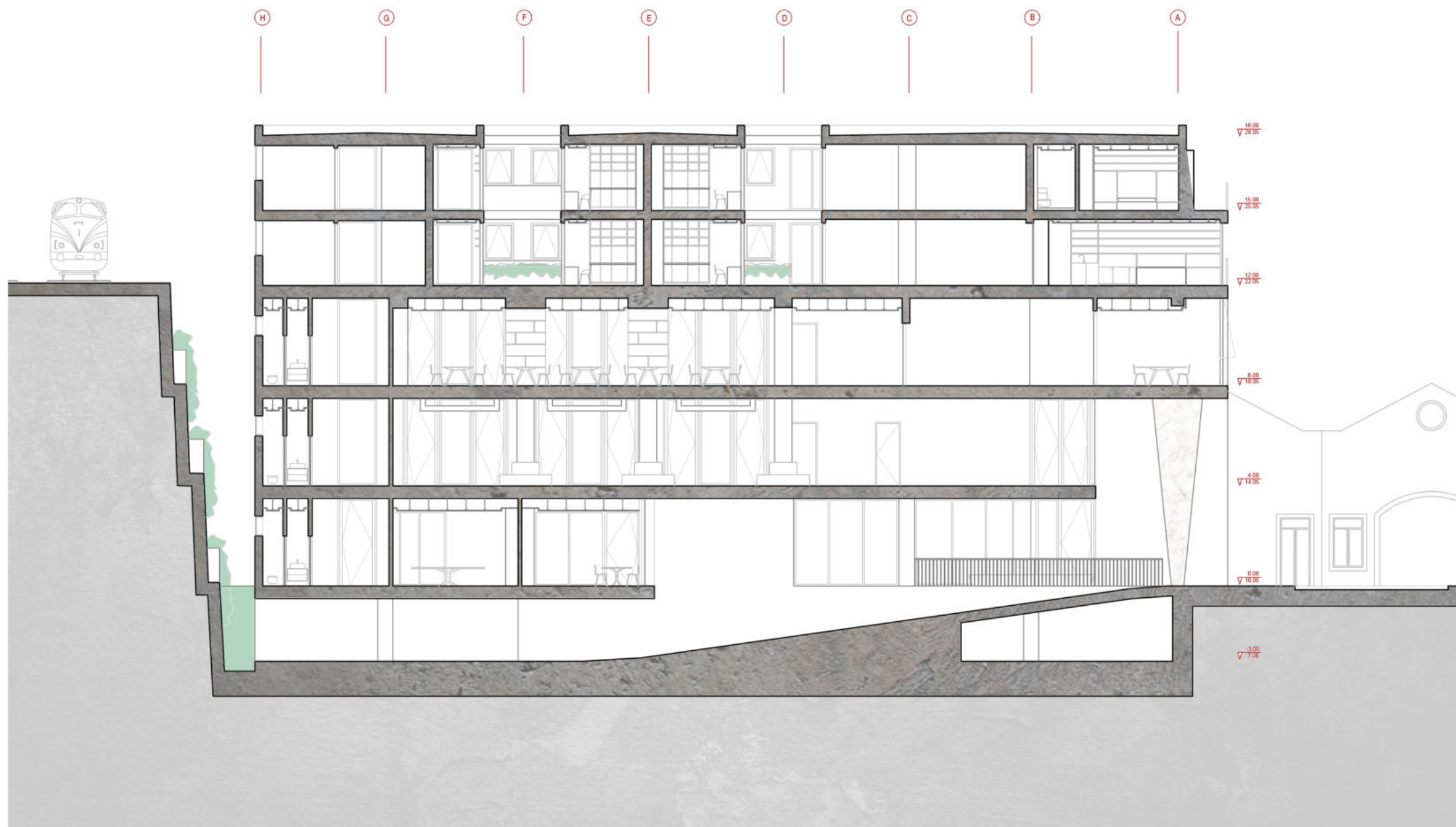


ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão

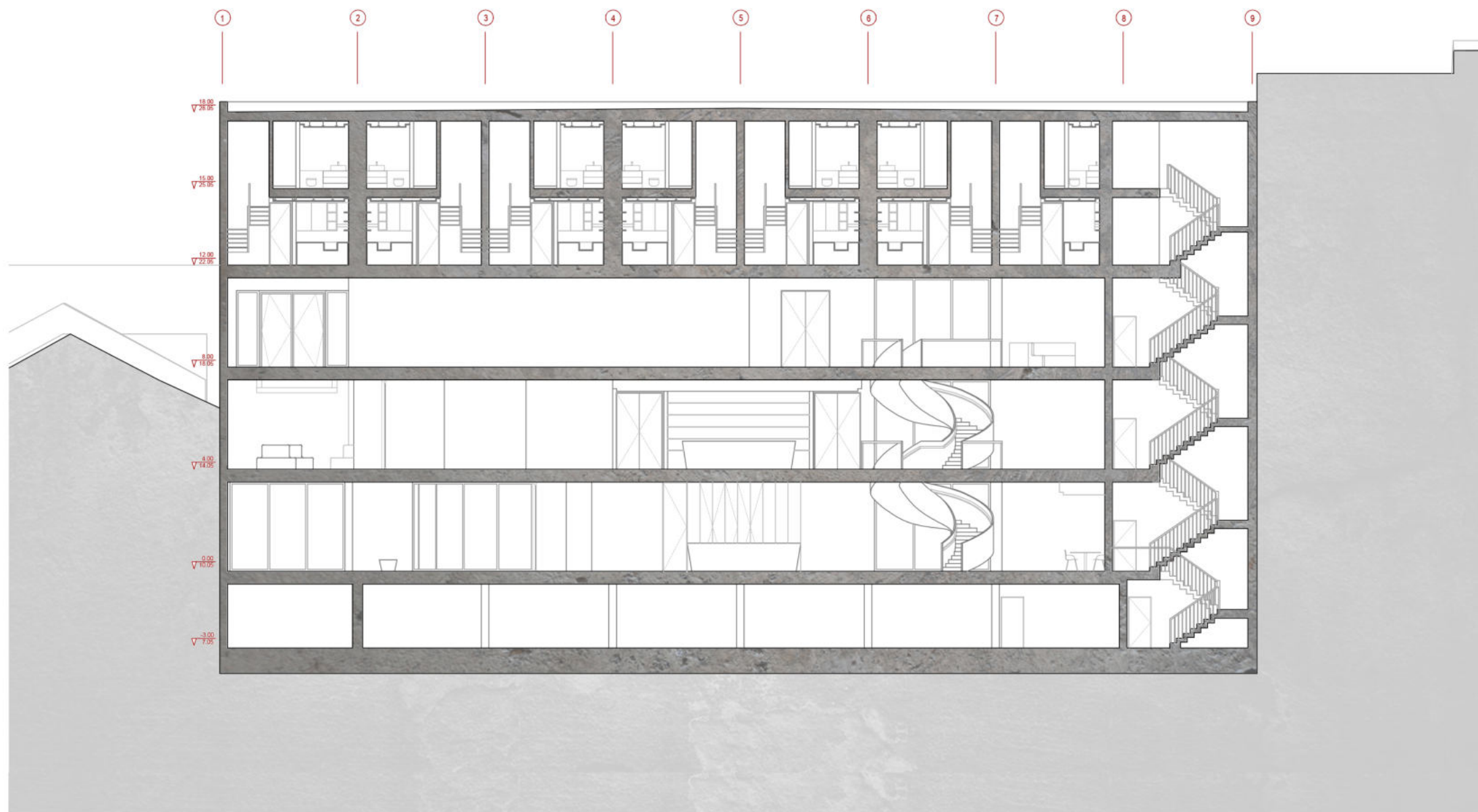


ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão

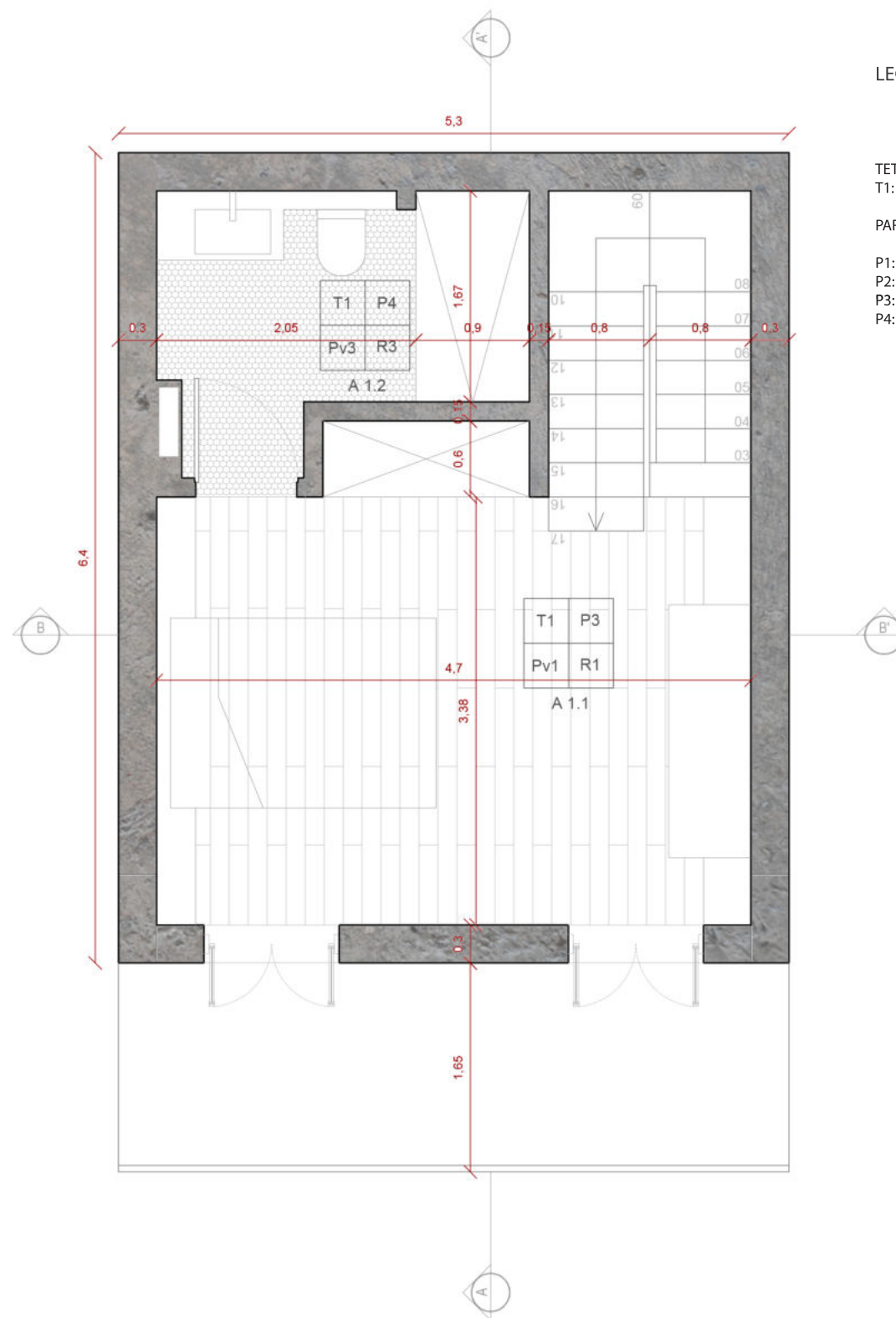
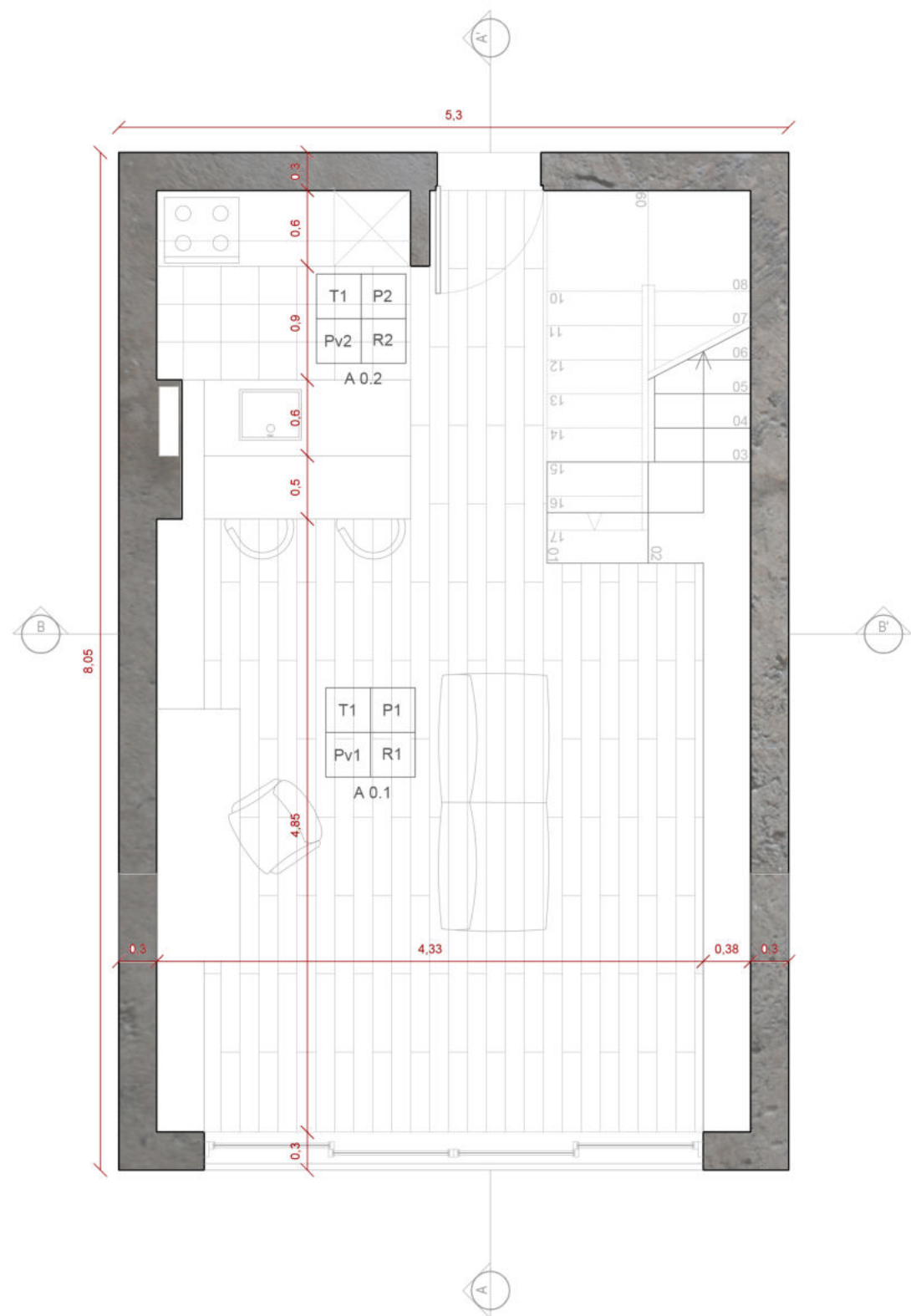


ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão



LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- A 0.1 - Zona Comum
- A 0.2 - Cozinha
- A 1.1 - Zona de dormir
- A 1.2- Casa-de-banho

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

TETO:
T1: Pladur

PAREDE:

- P1: NCS S 0502 - G50Y
- P2: Azulejo
- P3: NCS S 5020 - Y90R
- P4: Pedra Mármore Habana Dark

T	P
Pv	R

PAVIMENTO:
Pv1: Soalho de madeira de carvalho
Pv2: Ladrilho
Pv3: Azulejo de Pasta Branca Statuario

RODAPÉ:
R1: Madeira de carvalho
R2: Ladrilho
R3: Azulejo de Pasta Branca Statuario

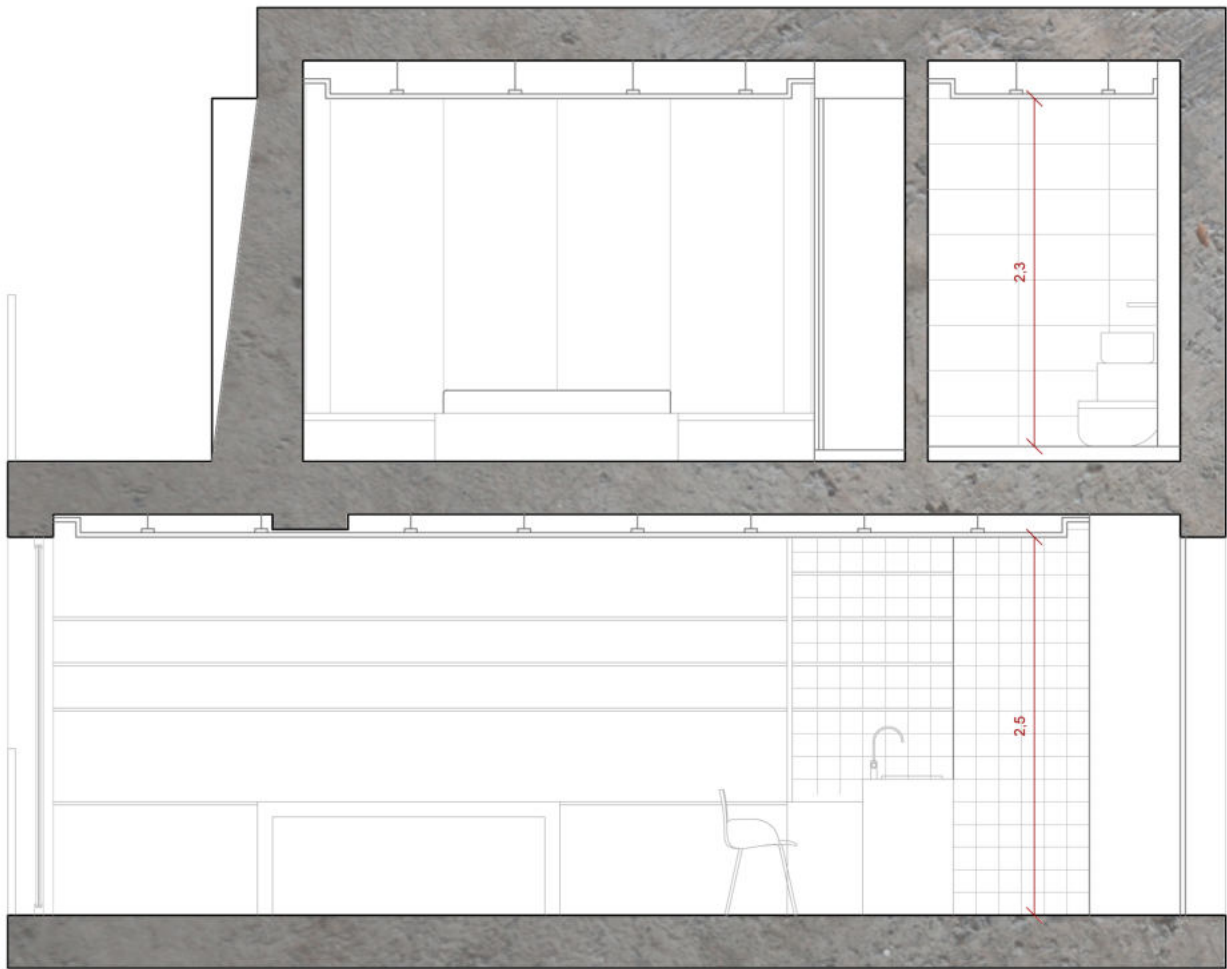
ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE

INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

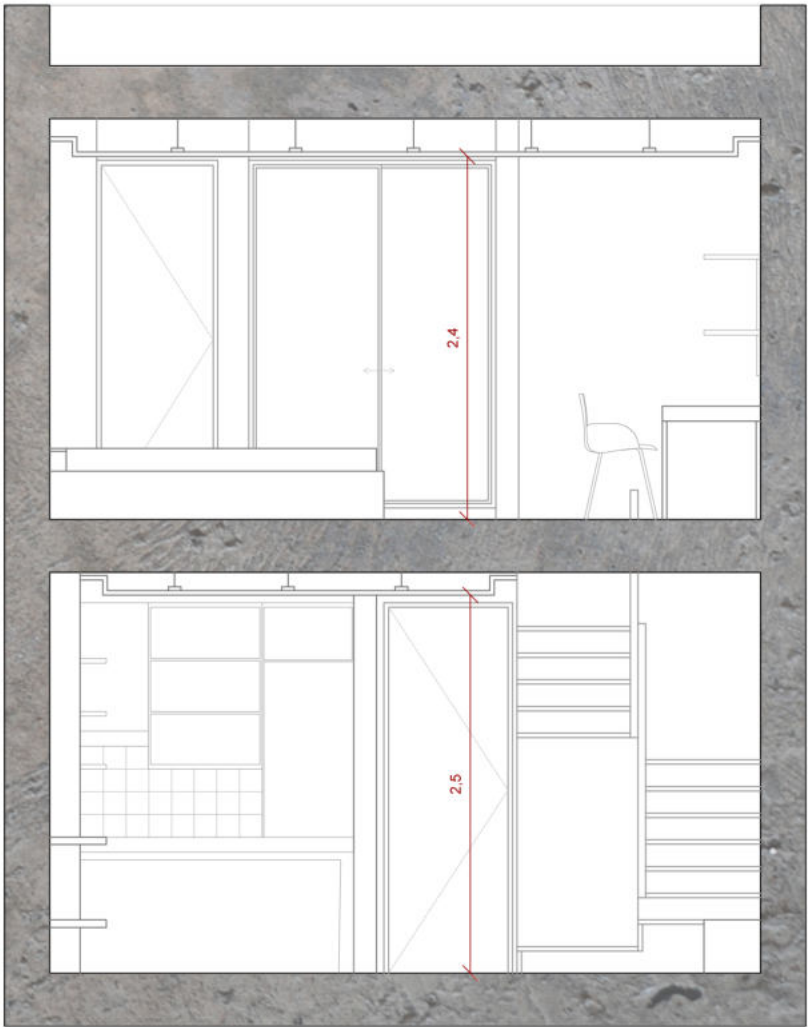
PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão



Corte A



Corte B

LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- A 0.1 - Zona Comum
- A 0.2 - Cozinha
- A 1.1 - Zona de dormir
- A 1.2- Casa-de-banho

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

T	P
Pv	R

TETO:
T1: Pladur

PAREDE:

- P1: NCS S 0502 - G50Y
- P2: Azulejo
- P3: NCS S 5020 - Y90R
- P4: Pedra Mármore Habana Dark

PAVIMENTO:
Pv1: Soalho de madeira de carvalho
Pv2: Ladrilho
Pv3: Azulejo de Pasta Branca Statuario

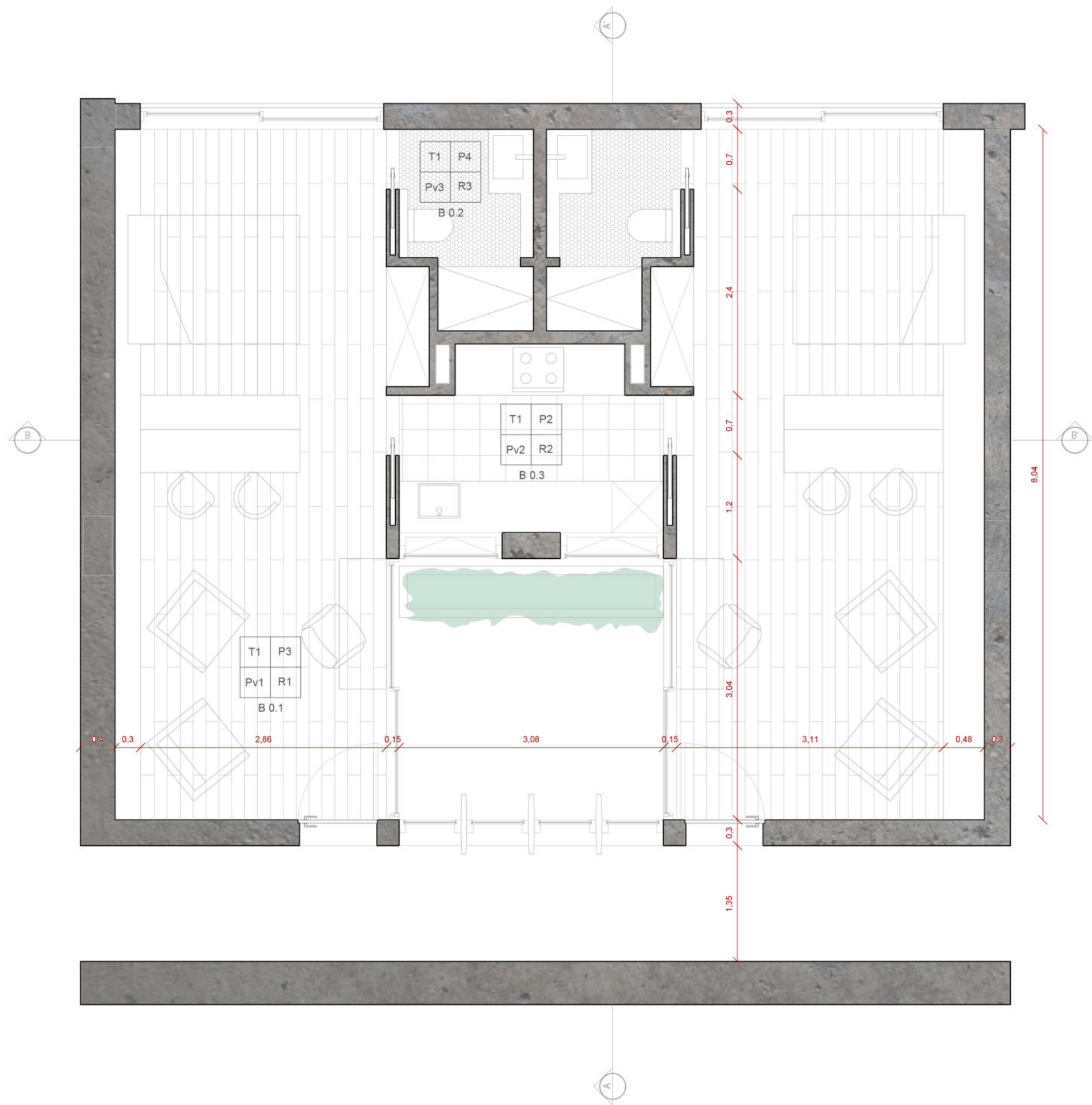
RODAPÉ:
R1: Madeira de carvalho
R2: Ladrilho
R3: Azulejo de Pasta Branca Statuario

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão



LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- B 0.1 - Zona Comum
- B 0.2 -Casa-de-banho
- B 0.3 - Cozinha
- A 1.1 - Zona de dormir
- A 1.2- Casa-de-banho

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

- TETO:
T1: Pladur
- PAREDE:
P1: NCS S 0502 - G50Y
P2: Azulejo
P3: NCS S 5020 - Y90R
P4: Pedra Mármore Habana Dark

T	P
Pv	R

- PAVIMENTO:
Pv1: Soalho de madeira de carvalho
Pv2: Ladrilho
Pv3: Azulejo de Pasta Branca Statuario
- RODAPÉ:
R1: Madeira de carvalho
R2: Ladrilho
R3: Azulejo de Pasta Branca Statuario

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

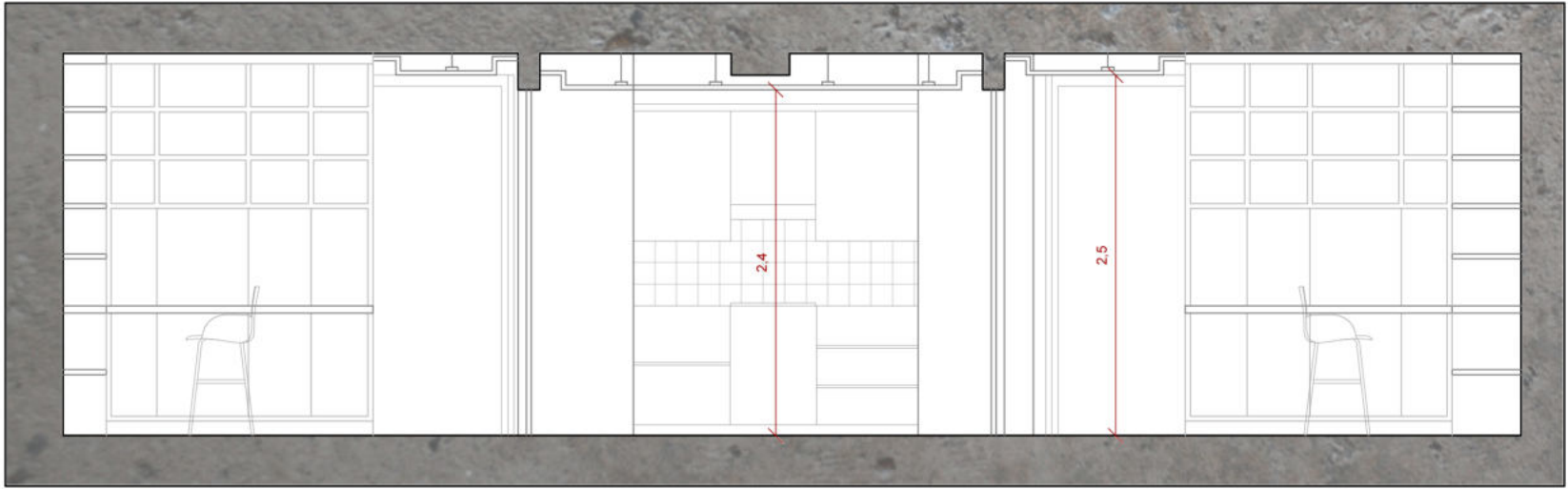
MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão





Corte A



Corte B

LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- B 0.1 - Zona Comum
- B 0.2 -Casa-de-banho
- B 0.3 - Cozinha
- A 1.1 - Zona de dormir
- A 1.2- Casa-de-banho

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

T	P
Pv	R

TETO:
T1: Pladur

PAREDE:

- P1: NCS S 0502 - G50Y
- P2: Azulejo
- P3: NCS S 5020 - Y90R
- P4: Pedra Mármore Habana Dark

PAVIMENTO:
Pv1: Soalho de madeira de carvalho
Pv2: Ladrilho
Pv3: Azulejo de Pasta Branca Statuario

RODAPÉ:
R1: Madeira de carvalho
R2: Ladrilho
R3: Azulejo de Pasta Branca Statuario

ARQUITETURA PARA A COMUNIDADE
INTERVENÇÃO DE REABILITAÇÃO EM MARVILA

PROJETO FINAL DE MESTRADO | DOCUMENTO PROVISÓRIO

MARISA FILIPA RODRIGUES ROMÃO
20130099

Orientação Científica:
Professor Doutor João Pernão

DESENHOS TÉCNICOS (PAINÉIS FINAIS)

P01 – PLANTA DE ENQUADRAMENTO

P02 – PLANTA URBANA

P03 – AXONOMETRIA DA PROPOSTA

P04 – DESENHOS TÉCNICOS DA PROPOSTA

P05 – DESENHOS TÉCNICOS DA PROPOSTA

P06 – DESENHOS TÉCNICOS DA PROPOSTA

P07 – DESENHOS TÉCNICOS DA PROPOSTA

P08 – DESENHOS TÉCNICOS DA PROPOSTA

P09 – DESENHOS TÉCNICOS DA PROPOSTA DAS HABITAÇÕES
COM O ESTUDO DE LUZ, COR E MATÉRIA

P10 – IMAGENS ILUSTRATIVAS



CARTA DAS LINHAS DE
FORTIFICAÇÃO DE LISBOA (1835)



CARTOGRAFIA DA CIDADE DE LISBOA
SILVA PINTO (1911)



ORTOFOTOMAPA DA CIDADE DE LISBOA
GOOGLE EARTH (2018)



MIRANTE DO MARQUÊS DE MARIALVA



PALÁCIO DA MITRA



GEOMONUMENTO



TEATRO MERIDIONAL



CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE MARVILA

RUA DE MARVILA

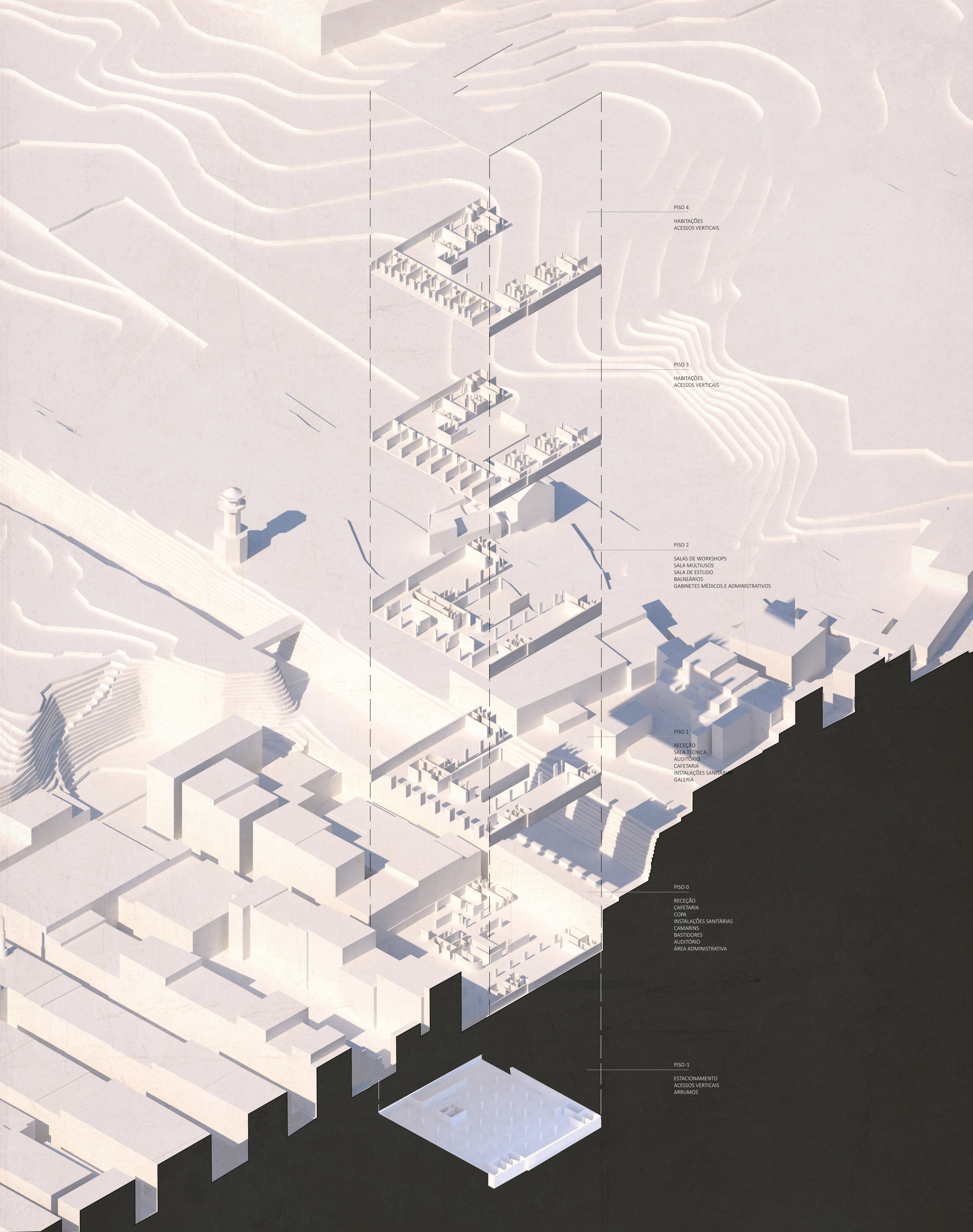
LINHA DE CINTURA

RUA CAETÃO LEITÃO

RUA DO AÇÚCAR

AV. INÉNTIO D. HENRIQUE

ROTEIO



PISO 4
HABITAÇÕES
ACESSOS VERTICAIS

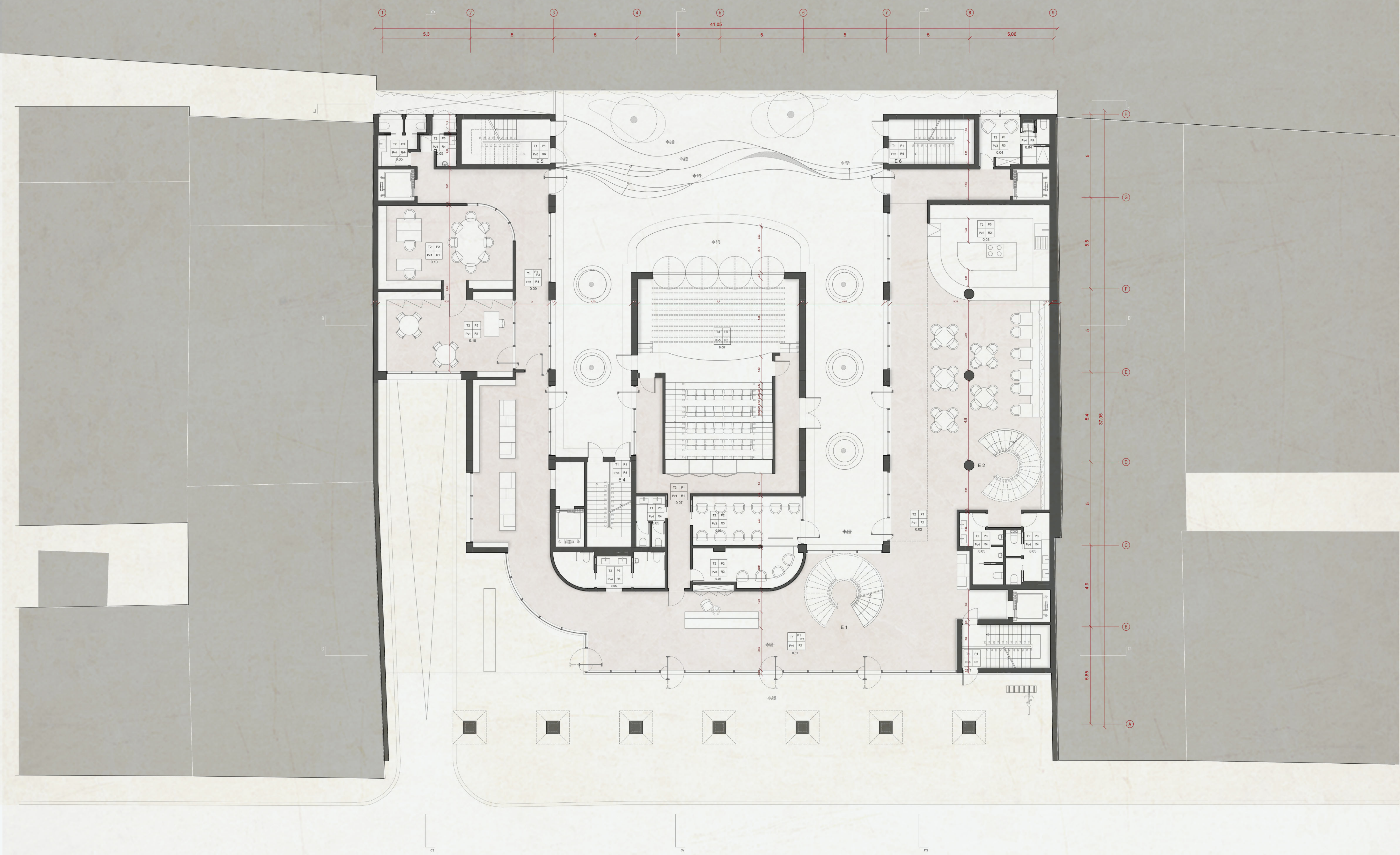
PISO 3
HABITAÇÕES
ACESSOS VERTICAIS

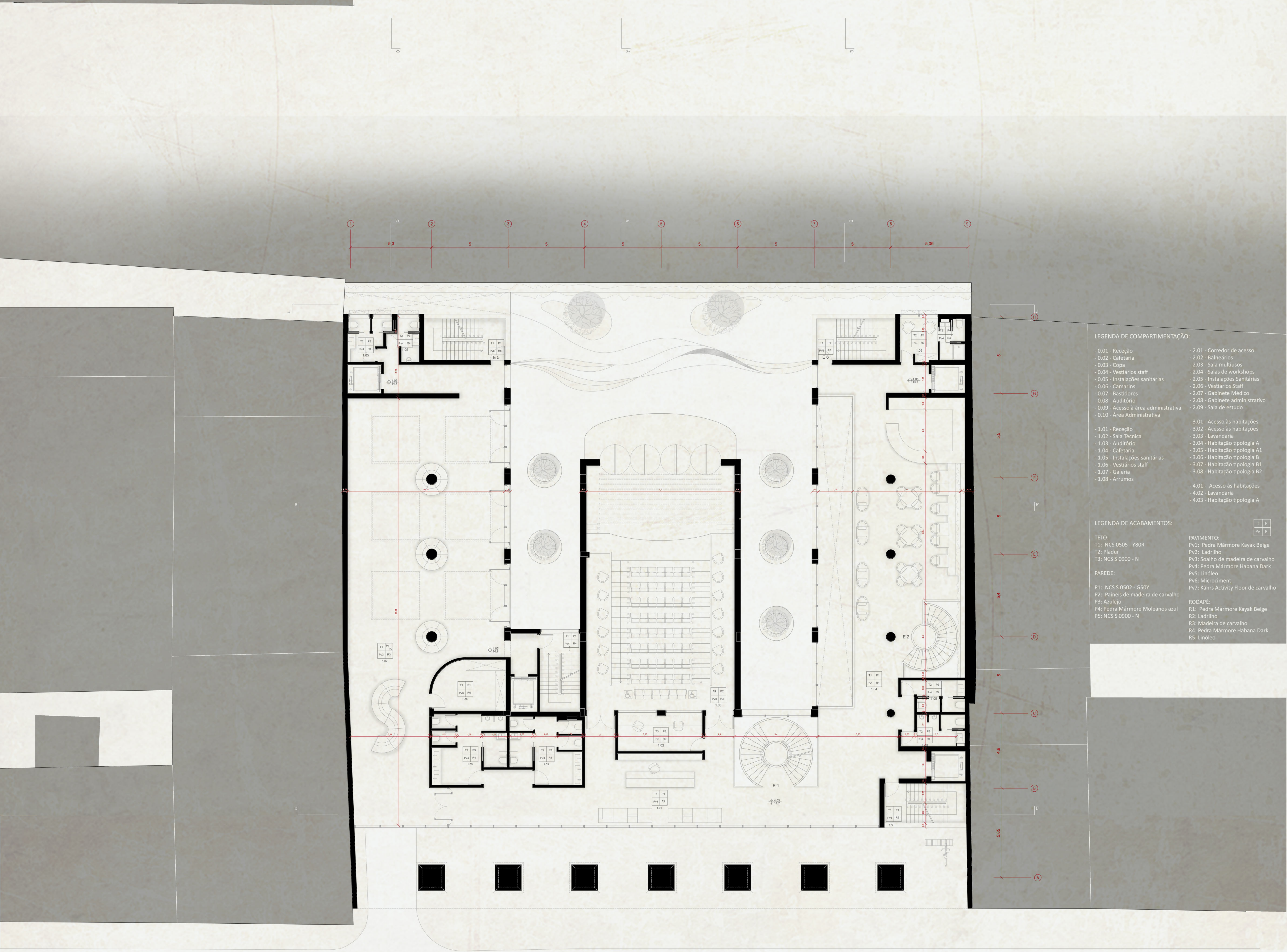
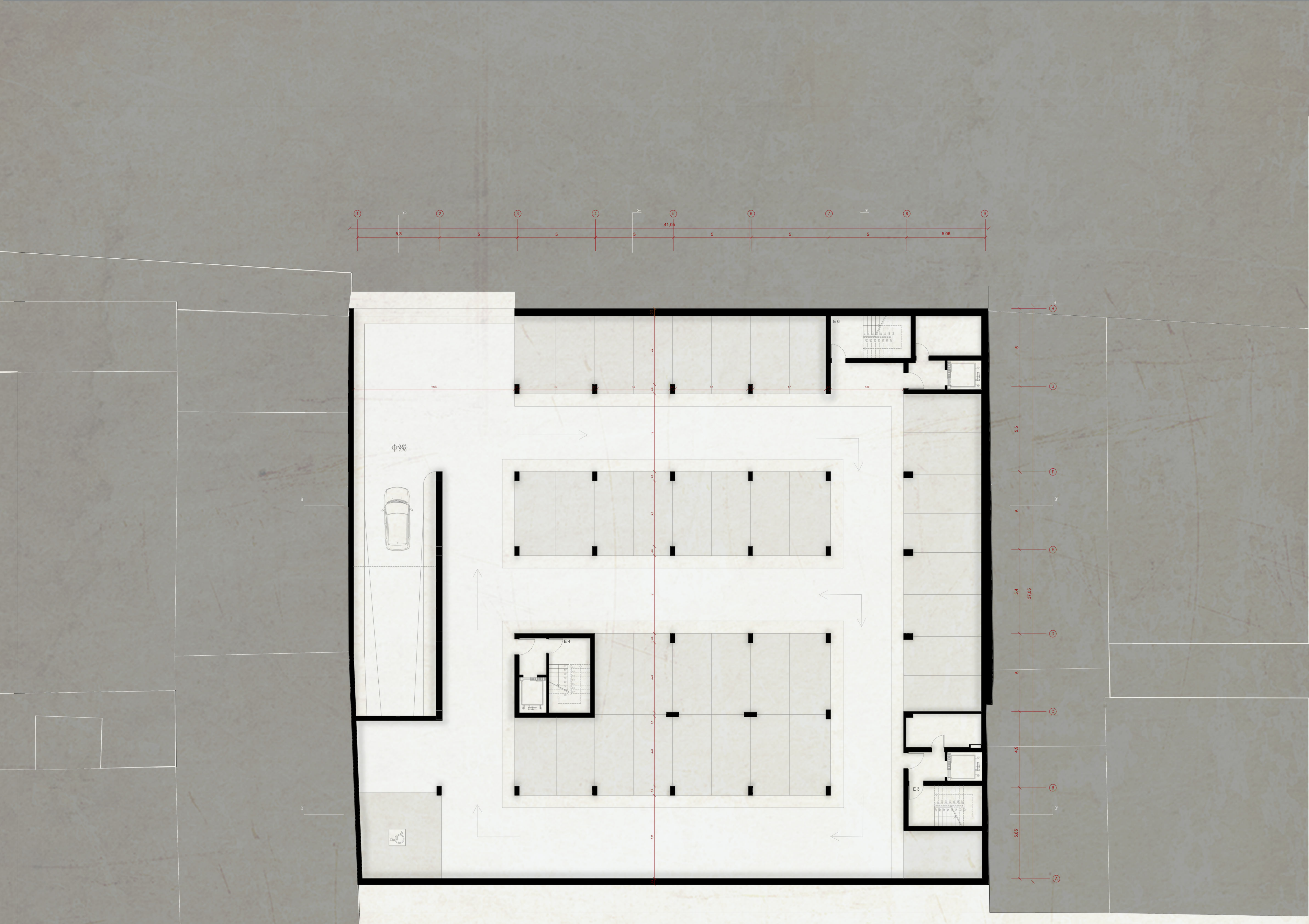
PISO 2
SALAS DE WORKSHOPS
SALA MULTIUSOS
SALA DE ESTUDO
BALNEÁRIOS
GABINETES MÉDICOS E ADMINISTRATIVOS

PISO 1
RECEÇÃO
SALA TÉCNICA
AUDITÓRIO
CAFETARIA
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
GALERIA

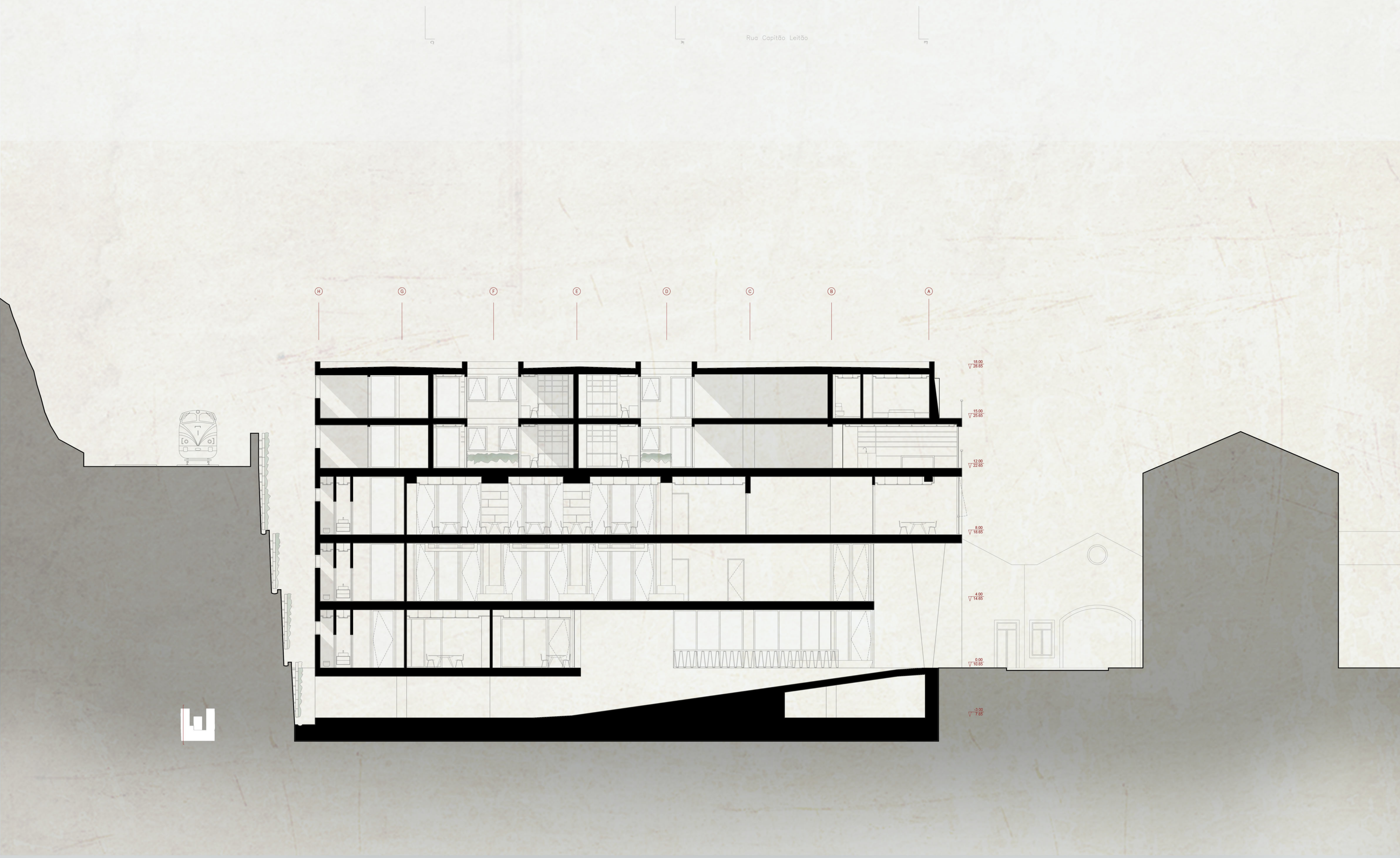
PISO 0
RECEÇÃO
CAFETARIA
COPA
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
CAMARINS
BASTIDORES
AUDITÓRIO
ÁREA ADMINISTRATIVA

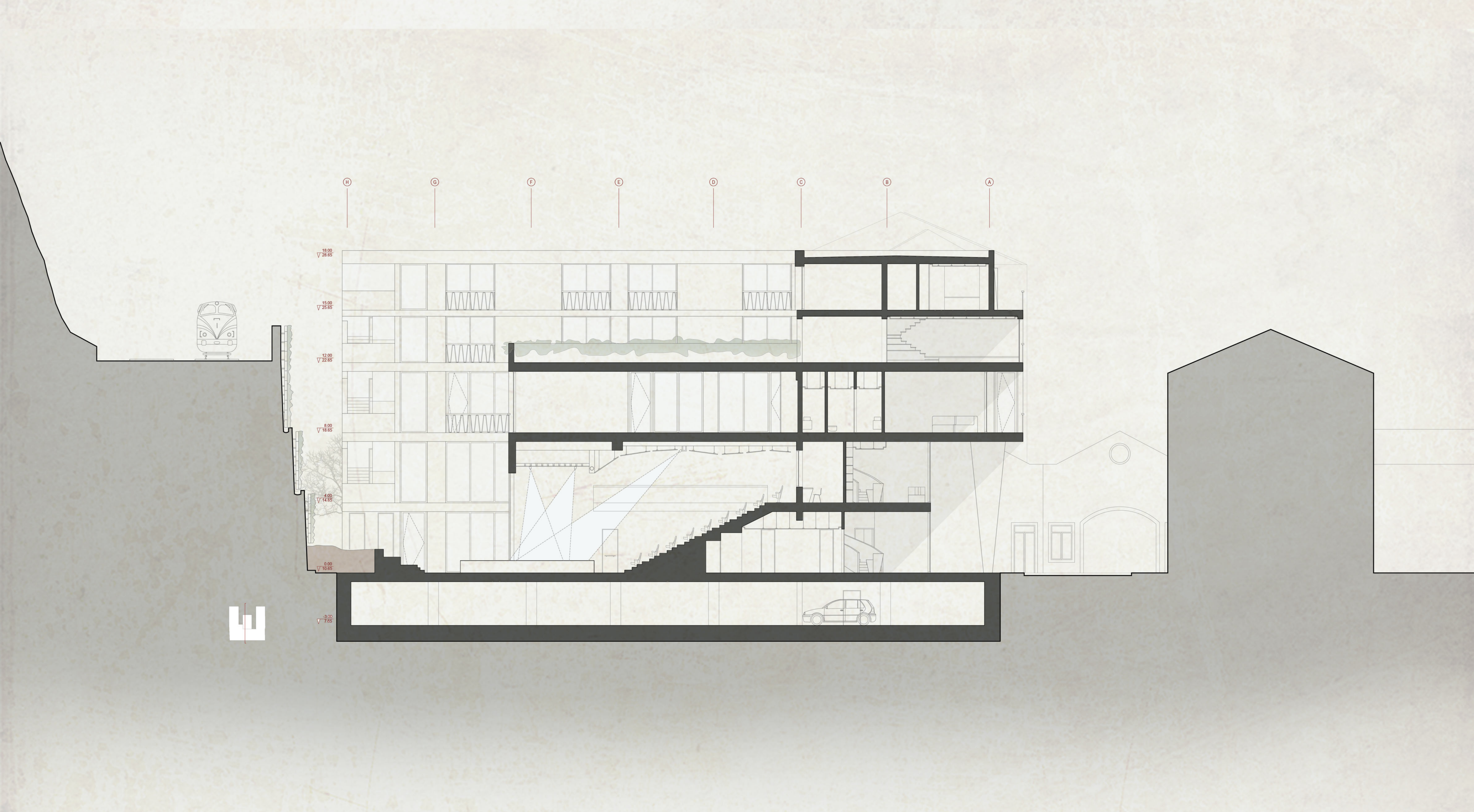
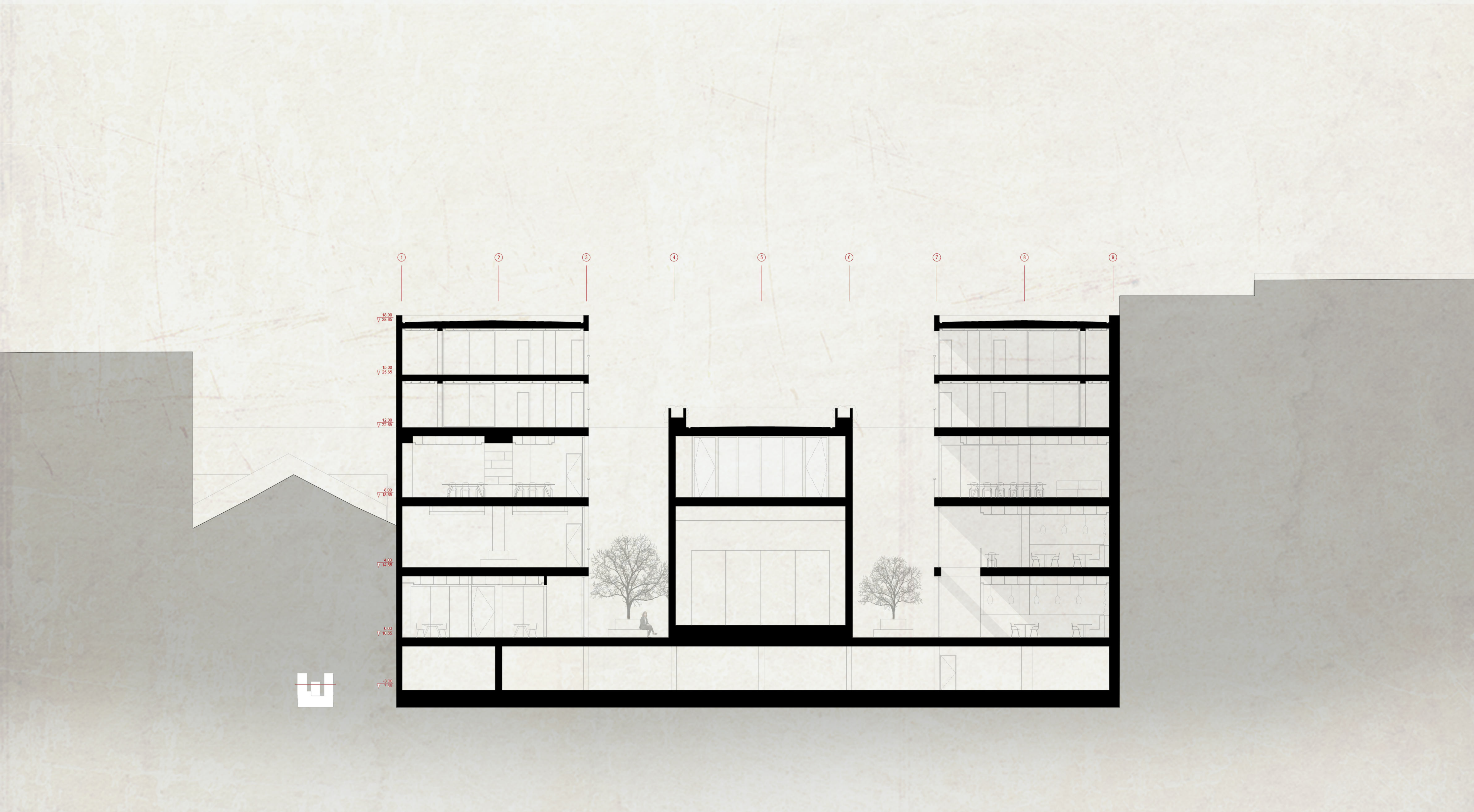
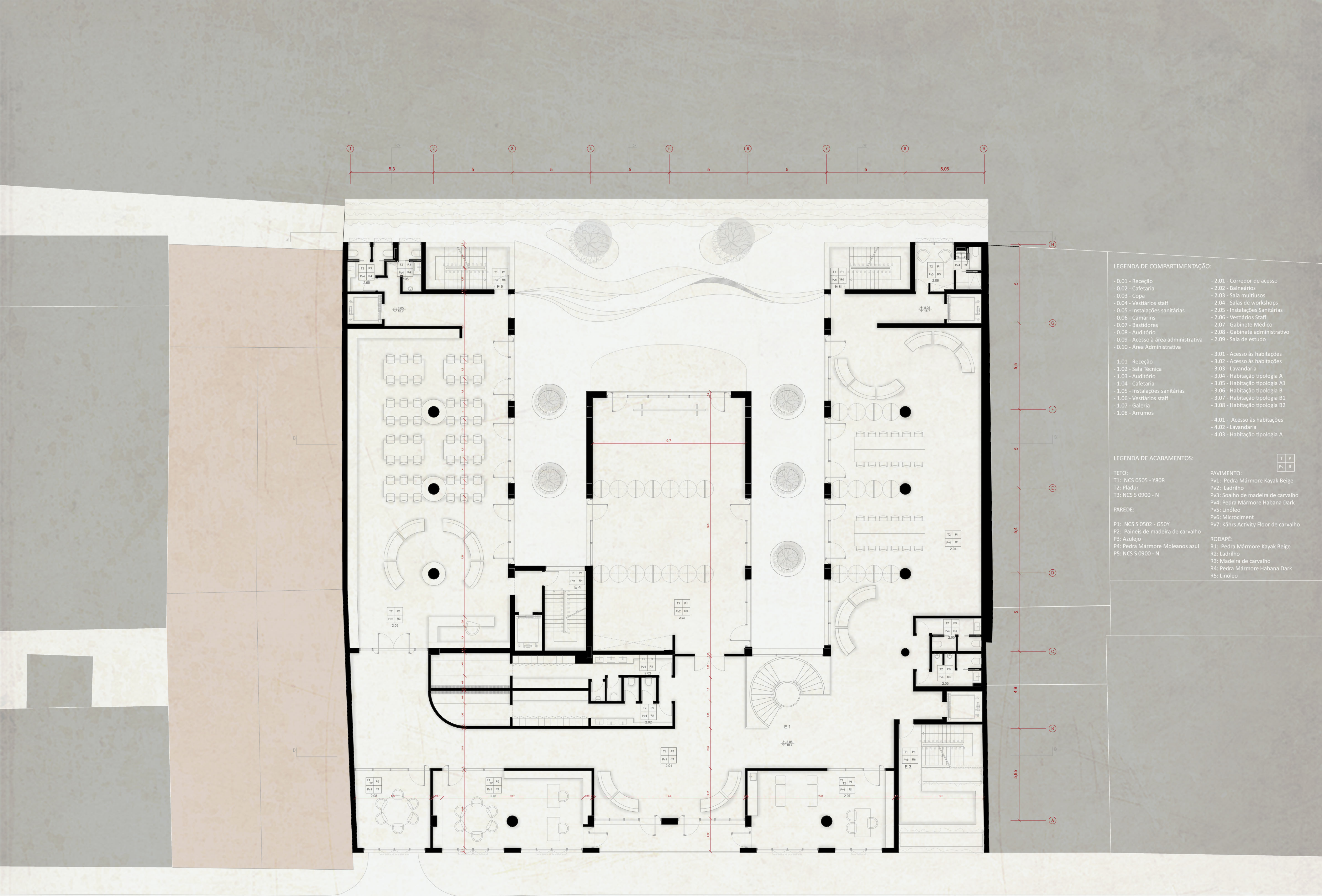
PISO -1
ESTACIONAMENTO
ACESSOS VERTICAIS
ARRUMOS

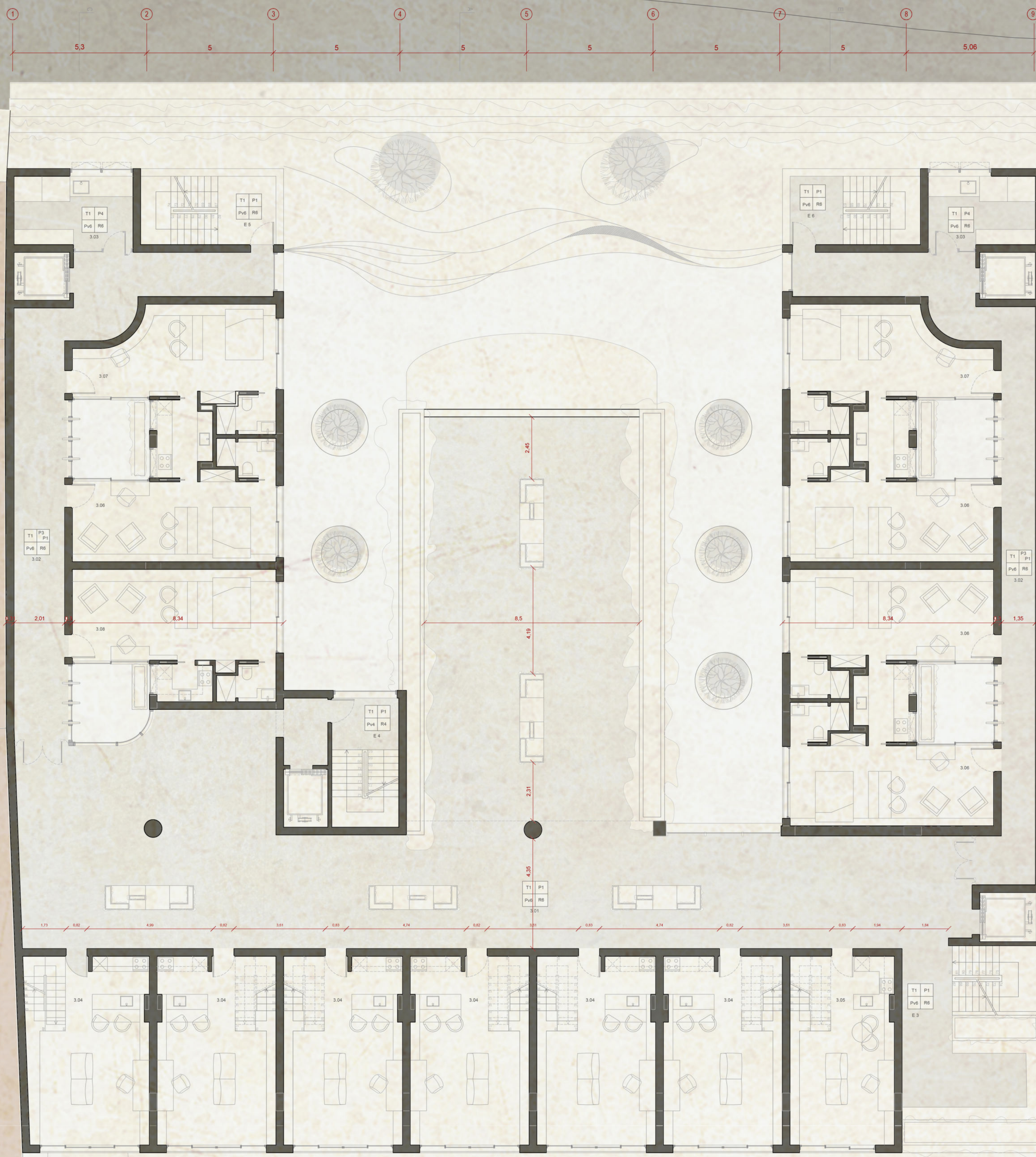




- LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:
- 0.01 - Receção
 - 0.02 - Cafeteria
 - 0.03 - Copa
 - 0.04 - Vestiários staff
 - 0.05 - Instalações sanitárias
 - 0.06 - Camarões
 - 0.07 - Sanitários
 - 0.08 - Auditório
 - 0.09 - Acesso à área administrativa
 - 0.10 - Área Administrativa
 - 1.01 - Receção
 - 1.02 - Sala Técnica
 - 1.03 - Auditório
 - 1.04 - Cafeteria
 - 1.05 - Instalações sanitárias
 - 1.06 - Vestiários staff
 - 1.07 - Galeria
 - 1.08 - Armazém
 - 2.01 - Corredor de acesso
 - 2.02 - Salas de reuniões
 - 2.03 - Sala multiusos
 - 2.04 - Sala de workshop
 - 2.05 - Instalações sanitárias
 - 2.06 - Vestiários Staff
 - 2.07 - Gabinete Médico
 - 2.08 - Gabinete administrativo
 - 2.09 - Sala de estudo
 - 3.01 - Acesso às habitações
 - 3.02 - Acesso às habitações
 - 3.03 - Lavandaria
 - 3.04 - Habitação tipologia A
 - 3.05 - Habitação tipologia A1
 - 3.06 - Habitação tipologia B
 - 3.07 - Habitação tipologia B1
 - 3.08 - Habitação tipologia B2
 - 4.01 - Acesso às habitações
 - 4.02 - Lavandaria
 - 4.03 - Habitação tipologia A
- LEGENDA DE ACABAMENTOS:
- TEITO:
- T1: ACS 0505 - Y80R
 - T2: Plafar
 - T3: NCS S 0900 - N
- PAREDE:
- P1: NCS S 0502 - G80Y
 - P2: Painéis de madeira de carvalho
 - P3: Azulejo
 - P4: Pedra Mármore Moissano azul
 - P5: NCS S 0900 - N
- PAVIMENTO:
- Pv1: Pedra Mármore Kayak Beige
 - Pv2: Ladrilho
 - Pv3: Soalho de madeira de carvalho
 - Pv4: Pedra Mármore Habana Dark
 - Pv5: Ladrilho
 - Pv6: Microciment
 - Pv7: Kates Activity floor de carvalho
- RODAPE:
- R1: Pedra Mármore Kayak Beige
 - R2: Ladrilho
 - R3: Madeira de carvalho
 - R4: Pedra Mármore Habana Dark
 - R5: Ladrilho





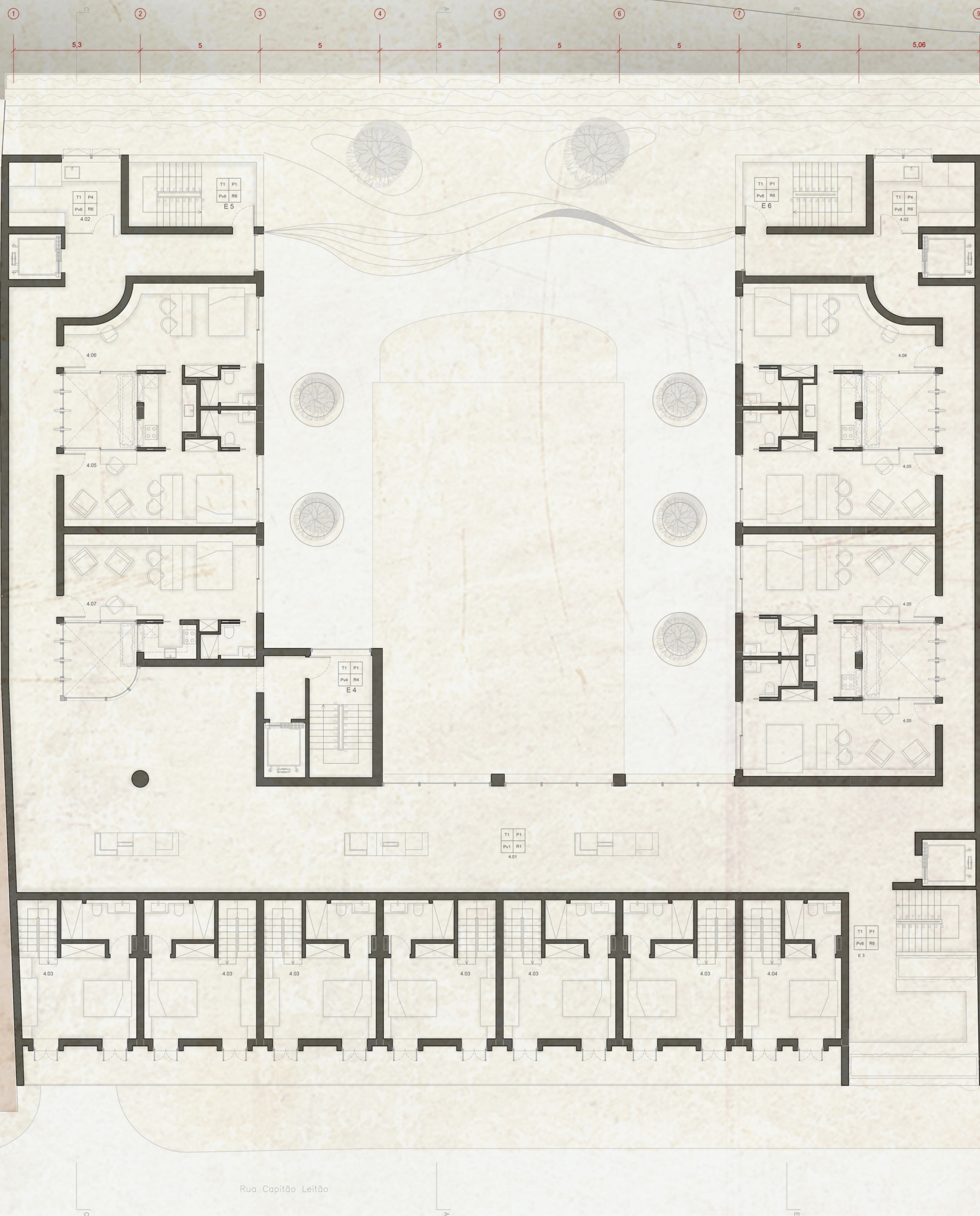


LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- 0.01 - Recepção
- 0.02 - Cafeteria
- 0.03 - Cozinha
- 0.04 - Vestiários staff
- 0.05 - Instalações sanitárias
- 0.06 - Camarins
- 0.07 - Banheiros
- 0.08 - Auditório
- 0.09 - Acesso à área administrativa
- 0.10 - Área Administrativa
- 1.01 - Recepção
- 1.02 - Sala Técnica
- 1.03 - Auditório
- 1.04 - Cafeteria
- 1.05 - Instalações sanitárias
- 1.06 - Vestiários staff
- 1.07 - Galeria
- 1.08 - Arrumos
- 2.01 - Corredor de acesso
- 2.02 - Banheiros
- 2.03 - Sala multiusos
- 2.04 - Salas de workshops
- 2.05 - Instalações Sanitárias
- 2.06 - Vestiários Staff
- 2.07 - Gabinete Médico
- 2.08 - Gabinete administrativo
- 2.09 - Sala de estudo
- 3.01 - Acesso às habitações
- 3.02 - Acesso às habitações
- 3.03 - Lavandaria
- 3.04 - Habitação tipologia A
- 3.05 - Habitação tipologia A1
- 3.06 - Habitação tipologia B
- 3.07 - Habitação tipologia B1
- 3.08 - Habitação tipologia B2
- 4.01 - Acesso às habitações
- 4.02 - Lavandaria
- 4.03 - Habitação tipologia A

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

- TETO:
- T1: NCS 0505 - Y80R
 - T2: Pladur
 - T3: NCS S 0900 - N
- PAREDE:
- P1: NCS S 0502 - G50Y
 - P2: Painéis de madeira de carvalho
 - P3: Azulejo
 - P4: Pedra Mármore Moleanos azul
 - P5: NCS S 0900 - N
- PAVIMENTO:
- Pv1: Pedra Mármore Kayak Beige
 - Pv2: Ladrilho
 - Pv3: Solho de madeira de carvalho
 - Pv4: Pedra Mármore Habana Dark
 - Pv5: Linóleo
 - Pv6: Microciment
 - Pv7: Kahrs Activity Floor de carvalho
- RODAPE:
- R1: Pedra Mármore Kayak Beige
 - R2: Ladrilho
 - R3: Madeira de carvalho
 - R4: Pedra Mármore Habana Dark
 - R5: Linóleo

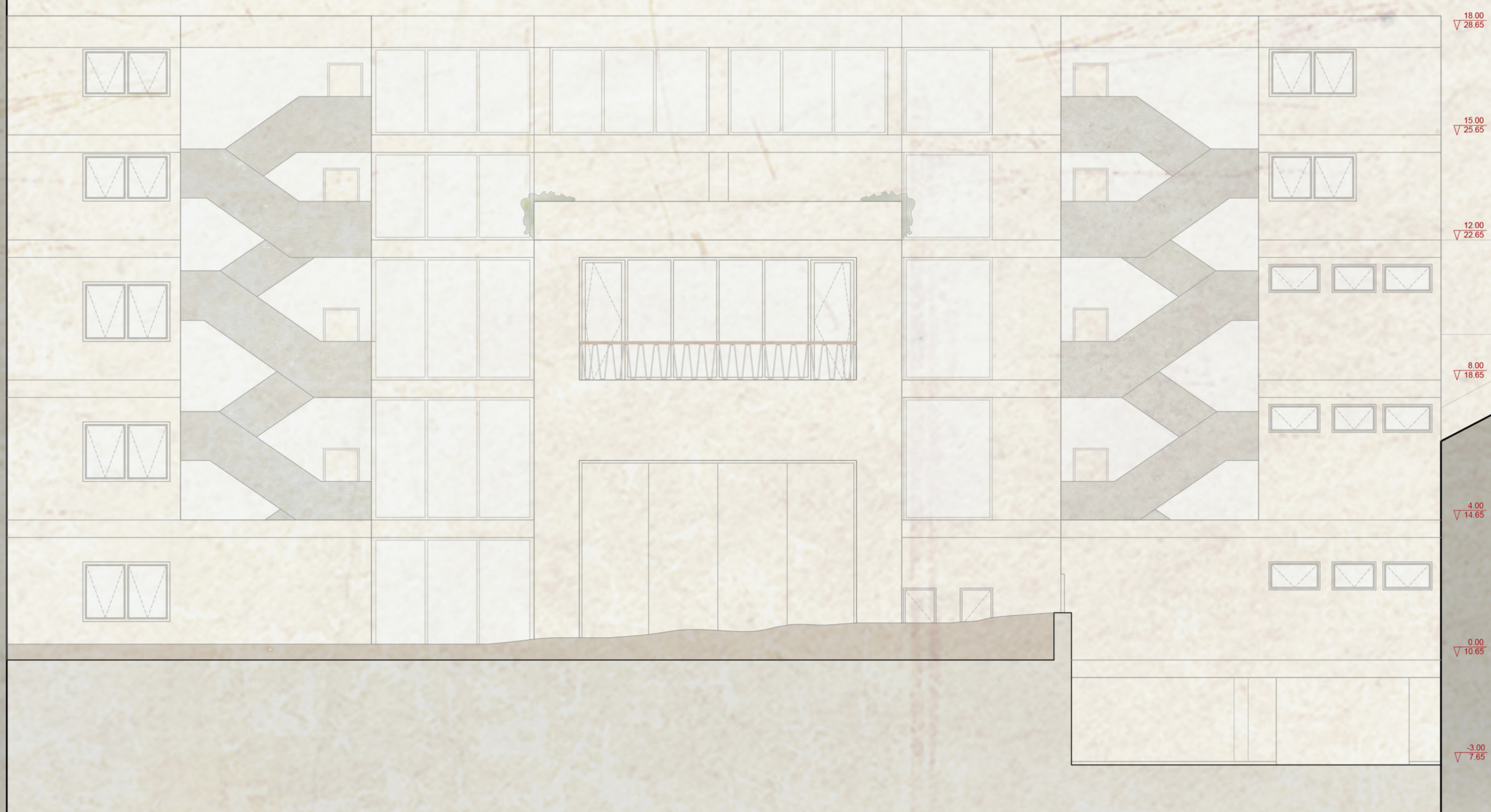
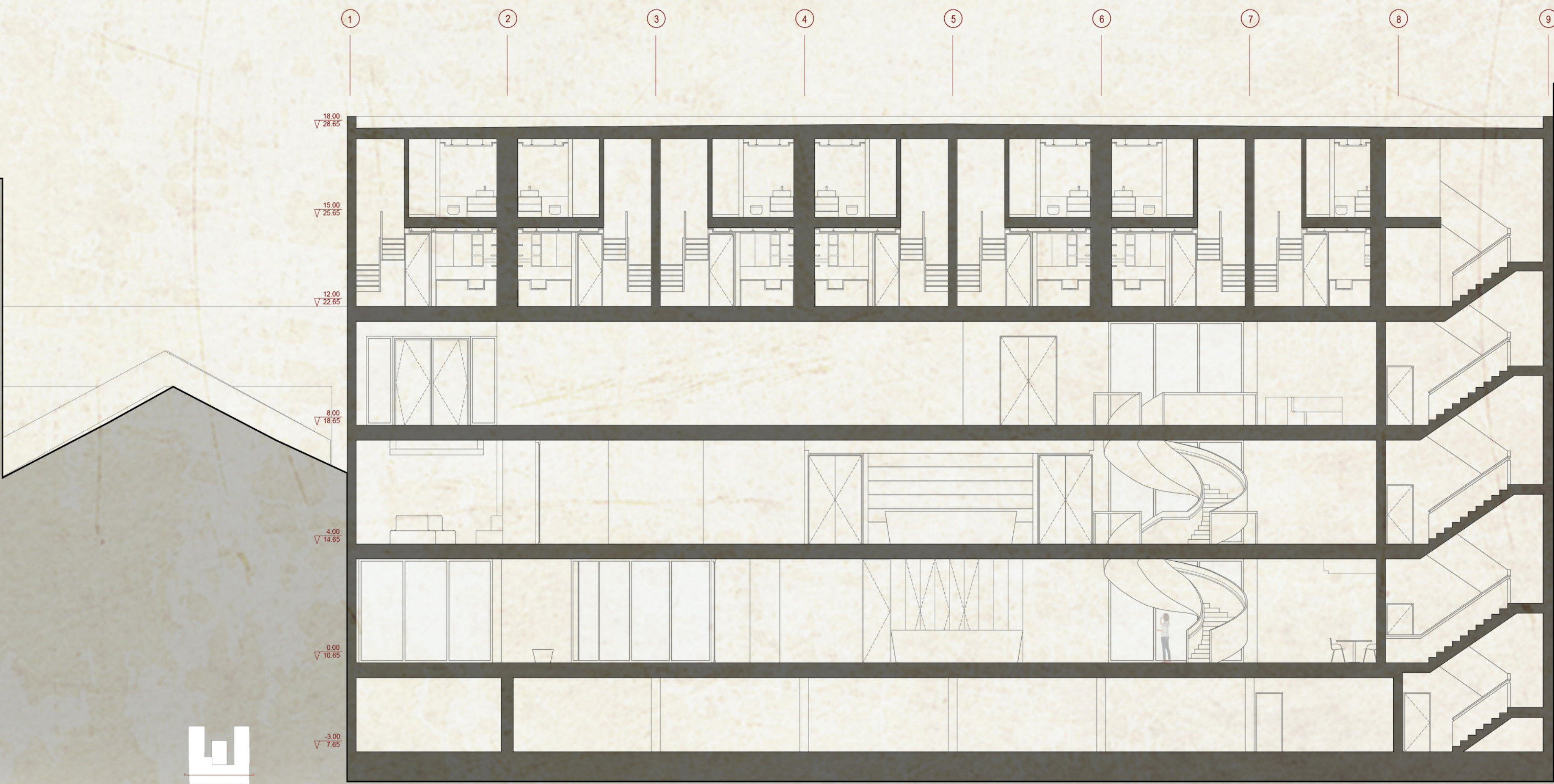


LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- 0.01 - Recepção
- 0.02 - Cafeteria
- 0.03 - Cozinha
- 0.04 - Vestiários staff
- 0.05 - Instalações sanitárias
- 0.06 - Camarins
- 0.07 - Banheiros
- 0.08 - Auditório
- 0.09 - Acesso à área administrativa
- 0.10 - Área Administrativa
- 1.01 - Recepção
- 1.02 - Sala Técnica
- 1.03 - Auditório
- 1.04 - Cafeteria
- 1.05 - Instalações sanitárias
- 1.06 - Vestiários staff
- 1.07 - Galeria
- 1.08 - Arrumos
- 2.01 - Corredor de acesso
- 2.02 - Banheiros
- 2.03 - Sala multiusos
- 2.04 - Salas de workshops
- 2.05 - Instalações Sanitárias
- 2.06 - Vestiários Staff
- 2.07 - Gabinete Médico
- 2.08 - Gabinete administrativo
- 2.09 - Sala de estudo
- 3.01 - Acesso às habitações
- 3.02 - Acesso às habitações
- 3.03 - Lavandaria
- 3.04 - Habitação tipologia A
- 3.05 - Habitação tipologia A1
- 3.06 - Habitação tipologia B
- 3.07 - Habitação tipologia B1
- 3.08 - Habitação tipologia B2
- 4.01 - Acesso às habitações
- 4.02 - Lavandaria
- 4.03 - Habitação tipologia A

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

- TETO:
- T1: NCS 0505 - Y80R
 - T2: Pladur
 - T3: NCS S 0900 - N
- PAREDE:
- P1: NCS S 0502 - G50Y
 - P2: Painéis de madeira de carvalho
 - P3: Azulejo
 - P4: Pedra Mármore Moleanos azul
 - P5: NCS S 0900 - N
- PAVIMENTO:
- Pv1: Pedra Mármore Kayak Beige
 - Pv2: Ladrilho
 - Pv3: Solho de madeira de carvalho
 - Pv4: Pedra Mármore Habana Dark
 - Pv5: Linóleo
 - Pv6: Microciment
 - Pv7: Kahrs Activity Floor de carvalho
- RODAPE:
- R1: Pedra Mármore Kayak Beige
 - R2: Ladrilho
 - R3: Madeira de carvalho
 - R4: Pedra Mármore Habana Dark
 - R5: Linóleo





Corte B

TIPOLOGIA A

LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- A 0.1 - Zona Comum
- A 0.2 - Cozinha

- A 1.1 - Zona de dormir
- A 1.2 - Casa-de-banho

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

T	P
Pv	R

TETO:

T1: Pladur

PAREDE:

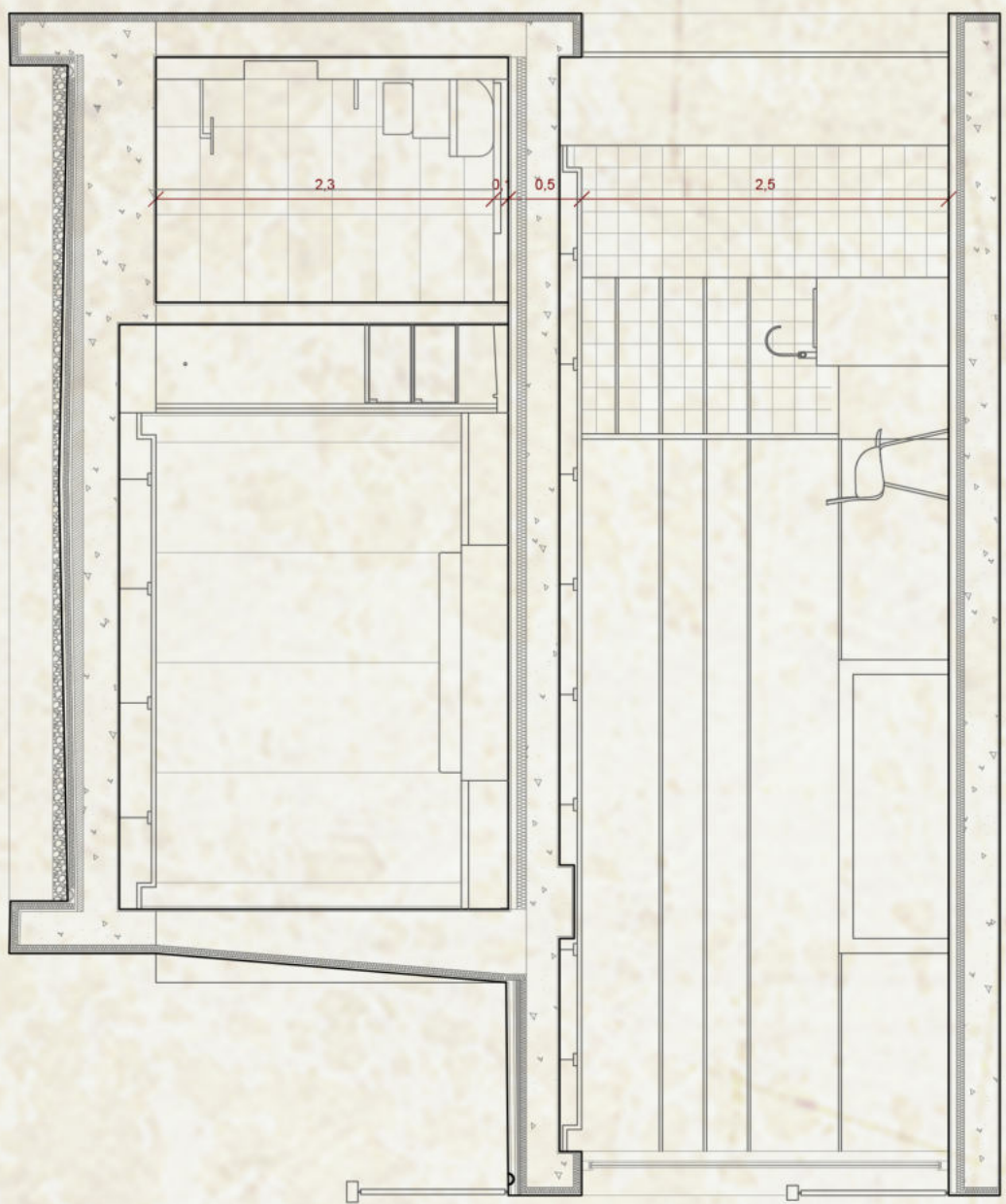
- P1: NCS S 0502 - G50Y
- P2: Azulejo
- P3: NCS S 5020 - Y90R
- P4: Pedra Mármore Habana Dark

PAVIMENTO:

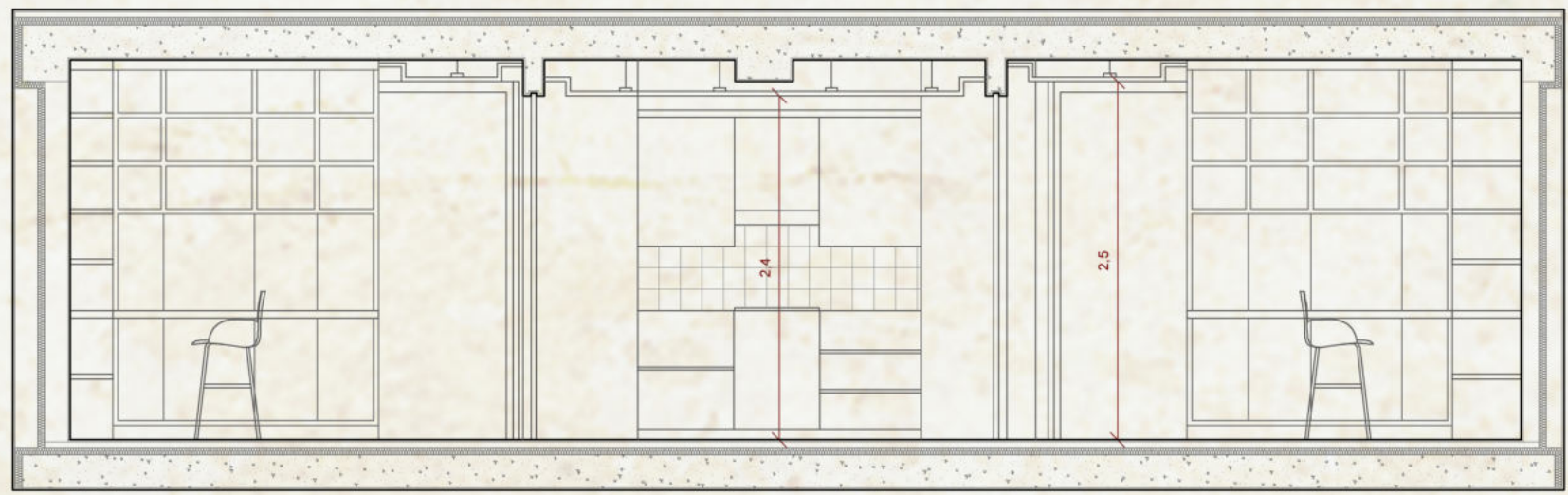
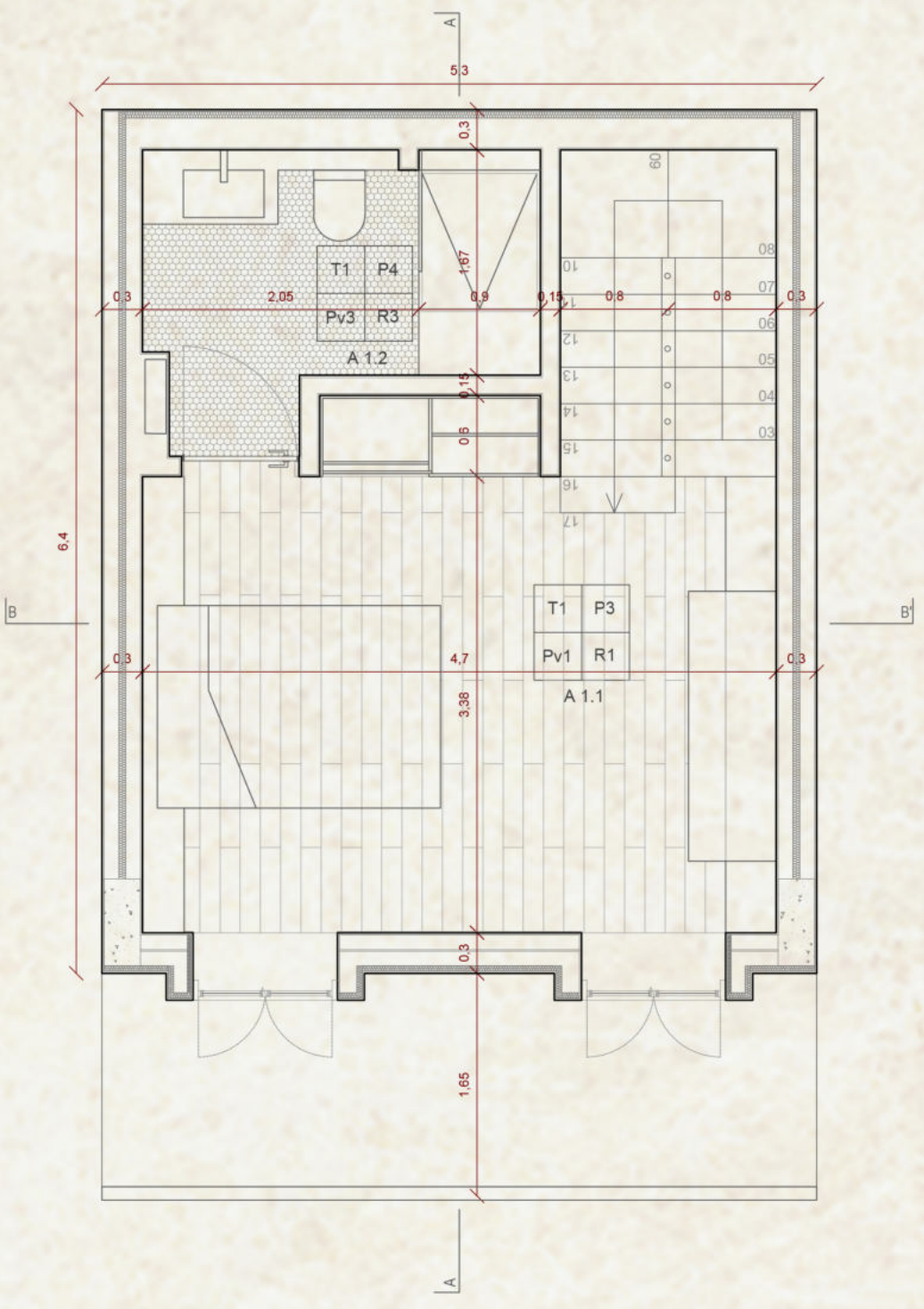
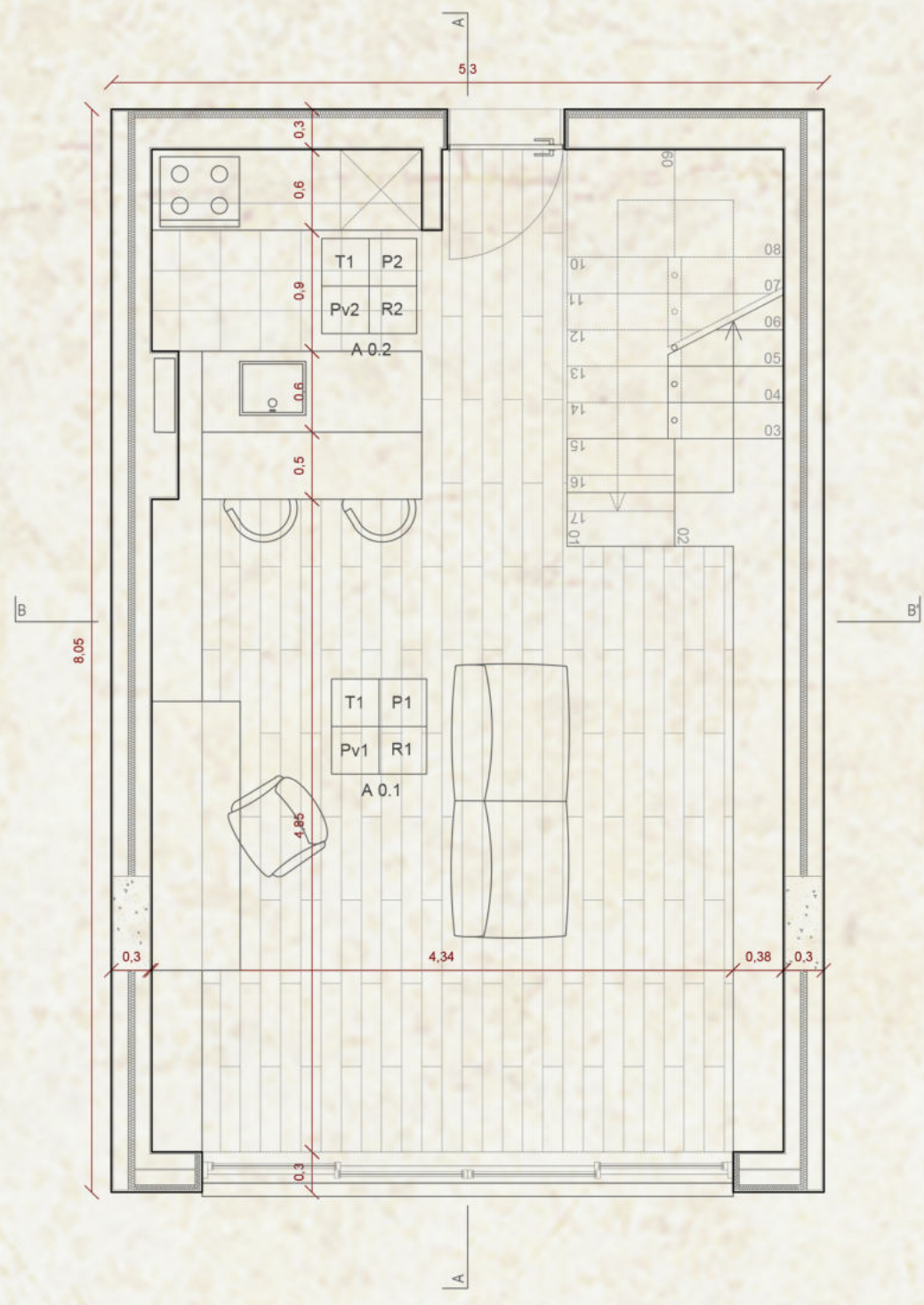
- Pv1: Soalho de madeira de carvalho
- Pv2: Ladrilho
- Pv3: Azulejo de Pasta Branca Statuario

RODAPE:

- R1: Madeira de carvalho
- R2: Ladrilho
- R3: Azulejo de Pasta Branca Statuario



Corte A



Corte B

TIPOLOGIA B

LEGENDA DE COMPARTIMENTAÇÃO:

- B 0.1 - Zona Comum
- B 0.2 - Casa-de-banho
- B 0.3 - Cozinha

- A 1.1 - Zona de dormir
- A 1.2 - Casa-de-banho

LEGENDA DE ACABAMENTOS:

T	P
Pv	R

TETO:

T1: Pladur

PAREDE:

- P1: NCS S 0502 - G50Y
- P2: Azulejo
- P3: NCS S 5020 - Y90R
- P4: Pedra Mármore Habana Dark

PAVIMENTO:

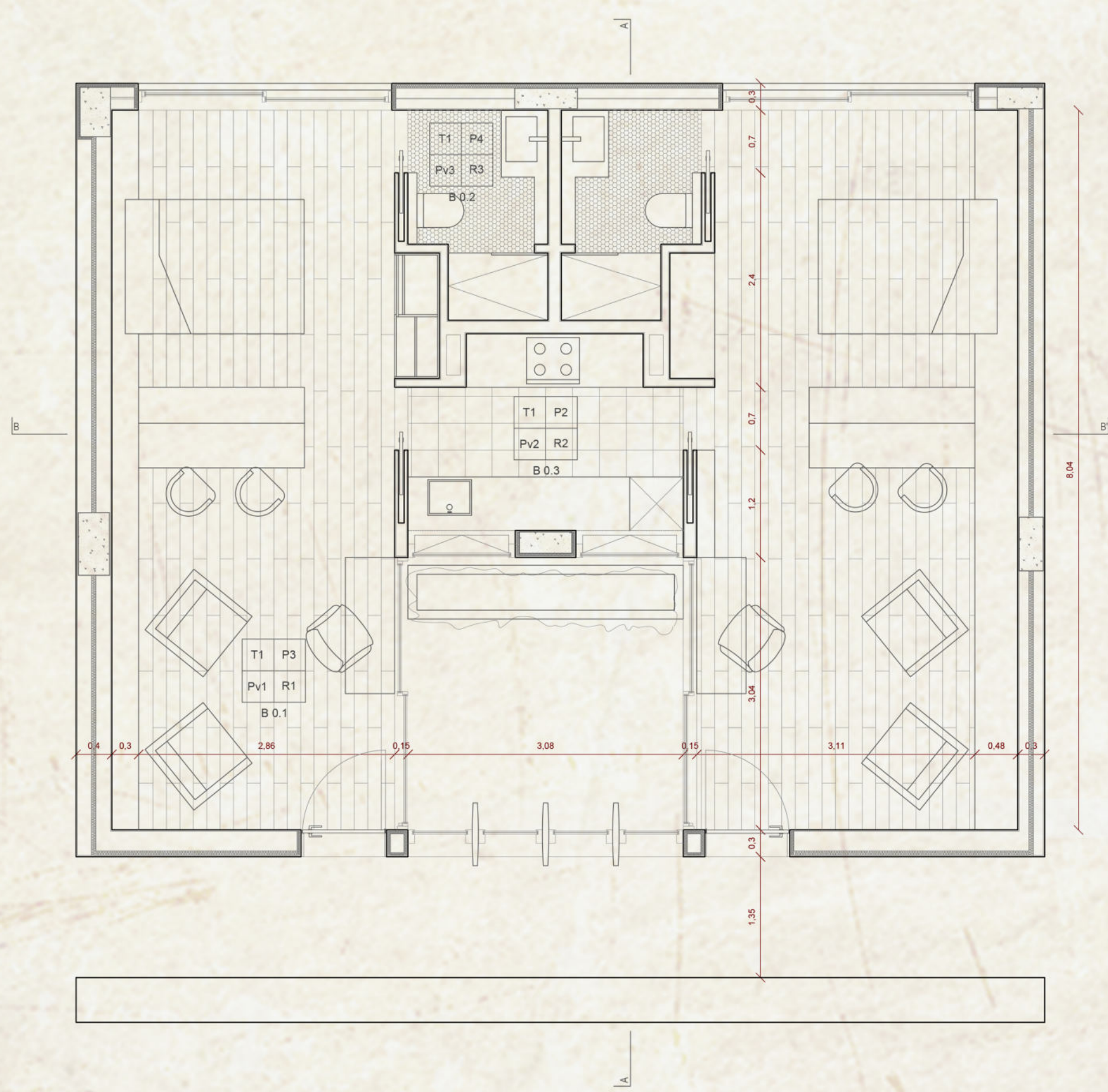
- Pv1: Soalho de madeira de carvalho
- Pv2: Ladrilho
- Pv3: Azulejo de Pasta Branca Statuario

RODAPE:

- R1: Madeira de carvalho
- R2: Ladrilho
- R3: Azulejo de Pasta Branca Statuario



Corte A



MADEIRA DE CARVALHO



MÁRMORE HABANA DARK



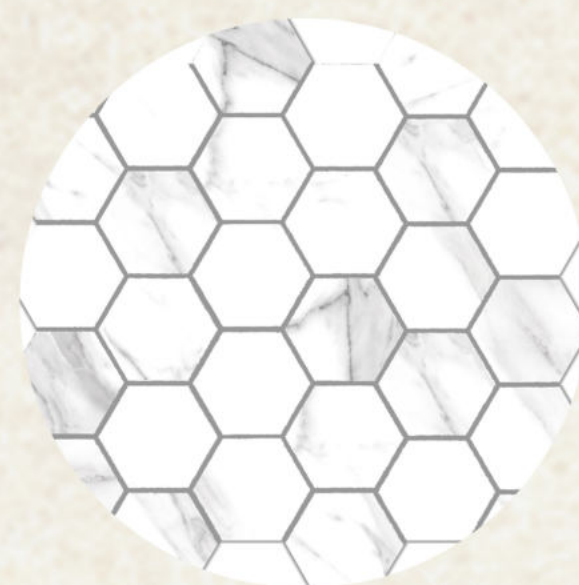
MÁRMORE PERSIAN WHITE



NCS 0502 G50Y



NCS S 4502-Y



AZULEJO DE PASTA BRANCA
STATUARIO

